

DOM WASHINGTON CRUZ
ARCEBISPO METROPOLITANO DE GOIÂNIA

Creio no Espírito Santo

MEDITAÇÃO SOBRE
A VIDA NO ESPÍRITO

VOLUME 1

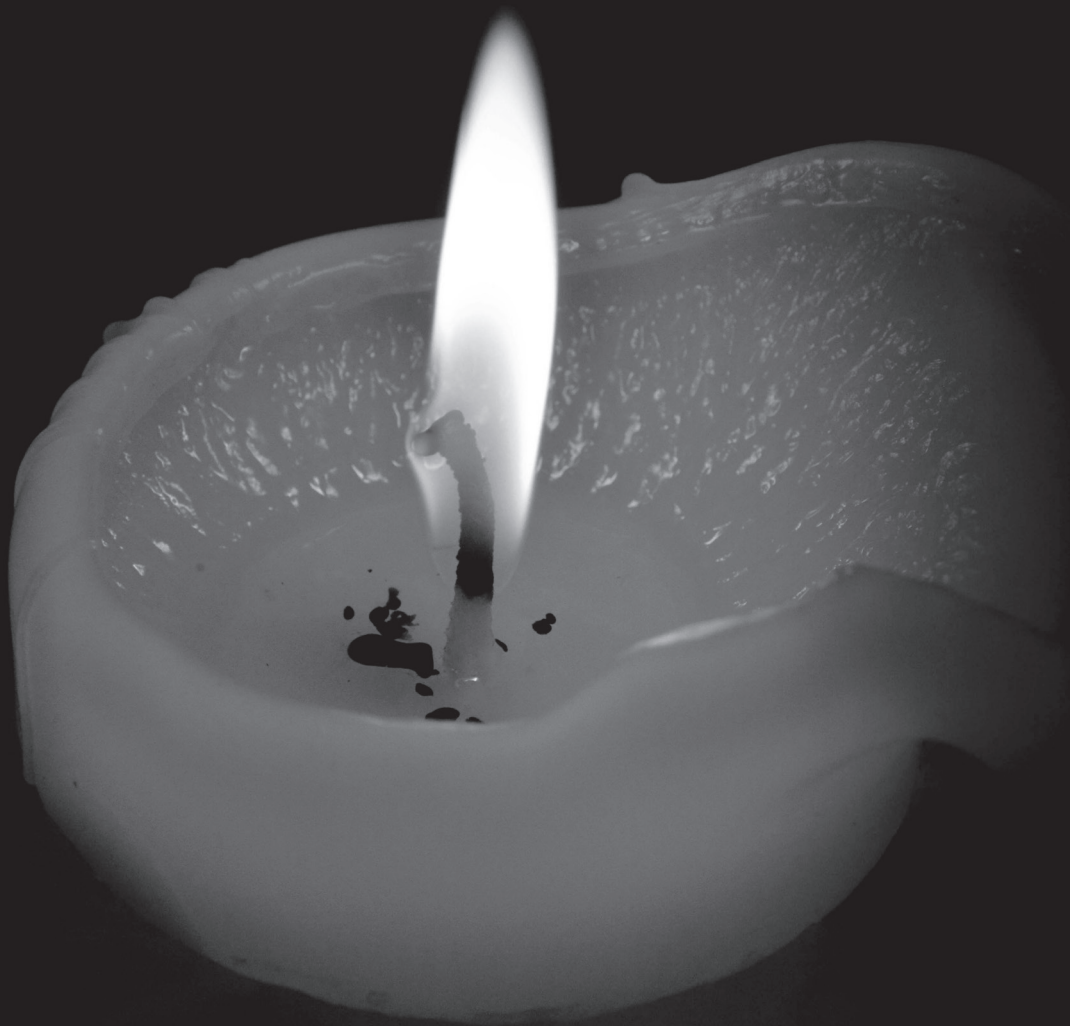
ARQUIDIOCESE DE GOIÂNIA		
2019	SÉRIE PASTORAL	17



Creio no Esp



Spirito Santo



EXPEDIENTE

Creio no Espírito Santo

Meditação sobre a vida no Espírito

Carta pastoral do arcebispo dom Washington Cruz

Edição e Revisão

Divisão de Comunicação Social da PUC Goiás - Dicom

Fotos

Acervos

Dicom - PUC Goiás

Vicom - Arquidiocese de Goiânia

Fotógrafos

Ana Paula Abrão | Wagmar Alves

Weslley Cruz | Rudger Remígio

Projeto gráfico e diagramação

Adriano Abreu - Dicom

Impressão

Divisão Gráfica e Editorial PUC Goiás

Série Cartas Pastorais

1. A Igreja em Goiânia
2. Eucaristia, Escola de amor ao próximo
3. Dia do Senhor, a Festa do Rei
4. Ensinaí a todos os povos
5. Igreja, Casa e Escola de Comunhão
6. A Evangelização na Arquidiocese de Goiânia
7. Transformar as espadas em arados
8. Sínodo Arquidiocesano: "Muitos membros um só corpo, muitos dons um só Espírito"
9. A Universidade Católica no coração do mundo
10. O Espírito Santo, a Igreja e a Liturgia
11. Ano Vocacional
12. O amor vence tudo
13. Diaconato Permanente
14. Deus te abençoe, Goiânia
15. Creio em Deus Pai
16. Creio em Jesus Cristo

INTRODUÇÃO

1. Há muitos anos, junto a outros milhões de romeiros, coloco-me em romaria rumo ao Santuário Basílica de Trindade. Antes de nós, as gerações que nos precederam também iniciaram e deram continuidade a essa romaria, durante mais de um século e meio. Deixaram-nos esse precioso legado de fé, professado pela Igreja e inculturado em nossa realidade pastoral e na religiosidade do povo. A caminhada à Trindade é bem mais que a locomoção de nosso corpo físico para um templo. É mais que uma expressão cultural ou um momento de convivência religiosa. É, sobretudo, uma caminhada espiritual, que supõe um itinerário orante e um crescimento interior. É uma caminhada comunitária que edifica e forma o povo de Deus, a Igreja viva e palpitante, unida entre si e em torno do Senhor. É uma caminhada catequética e evangelizadora, que deseja ajudar a crescer também pela formação, pelo aprofundamento litúrgico e teológico, pelo discernimento da fé cristã e de suas implicações para a vida na Igreja e na sociedade. É por isso que tenho me empenhado - nesses anos de romaria à Trindade - a estudar, refletir, meditar e a escrever sobre a Santíssima Trindade, sobre o Creio professado pela Igreja, sobre o Pai, o Filho e Espírito Santo.

Creio em Deus Pai

2. No ano de 2017, escrevi uma carta pastoral sobre a primeira pessoa da Santíssima Trindade, intitulada *Creio em Deus Pai. Meditação sobre a paternidade de Deus*. Esta verdade sublime, não a teríamos jamais conhecido se Jesus, como Ele mesmo afirma, não no-la tivesse revelado. A magna carta desta revelação é o Pai nosso. Nele o Senhor nos ensina a tratar a Deus como o Pai nosso que está nos céus.¹ Se para todos os homens Deus, enquanto criador, é Pai em sentido geral, para quem vive na graça santificante, Deus é Pai em sentido estrito, porque lhe consente de participar da mesma natureza de Deus,² e na sua própria vida com a qual se realiza um novo nascimento da pessoa batizada.³

1 Mt 6, 9 ss

2 Pd 1,4

3 Jo 3,5

Creio em Jesus Cristo

3. No ano de 2018, escrevi outra carta pastoral convidando a olharmos para Jesus, salvador do mundo, segunda pessoa da Santíssima Trindade. Essa carta pastoral intitula-se *Creio em Jesus Cristo. Meditação sobre o Filho unigênito do Pai*. As palavras de Jesus são palavras de vida para todo ser humano. Jesus anuncia a vida do mundo novo de Deus na paz e na justiça. O seu amor é até o fim, até o sofrimento e à morte, englobando assim toda a nossa realidade humana e libertando-nos em profundidade. Com a Ressurreição de Jesus, o Pai se torna nossa garantia de vida nova e da verdadeira liberdade.

Creio no Espírito Santo

4. Em 2019, desejei ouvir com urgência o chamado da fé da Igreja, “sempre antiga e sempre nova”, para nos aproximar mais da pessoa e da ação do Espírito Santo Paráclito, “Senhor que dá a vida”. Por isso, essa carta pastoral tem como título *Creio no Espírito Santo. Meditação sobre a vida no Espírito*. “A partir de Pentecostes, a Igreja experimenta de imediato as fecundas irrupções do Espírito, vitalidade divina que se expressa em diversos dons e carismas⁴ e variados ofícios que edificam a Igreja e servem à Evangelização.⁵ Por estes dons do Espírito, a comunidade estende o ministério salvífico do Senhor até que Ele de novo se manifeste no fim dos tempos.⁶ O Espírito na Igreja forja missionários decididos e corajosos como Pedro⁷ e Paulo,⁸ indica os lugares que devem ser evangelizados e escolhe aqueles que devem fazê-lo⁹”.¹⁰

4 1Cor 12, 1-11

5 1Cor 12, 28-29

6 1Cor 1, 6-7

7 At 4, 13

8 At 13, 9

9 At 13,2

10 DA n° 150

Saudação

5. “Que o Deus da Esperança vos cumule de toda alegria e paz em vossa fé. A fim de que a vossa esperança transborde pela ação do Espírito Santo”.¹¹ Com estas palavras de São Paulo - palavras de bênção e de votos de felicidade -, invoco a Deus para cada um dos romeiros do Divino Pai Eterno, para toda a comunidade arquidiocesana e para você a paz e a alegria que nascem do conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo, que derramou em nossos corações o Espírito Santo. Paz e alegria que são o penhor da felicidade que esperamos.¹²

11 *Rm 15, 13*

12 *Rm 5, 1-5*

I – CAPÍTULO

QUEM É O ESPÍRITO SANTO

6. Não é fácil escrever sobre o que não vemos com os olhos, nem tocamos com as mãos, nem medimos com o metro, nem pesamos na balança, nem encontramos na internet. Já pensaram que as coisas mais importantes escapam aos nossos olhos? “O essencial é invisível aos olhos”.¹³ Entretanto, não é porque não vemos algo que, por isso, esse algo não exista. Se isto acontece com as coisas humanas - quais sejam a dor e a alegria, o amor e o ódio, a tristeza e o sorriso -, tudo o que se refere a Deus é uma realidade misteriosa, mais alta e bem mais complexa para ver, sentir e explicar. Ainda assim, é preciso o esforço de nossa inteligência e a abertura de nosso coração para compreender e nominar, com palavras, conceitos, comparações e diversidade de linguagens, aquilo que está além do alcance de nossos olhos. Coloquemo-nos, então, a refletir e a meditar sobre quem é o Espírito Santo.

Os nomes bíblicos atribuídos ao Espírito Santo

7. O Espírito Santo tem este nome próprio, o mais usado no Novo Testamento; mas é chamado também com outros nomes: Paráclito ou Consolador,¹⁴ o Espírito da verdade,¹⁵ o Espírito de Cristo,¹⁶ o Espírito do Senhor,¹⁷ o Espírito de Jesus,¹⁸ em clara referência a Cristo ressuscitado. É denominado também Espírito de Deus,¹⁹ a Promessa do Pai²⁰ e o Prometido,²¹ Espírito de filhos adotivos,²² e Espírito da glória.²³

13 *A frase, bastante conhecida e citada, é de Exupéry, na obra O pequeno príncipe.*

14 *Jo 14, 16-26*

15 *Jo 15, 26; 16, 13*

16 *Rm 8, 11*

17 *2Cor 3, 17*

18 *At 16, 7*

19 *Rm 9, 14*

20 *At 1,4; 2,33*

21 *Ef 1, 13; Gl 3, 14*

22 *Rm 8, 15; Gl 4, 5-6*

23 *1Pd 4, 14*

Quem é o Espírito Santo?

8. A Doutrina da Igreja nos ensina que o Espírito Santo é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, consubstancial ao Pai e ao Filho, isto é “da mesma natureza” e igual na “dignidade” e que recebe “a mesma adoração e glória”. Assim o afirma o prefácio da Missa da Santíssima Trindade: “Tudo o que revelastes e nós cremos a respeito de vossa glória atribuímos igualmente ao Filho e ao Espírito Santo”. Todavia, nós cristãos ocidentais, talvez precisemos desenvolver mais amplamente o estudo e a Teologia acerca do Espírito Santo. Nem sempre mantivemos com o Espírito Santo uma relação consciente e alegre, não obstante Ele habite em nós, reavive a nossa fé e nos mova a chamar a Deus de Pai e a confessar Cristo como o Senhor. O Espírito Santo não falará por si (Jo 16,13), mas dará a perceber a sua presença suave e estimulante em todos os âmbitos da nossa vida. O Espírito Santo não é um bem que se possui, nem uma força a suscitar com alguma técnica psicológica. Ele é alguém, uma pessoa. Ele é Senhor e o nosso espírito é livre e soberano à sua imagem. A nossa personalidade, a soberania do nosso espírito é a imagem do Espírito que é o Senhor.

O Espírito Santo nos dá a vida

9. A multiplicidade dos vários dons que animam a nossa existência, bem como a vida e a obra da Igreja, permite entrever os traços da sua única fonte: O Espírito Santo. Mas não podemos descobri-lo diretamente, como foi possível ao Filho de Deus, que tendo se feito homem, nos fez contemplar a glória de Deus.²⁴ E não o percebemos nem mesmo na biografia de uma pessoa identificável, porque a sua história é a nossa história, é a história do povo de Deus e a história do mundo. Por isso, às vezes, se fala de um “Deus desconhecido”. Somente por meio das manifestações a fé pode reconhecer progressivamente a sua misteriosa identidade.²⁵ Reconhecemos, portanto, aquele que se doa, o Espírito Santo, através dos dons que Ele nos oferece.
10. O Espírito Santo dá a vida, professamos no Símbolo da Fé.²⁶ Ele não

24 Jo 15; 2Cor 3, 18; 1Jo 1, 1-3

25 São Gregório Nazianzeno, *Trigésimo discurso sobre o Espírito Santo*, nº 26-27.

26 Concílio de Constantinopla, nº 381. *O credo niceno-constantinopolitano, ou Símbolo da Fé, é uma*

é um intermediário, uma força ou uma luz saída de Deus, mas o próprio Deus. Contém e encerra assim o universo e toda a duração do mundo; mora em si mesmo e renova o universo de época em época; ele é o mais móvel do que qualquer movimento.²⁷

Tocados pela plenitude da luz e do amor

11. O Novo Testamento caracteriza o Espírito Santo particularmente com a santidade, ou seja, com a plenitude da luz e do amor que é o próprio Deus, que nos toca e transforma. Ele próprio é a santidade: é o Espírito Santo. Se não fosse Deus, teríamos alguma participação em coisas ou em forças surpreendentes, mas não seríamos transfigurados também no nosso ser para nos tornarmos filhos de Deus.²⁸ Somente o próprio Deus pode estar presente no interior de nossa pessoa, no centro da nossa inteligência e da nossa liberdade, para iluminar-nos e libertar-nos.²⁹ Ele é Deus em todos nós.³⁰

A linguagem simbólica

12. A Sagrada Escritura, ao nos instruir sobre o Espírito de Deus, o Espírito Santo, recorre a símbolos, ou seja, compara o Espírito a coisas materiais, mas que fogem ao nosso controle, como a água, o vento, o fogo, as línguas, uma nascente, a pomba, o óleo, símbolos esses que podem nos ajudar a ter alguma ideia acerca do mistério do Espírito de Deus.

O símbolo da água no Antigo Testamento

13. No Antigo Testamento a água já era símbolo do Espírito, como o será no Novo Testamento. Era a força geradora de Deus que transforma o mundo, como lemos em Isaías: “Assim fala o Senhor:

declaração orante sobre as principais verdades professadas pela fé cristã, aceitas pela Igreja Católica, a Igreja Católica Ortodoxa, as Igrejas ortodoxas orientais, a Igreja Anglicana, a Igreja Luterana e as demais Igrejas cristãs evangélicas históricas.

27 *Sb 7, 16-27*

28 *É o que nos ensina a catequese dos Santos Padres. Santo Atanásio, Primeira Carta a Serapião, 22-24; São Basílio de Cesaréia, Sobre o Espírito Santo, IX 22-23; São Gregório Nazianzeno, Trigesimo primeiro discurso, nº 4.*

29 *Dídimo de Alexandria, Tratado sobre o Espírito Santo, 258-264.*

30 *Ef 4,6*

‘Eu vou derramar água sobre a terra sedenta e riachos sobre o solo ressecado; derramarei meu Espírito sobre tua posteridade e minha bênção sobre teus descendentes. Crescerão como erva junto à fonte, como salgueiros à beira d’água’.³¹

14. O Espírito Santo está presente desde o início da criação: “Ora a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e um sopro de Deus pairava sobre a superfície das águas”.³² A terra vazia e informe se torna fecunda pelo poder vivificante do Espírito. A água está ligada, desde as origens, à fonte da vida, mas é o Espírito Santo que lhe confere tal capacidade. Tertuliano assim se exprime: “O Espírito de Deus pairava sobre as águas, ele que devia fazer regenerar os batizados. É assim que a natureza da água, santificada pelo Espírito, recebeu, por sua vez, a missão de ser santificadora”.³³

Jesus, a “água viva”

15. Em dois momentos Jesus fala da água do Espírito Santo, tanto no colóquio com a Samaritana, como no último dia da festa das Tendias.³⁴ “Uma mulher samaritana chegou para tirar água. Jesus lhe disse: “Dá-me de beber”. Diz-lhe, então, à samaritana: “Como, sendo judeu, tu me pedes de beber, a mim que sou samaritana? Os judeus, com efeito, não se dão com os samaritanos”.³⁵ Este texto nos introduz nas afirmações de Jesus que resultam específicas para a nossa reflexão sobre o Espírito Santo. Jesus respondeu à samaritana: “Aquele que bebe desta água terá sede novamente; mas quem beber da água que eu lhe darei, nunca mais terá sede”.³⁶ “Nossos pais adoram nesta montanha, mas vós dizeis: é em Jerusalém que está o lugar onde é preciso adorar...”. Jesus lhe disse: “Crê, mulher, vem a hora em que... os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade”.³⁷ “No último e mais importante dia da festa [das

31 Is 44, 2-4

32 Gn 1, 2

33 Tertuliano, *De Baptismo*, 2, PL 1, 1204 A

34 *A Festa das Tendias era a ocasião em que os judeus agradeciam a Deus pela colheita e para suplicar pelo novo ano. A água, então, era identificada como essencial para a fecundidade dos campos e para a existência da vida.*

35 Jo 8, 7-9

36 Jo 4, 13-14

37 Jo 4, 20-23

Tendas], Jesus, de pé, disse em alta voz: - Se alguém tem sede, venha a mim e beba quem crê em mim!" - Conforme diz a Escritura: 'Do seu interior jorrarão rios de água viva'. "Ele falava do Espírito que deveriam receber os que acreditassem Nele; pois não havia ainda o Espírito porque Jesus ainda não fora glorificado".³⁸ (Jo 7, 37-39).

16. Esse episódio da samaritana deve ser compreendido na ótica mistagógica, onde somos introduzidos no caminho da fé e no seguimento a Jesus. Enquanto Jesus faz o colóquio com a samaritana, também forma para o discipulado e nos encaminha às realidades da nova economia salvífica. Nas palavras de Jesus está presente o acento escatológico dos últimos tempos, quando afirma que "quem bebe a água que Eu lhe der, não terá mais sede". Na concepção cristã se conjugam tempo e eternidade, como aconteceu no Verbo encarnado, quando o Eterno e se temporalizou.

Saciados na fonte da vida

17. "Quem tem sede venha a mim e beba", é um convite de Jesus a saciar-se na fonte da vida, daquela vida que Ele dispensou na sua existência terrena e que confiou à Igreja: a vida que nasce da escuta da palavra, do batismo e da eucaristia, da docilidade ao Espírito, da esperança do céu. "Quem tem sede[...]": a linguagem de Jesus indica um estado de ânimo próprio de todos os homens e mulheres, que tem sede não apenas de água, mas também de alegria, de paz ou de glória e de prazer. A qualidade da sede e dos desejos depende da autenticidade de cada um.
18. Se há o desejo de verdadeira alegria, de fidelidade a Deus e si mesmo, torna-se necessário seguir o convite de Jesus e saciar a sede com o dom do Espírito. Entretanto, também é preciso discernir adequadamente, pois há uma sede que pode condicionar os crentes em Cristo: aquela que conduz à alienação, que nos torna escravos dos instintos e da " vaidade do mundo". Neste caso, a edificação de nossas vidas acaba se construindo sobre a areia e não sobre a rocha, como alerta o Evangelho.

O símbolo do vento (ruah)

19. Para buscarmos compreender quem é e o que faz o Espírito, podemos evocar uma comparação ao vento. O vento joga as nuvens para todas as direções, levanta a poeira das estradas, faz rodar quase minúsculas pás de moinho, conduzindo as sementes de paineira para que pousem em outros terrenos. O vento está em todo lugar, mas não o vemos; é o hóspede que não foi convidado! Sabe-se apenas que veio em visita, porque sacudiu portas e janelas até escancará-las bruscamente, enquanto o jardim está coberto de ramos partidos. Assim é o Espírito: é forte, não se deixa aprisionar e é misterioso como o vento. Está aqui, está lá, mas se afasta sempre muito depressa. Às vezes é até um pouco estranho. Gélido ou quente como um vento de verão. Coloca-nos as asas aos pés e nos torna leves. Mas pode fazer também alguma obstrução com teimosia. Igualmente, o espírito-sopro está em nós: faz viver, penetra os pulmões do recém-nascido, deixa sem vida o moribundo.

O sopro da vida

20. O Antigo Testamento sabia de tudo isso. Não foi o Espírito que enxugou o Mar Vermelho e que entrou como sopro de vida nos ossos que cobriam a planície de Ezequiel? É ele, diz o salmista, que desencadeia a tempestade e destroça os navios.³⁹ A língua hebraica, para dizer vento e espírito, usa a mesma palavra: RUAH. Ou seja, o Espírito é como o vento. Mas por que se compara o Espírito Santo ao vento?

21. O vento é como um respiro imenso, e nós não podemos viver sem respirar. Vivemos porque respiramos. E respiramos até mesmo quando estamos dormindo. Nós nem pensamos nisso. O símbolo do vento é muito forte e significativo. Para que haja vida, o nosso corpo precisa respirar. Podemos viver horas, dias e até semanas sem comer, mas sem respirar, alguns poucos minutos. O oxigênio é o mais importante para a nossa vida. Acontece o mesmo com a nossa vida espiritual. Sem o Espírito Santo não há vida da alma. Se nos separamos do Espírito Santo, não temos a vida de Deus, estamos mortos espiritualmente. Todos nós respiramos o mesmo ar; estamos, portanto, em comunicação com todos os seres humanos. Quando

respiramos, o ar entra em nossos pulmões, mas não podemos separar o nosso ar daquele que os outros respiram. Da mesma forma, o Espírito de Deus não admite divisões. Quem O recebe deve estar em comunhão com todos os filhos de Deus, pois o Espírito que entra na nossa vida é o mesmo. Ele abre o nosso coração a todos os homens e mulheres, pois todos somos irmãos, filhos do mesmo Pai que está nos Céus, Pai que nos ama, e quer que nos amemos, nos respeitemos e nos ajudemos uns aos outros.

O símbolo do fogo

22. O Espírito assemelha-se comparativamente ao fogo. Os filósofos pré-socráticos reconheciam no fogo um dos quatro elementos essenciais da natureza e tais elementos compunham a compreensão acerca do Ser. A linguagem cotidiana vincula o fogo ao entusiasmo e à energia. “Perdeu o fogo sagrado”, diz-se corriqueiramente sobre alguém que perdeu a motivação e a garra.

O encanto que fascina

23. O fogo encanta. Quem não fica raptado pelas chamas de um fogo aceso? O fogo une. Todos sentam-se espontaneamente ao seu redor, quando faz muito frio, sem que haja necessidade de convite. O mesmo se compreende analogamente sobre o Espírito: aquece, aproxima e une as pessoas. O fogo não é somente fascinante e encantador. É também poderoso. Tira as impurezas dos minerais; endurece o barro para transformá-lo em cerâmica ou porcelana; pode destruir tudo sem reservas. É eficaz.

O entusiasmo e o vigor

24. O fogo também expressa a força do entusiasmo. De quem fala com entusiasmo, de fato, não se diz que fala fogosamente, que inflama com a sua palavra? Em Pentecostes, houve línguas de fogo (At 2,3). Pela figura do fogo. O Espírito pode inflamar o coração: “Não ardia o nosso coração quando Ele nos falava pelo caminho, quando nos explicava as Escrituras?”⁴⁰

O símbolo das línguas

25. Por que falar em línguas era a evidência do Espírito Santo naquelas três passagens do livro Atos dos Apóstolos? Atos, capítulo 2, registra os apóstolos sendo batizados no Espírito Santo e recebendo o Seu poder para proclamar o Evangelho. Os Apóstolos eram capazes de falar em outras linguagens (línguas) para que pudessem compartilhar a verdade com as outras pessoas em suas próprias linguagens. Atos, capítulo 10, registra o Apóstolo Pedro sendo enviado a compartilhar o Evangelho com pessoas que não eram judaicas. Pedro e os outros Cristãos da primeira geração, sendo judeus, teriam dificuldade em aceitar gentios (pessoas que não eram judaicas) na igreja. Deus capacitou os gentios a falarem em línguas para demonstrar que eles tinham recebido o mesmo Espírito Santo que os Apóstolos tinham recebido.⁴¹

O dom de falar em línguas

26. Atos (10:44-47) descreve: “Ainda Pedro falava estas coisas quando caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. E os fiéis que eram da circuncisão, que vieram com Pedro, admiraram-se, porque também sobre os gentios foi derramado o dom do Espírito Santo; pois os ouviam falando em línguas e engrandecendo a Deus. Então, perguntou Pedro: ‘Porventura, pode alguém recusar a água, para que não sejam batizados estes que, assim como nós, receberam o Espírito Santo?’” Mais tarde Pedro se refere a esta ocasião como prova de que Deus estava realmente salvando os gentios.⁴² Mas, falar em línguas em nenhum lugar da Bíblia é apresentado como um dom pelo qual todos os Cristãos devem esperar receber quando aceitam Jesus Cristo como seu Salvador e são, portanto, batizados no Espírito Santo. Na verdade, de todos os registros de conversões no Novo Testamento, apenas dois têm em seu contexto o falar em línguas. Falar em línguas era um dom milagroso que tinha um propósito específico por um certo período de tempo. Não era, e nunca foi, a evidência do recebimento do Espírito Santo.

O símbolo da nascente

41 At 10, 47; 11, 17

42 At 15, 7-11

27. O Espírito se assemelha comparativamente a uma nascente. Nada é tão misterioso e tão fiel ao próprio lugar como uma nascente. É raro que se saiba de onde venha. Ela está lá, ao improviso, esguicha de duas pedras ou de uma moita de musgo. Apraz-nos sentar ao lado e escutá-las porque as nascentes conhecem o segredo do murmúrio amável e encantador. As nascentes têm fascínio e são vivas. Os antigos, de fato, as povoavam de graciosas divindades, ninfas e serpentes.
28. As nascentes nos dão também vida e saúde. Não são como as águas estagnadas e pútridas. Não são jamais pérfidas. E nem também perigosas como o mar que ama os desafios e diz: - “Vem medir as forças comigo!” Não, as nascentes não matam ninguém; preferem encantar. A paciência e a fidelidade da nascente não têm limites. Você pode tranquilamente ir dormir, elas permanecem acordadas e, de manhã, estão no seu lugar, frescas e repousadas. A nascente é, pois, como o Espírito: misteriosa, paciente e fiel, graciosas e inesgotável no seu encantador murmúrio.

O símbolo da pomba

29. É esta uma imagem representativa do Espírito que encontramos com frequência em muitas igrejas no mundo inteiro, especialmente nas antigas igrejas europeias e orientais, nas altas cúpulas ou sobre as coberturas de antigos púlpitos. A pomba é uma imagem magnífica do Espírito não porque voa, mas pela graça do seu voo. Uma pomba é sempre graciosas, voe ou não. E não voa caprichosamente como a andorinha, nem bamba agressiva como um falcão adestrado para a caça e nem sequer saltita como o pássaro. Além disso, durante o ano todo, “tuba amorosamente”, como lemos no Cântico dos Cânticos. Por isso, também simbolizou bíblicamente o povo querido: “Israel, minha pombinha!”. E veio do Pai, descendo sobre Jesus no rio Jordão.

O símbolo do óleo

30. O Espírito assemelha-se também comparativamente a um bálsamo odoroso e a um óleo que cura. Nada desmoraliza mais o homem do que o sofrimento. Nada o conforta mais do que o melhoramento e a

cura. Torna-se outro ser: o bom humor, “o espírito positivo” retorna, tudo volta a estar em ordem. Assim, cada período de convalescência é um tempo bendito: percebe-se que as forças vitais estão mesmo retornando. Também um óleo pode ser perfumado. Ora, o perfume doa bem-estar e segurança. Cria um ambiente agradável e íntimo. Já o saltério dizia: “Vede como é bom, como é agradável habitar todos juntos como irmãos. É como o óleo fino sobre a cabeça, descendo pela barba, a barba de Aarão, sobre a gola de suas vestes”.⁴³

31. Estas diversas imagens representativas do Espírito estão depositadas na consciência coletiva da humanidade. Pertencem “à língua materna”. Mas essa representação simbólica não significa que se trate do Espírito Santo. Não é ainda o Espírito de Deus, nem aquele de Jesus. Com efeito, não é ainda um espírito-pessoa. Não é alguém, mas alguma coisa que representa e que evoca. Isso não tira a importância que se tenha à nossa disposição um conjunto de imagens simbólicas, de palavras e de experiências existenciais, em uma palavra, uma linguagem específica e figurada para falar do Espírito Santo. São Gregório dizia: “O Espírito não manifesta sua presença apenas pela figura da pomba, mas também pela do fogo. Pela figura da pomba mostrou sua simplicidade, pela figura do fogo, o zelo. Manifesta-se pela pomba e pelo fogo, porque aqueles que dele estão cheios guardam a mansidão da simplicidade e, assim, não impedem que se acenda o zelo da retidão contra a culpa dos delinquentes”.⁴⁴

43 *Sl 133*

44 *São Gregório. Moralia sobre Jó.*

II – CAPÍTULO

A PRESENÇA DO ESPÍRITO SANTO

A Santíssima Trindade

32. O relato bíblico sobre o batismo de Jesus evoca a cooperação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, no começo da missão de Jesus Cristo.⁴⁵ (cf. Mc 1,9-11). O testemunho apostólico revela constantemente a relação das três pessoas divinas na economia da salvação, ou seja, na história da obra fiel, variada e coerente de Deus no tempo do seu povo, naquele da inteira criação e naquele da nossa existência pessoal. “Destá maneira aparece a Igreja toda como o povo reunido na unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo”.⁴⁶ “A Igreja [ensinava São Cipriano, 210-258 dC] é um povo congregado na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.⁴⁷
33. A estrada para o conhecimento de Deus vai do Espírito único através do Filho único até o Pai único e, em sentido contrário, a bondade essencial, a santidade natural, a dignidade real descobrem pelo Pai através do Filho único até ao Espírito.⁴⁸ Esta economia, na qual Deus se revela e se doa no tempo dos homens, manifesta a própria vida de Deus e nos permite enxergar o ser de Deus através do seu agir. Deus não ostenta apenas uma trindade de ações, mas a sua própria vida e intercâmbio entre três Pessoas soberanas.
34. O Pai, o Cristo e o Espírito agem em nós e conosco de modo diversificado. O Pai nos cria e nos mantém na existência; toma cuidado de nós (providência). O Filho se manifesta através da sua humanidade aos Apóstolos que o viram, escutaram e tocaram.⁴⁹ Sacramentalmente, nós fazemos parte de sua humanidade

45 *Mc 1, 9-11*

46 *LG, nº 4*

47 *S. Cipriano. De oratione dominica, 23PL4, 5530*

48 *São Basílio de Cesareia. O Espírito Santo, XXIII, 47; Irineu de Lion. Demonstração Apostólica, 7*

49 *Jó 1,14; 1Jo 1, 1-3*

santificada, ou seja, do seu corpo e do seu sangue.⁵⁰ O Espírito Santo se manifesta em nós com a luz e a força que atuam nos nossos corações, na atividade da Igreja e no mundo. Neste sentido, Cristo age em nós através do Espírito que procede do Pai e do Filho por meio da fé e da caridade que infunde nos nossos corações.⁵¹

A profissão de fé e a doxologia ao Espírito

35. Para compreender a identidade misteriosa do Espírito e a sua relação pessoal com o Pai e o Filho, a teologia tentou evocá-lo com imagens diferentes e também de articulá-lo conceitualmente. Mas, enfim, o nosso conhecimento pelo mistério e a verdade se exprimem mais respeitosa e mais rigorosamente na profissão trinitária, que proclamamos em comunhão com todas as Igrejas.⁵²

Glória ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo

36. A profissão de fé não é uma teoria, mas uma doxologia, o louvor por meio do qual damos glória a Deus. Nós nos deixamos impressionar pela santidade de Deus Pai, que nos santifica com o seu Espírito no Filho. Da mesma forma o admiramos no final de cada salmo e de cada dezena de invocações a Maria. Em união com o universo de todos os seres, além do nosso mundo habitado, cantamos no coração da oração eucarística: “Santo, santo, santo é o Senhor, Deus do universo. Os céus e a terra proclamam a vossa glória”. Como exprimem as doxologias finais da liturgia, o Espírito que anima os nossos corações, na Igreja, nos permite reconhecer a santidade das três Pessoas da Santíssima Trindade. Com efeito, a glória é irradiação da santidade de Deus no mundo e em nós. Nós a refletimos através da ação de graças e da pregação.⁵³ E a proclamamos como graça, amor e unidade: “A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do Pai e a comunhão do Espírito Santo estejam sempre convosco.”⁵⁴ (2 Cor 13,13).

50 Jo 6, 56

51 Ef 3, 16-17

52 São Gregório Nazianzeno, *Trigésimo discurso*, 31-33

53 2Cor 3, 17-18; 4, 6

54 2Cor 13,13. Cf. também *Au soffle de l'Esprit, vers l'na 2000*, LICAP, Bruxelles, p. 34. Traduzido para o italiano por Franca Matteo.

O Espírito nos renova pelo amor

37. A propósito de São Francisco, o seu primeiro biógrafo escreve: “Quando o mundo estava cansado, Deus nos enviou um homem novo”.⁵⁵ Que coisa pode realizar em nós o espírito de amor, o constatamos num santo como Francisco, mas também em nosso ambiente. A humanidade floresce pelo amor. Quando o nosso coração é provado na sua esperança⁵⁶ ou quando é marcado pela angústia da existência,⁵⁷ como testemunha Paulo, o Espírito Santo abre aquele coração à realidade mais profunda do amor de Deus. “E a esperança não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.⁵⁸ O que há de mais belo no nosso coração, é certamente a aspiração inextinguível a ser bons. Mais, esta aspiração é tão grande e profunda que percebemos logo que ele nos foi dada. Isto acontece com o contato do Espírito Santo que desperta tal amor nos nossos corações. E este contato, na nossa psique, se traduz efetivamente no desejo de viver concretamente este amor.

A oração é dom do Espírito

38. O dom permanente do Espírito Santo de Deus, o amor que vem de Deus, se produz especialmente na oração. E a própria oração é um dom do Espírito Santo! Do mesmo modo também “o Espírito Santo socorre a nossa fraqueza. Pois não sabemos o que pedir como convém; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis”.⁵⁹ Quando, por exemplo, no silêncio da meditação, abrimos o nosso coração a uma expectativa calma e corajosa, não deixa de se fazer ouvir uma palavra que brota da mensagem de Jesus: *Abbá, Pai!*⁶⁰ Assim aprendemos docemente a confiar a nossa vida à guia benéfica de Deus.

55 *São Boaventura, Leggenda maggiore, XII.*

56 *Rm 3, 3-5.*

57 *Rm 8, 15.*

58 *Rm 5, 5.*

59 *Rm 8, 26.*

60 *Rm 8, 15.*

O amor ao outro constrói a paz

39. O dom por excelência do Espírito Santo é o amor recíproco.⁶¹ Neste amor reside a nossa liberdade. E Cristo nos libertou para que ficassemos livres.⁶² Ora, ou abusamos dessa liberdade vivendo-a só para nosso interesse, arriscando a “destruir-nos”⁶³, ou então vivemos conforme o Espírito, tendo sempre presente esta palavra decisiva: “Amarás o próximo como a ti mesmo”.⁶⁴ Então desabrochamos sempre mais no amor, na alegria e na paz.⁶⁵ Se vivemos assim, no amor para com os outros, a paz cresce efetivamente no nosso coração, na vida social e entre os povos. Assim, a nova cultura do amor se realiza até nas estruturas. E estes frutos do Espírito amadurecem, talvez, de modo de todo particular na oração, onde é Deus a tomar a iniciativa. Por isso, é importante - nesse tempo eclesial propício em que refletimos sobre o Espírito Santo - procurar fazer crescer em nossas comunidades, como em nossa vida pessoal, a oração autêntica, nutrida pela palavra de Deus.⁶⁶ E os nossos olhos, então, se abrirão sempre mais aos nossos irmãos e a toda humanidade.

Vem, Espírito Santo!

40. Todos conhecemos a invocação: “Vem Espírito Santo, enchei o coração dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do vosso amor”, versículo do aleluia da Missa na solenidade de Pentecostes e que segue a belíssima sequência atribuída a Estevão L. de Canterbury ⁶⁷:

“Vinde, Pai dos pobres, dai aos corações vossos sete dons.
Consolo que acalma, hóspede da alma, doce alívio, vinde.
No labor descanso, na aflição remanso, no calor aragem.
Sem a luz que acode, nada o homem pode, nenhum bem há nele.
Ao sujo lavai, ao seco regai, curai o doente.
Dobrai o que é duro, guiaí no escuro, o frio aquecei.

61 1Cor 12,31.

62 Gl 5, 1.

63 Gl 5, 15.

64 Gl 5, 14.

65 Gl, 5, 22.

66 Jo 14, 26.

67 Viveu entre 1150 a 1228. Foi arcebispo da Cantuária desde 1207. É autor da belíssima *Veni, Sancte Spiritus*

Dai à vossa Igreja, que espera e deseja, vossos sete dons
Dai em prêmio ao forte uma santa morte, alegria eterna!
Enchei, luz bendita, chama que crepita, o íntimo de nós!”

Não fomos abandonados, nem esquecidos...

41. Uma e outra fórmula dessas duas orações acima alimentam a convicção dos crentes acerca dos modos verdadeiramente privilegiados pela auto comunicação de Deus ao homem, e uma das manifestações do seu amor misericordioso para com a sua criatura. Esta convicção é fundada sobre a revelação divina e consiste na habitação permanente do Espírito Santo com o Pai e o Filho no cristão que está na graça. Trata-se de um dom prometido pelo Senhor, na última ceia: “Se alguém me ama, guardará a minha palavra; meu Pai o amará, e nós viremos e faremos nele a nossa morada”⁶⁸, inabitação espiritual que coincide com a Promessa do Paráclito que consolará os discípulos na ausência física do seu Mestre: “Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre. O Espírito de verdade, que o mundo não pode receber, porque não o vê nem o conhece; mas vós o conheceis, porque habita convosco, e estará em vós.”⁶⁹ A presença permanente do Espírito Santo “nos discípulos, os converte em templo vivo de Deus”.⁷⁰

Vida segundo o Espírito

42. O fundamento dessa presença divina é o amor infinito de Deus “que nos fez dom do seu Espírito”.⁷¹ As consequências desse dom são o amor fraterno que alcança a sua plenitude nos crentes⁷² e a vida não “segundo a carne”, mas “segundo o Espírito”. Trata-se, portanto, de uma proximidade de Deus ao homem e que enche de alegria e paz aqueles que são conscientes disso. Não é uma experiência reservada só aos místicos, que a descreveram de modo

68 Jo 14, 23.

69 Jo 14, 15-17; 16, 7.

70 1Cor 3,16; 6, 19; 2Cor 6, 16.

71 1Jo 4, 13.

72 1Jo 4, 12-16; Rm 5, 5.

inefável;⁷³ está ao alcance de todos os que podem consegui-la por meio do conhecimento contemplativo ou pelo caminho do amor e da alegria. Mas, para isso, é necessário redescobrir esta presença divina com uma atitude de conversão permanente e com profundo respeito para com a totalidade do nosso ser, inclusive o corpo, para não profanar o templo do Espírito.⁷⁴

43. Crer no Espírito Santo significa deixar-se guiar por ele para responder, com lucidez e confiança, à vocação que o Pai nos sugere para o feliz êxito da nossa vida. Jesus nos prometeu que o Espírito de Deus habita em nós.⁷⁵ Com o batismo recebemos o óleo santo, símbolo do Espírito, e quando fomos assinalados e ungidos, no momento da confirmação, o bispo nos disse: “Recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus”. Cabe a nós reconhecer dia após dia este dom de Deus, esta vida que faz brotar em nós a vida eterna. O dom de Deus, ou a graça, precede os nossos esforços e nos acompanha até à realização. Não seria o caso de descobri-la? A santidade cristã não é devida a uma genialidade brilhante e nem sequer à heroicidade exclusivamente de nosso esforço; a santidade é decorrente da acolhida da luz e da força do Espírito, que Deus nos doa. Devemos reconhecer tudo como ação do Espírito, como crianças que põem a sua confiança nos seus pais.⁷⁶
44. A Escritura e a Tradição definem com o termo de santidade, santo, a plenitude e a excelência inigualável de Deus na sua vida, na sua bondade e na luz que irradia com a sua ação potente no universo e em cada pessoa. Esta ação transfiguradora é atribuída ao Espírito Santo.⁷⁷ O homem torna-se santo quando faz parte da vida comunicada pelo Espírito.⁷⁸ Para guiar-nos, o Espírito nos abre os olhos⁷⁹ das escravidões do nosso coração⁸⁰ a ponto de nos dar condições de reconhecer a voz de Deus, a sua obra, a nossa vocação e de empenhar-nos livremente a amar como ele ama.

73 *Veja-se, por exemplo, em São João da Cruz, a poesia Ó chama de amor viva!*

74 *Catecismo da Igreja Católica, nº 260 e 297.*

75 *Rm 8, 9-11.*

76 *Mt 18, 1-4.*

77 *Is 6, 3; Os 11, 9; Ap 4, 8.*

78 *2Cor 3, 13.*

79 *At, 9, 18.*

80 *Rm 8, 15.21; Gl 5, 1.*

O Espírito Santo, fonte da vida comunitária

45. Nos Atos dos Apóstolos, o dom mais concreto do Espírito é a comunidade dos discípulos, que formavam um só coração e uma só alma.⁸¹ A vida comunitária dos primeiros cristãos apresenta vários aspectos importantes e mutuamente complementares: (1º) a comunhão de bens e também a ajuda recíproca entre as Igrejas locais preocupadas, sobretudo, que não houvesse necessitados entre eles na comunidade; (2º) a alegria de estar juntos, especialmente durante as refeições simples e fraternas. Em razão desta unidade na comunidade, cada dia mais o Senhor reúne novos discípulos.⁸² A comunidade, assim, se torna missionária. Seria bom que nossas romarias à Trindade, cada um de nós e nossas comunidades cristãs nos interrogássemos sobre o modo como vivemos, à luz do testemunho das primeiras comunidades cristãs, narrado pelo livro dos Atos dos Apóstolos.

Vocações, serviços e ministérios

46. A unidade nas comunidades cristãs está unida à diversidade, como nos ajudam a compreender os escritos de São Paulo.⁸³ É próprio desse único amor do Espírito para com todos os membros dessas comunidades que florescem plenamente todos os tipos de vocações, serviços e ministérios. Assim, cada cristão vive a sua única e pessoal vocação. Entretanto a unidade da comunidade fica garantida. Em primeiro lugar porque todos estes diversos dons são todos presentes do Espírito Santo. Depois, porque o Espírito de amor concede, a cada um, dons específicos exatamente para que se ponham a serviço de toda a comunidade. Sob este prisma, com frequência, os dons mais simples são os mais preciosos, talvez porque sejam os mais raros! Com esta mesma perspectiva, será sempre mais necessário promover a unidade dos cristãos e empenhar-se em favor do ecumenismo.

81 *Essa é uma narrativa que apresenta um certo ideal de comunidade. Nas comunidades cristãs primeiras não faltaram muitas divergências e conflitos. Entretanto, esse ideal de comunhão fraterna – “um só coração e uma só alma” –, inspirou a Igreja em todas as épocas.*

82 *At 2, 47.*

83 *Rm 12, 3-8; 1Cor 12, 1-31.*

47. Em nossa comunidade, não se poderia promover um pouco mais esta unidade na diversidade? A unidade poderia trazer-nos uma alegria maior. Estimamos em nossa comunidade os dons mais simples? Como, por exemplo, o serviço da oração e a diaconia dos pobres podem não apenas coexistir pacificamente no concreto das nossas comunidades, mas também frutificarem juntas?

A atuação do Espírito na Palavra e nos Sacramentos

48. O Espírito Santo faz viver e crescer a Igreja, da qual é a alma. É ele que continua a proclamar a palavra de Cristo na liturgia e nos corações. Ninguém, com efeito, pode captar o sentido das Escrituras se o Espírito não lhe explica, como fez Jesus a caminho de Emaús. É sempre o Espírito que atua nos sacramentos; de fato, o Espírito é invocado na celebração de cada um deles, sobretudo na Eucaristia. A oração eucarística comporta duas invocações ao Espírito Santo (epiclesis). A primeira na apresentação das oferendas, para que o Espírito Santo desça sobre o pão e sobre o vinho, a fim de que sejam transformados no corpo e no sangue de Cristo: “Santificai, pois, estas oferendas, derramando sobre elas o vosso Espírito, a fim de que se tornem para nós o corpo e o sangue de Jesus Cristo, vosso Filho e Senhor nosso”. Depois, após a consagração, o mesmo Espírito é invocado sobre toda a comunidade: “E nós vos suplicamos que, participando do Corpo e do Sangue de Cristo, sejamos reunidos pelo Espírito Santo num só corpo”⁸⁴

Muitos dons, um só espírito

49. É o Espírito Santo que distribui na Igreja os numerosos dons espirituais, ordinários e extraordinários, que servem para construí-la. Faz falar os profetas e ensinar os doutores; anima aqueles que se põem a serviço dos seus irmãos.⁸⁵ (cf. 1 Cor 12 e 14). Mas, acima de tudo harmoniza todos esses dons, os faz trabalhar como um concerto como os diferentes membros de um mesmo corpo humano: “Há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; diversos modos de

84 *Missal Romano, Oração Eucarística II.*

85 *1Cor 12 e 14.*

ação, mas é o mesmo Deus que realiza tudo em todos”.⁸⁶ Enfim, o Espírito opera na Igreja a reconciliação entre tantas tendências e temperamentos diversos. Conduz à unidade aqueles que se opõem entre si, porque todos são batizados no mesmo Cristo, impregnados pelo mesmo Espírito e sentados à mesma mesa. Em particular, o Espírito mantém em todas as comunidades que fazem referência a Cristo, a nostalgia da Igreja indivisa das origens e a aspiração para retornar à unidade visível: a única sem costura, o corpo de Cristo sem lacerações. O Espírito é, pois, o motor do ecumenismo.

A unidade na diversidade

50. Como na origem, a comunidade cristã não é uma multidão de membros iguais e semelhantes em tudo, nem uma unidade obtida por uma fusão, mas uma comunidade de pessoas chamadas pelo Pai, que se liga a Jesus Cristo e recebe do Espírito Santo dons diversos e tarefas diferentes para viver juntos, edificar-se, e suportar-se um o outro, contribuindo de modo articulado para o crescimento da Igreja. A unidade na multiplicidade, ou catolicidade, se realiza graças às manifestações do único Espírito de Deus.⁸⁷ A vida e a ação da Igreja se unificam através da caridade, que suscita humildade, disponibilidade, estima recíproca e concentração de todos, segundo a medida e a vocação do cristão.⁸⁸

O Espírito sopra onde quer

51. O diálogo e a colaboração - na Igreja Católica, como também com e entre as demais confissões cristãs -, requer uma comunhão acrescida no único Espírito.⁸⁹ Mas dizer: “Onde há o Espírito, lá está a Igreja; onde está a Igreja, lá está o Espírito”⁹⁰, não significa excluir os dons do Espírito Santo para aqueles que não estão na Igreja? O Espírito de Deus enche o universo e toda a criação desde o início da história humana. O Espírito está presente de modo que não conseguimos alcançar sua abrangência, no coração da vida de cada pessoa.

86 1Cor 12, 4-6.

87 Rm 12, 3-13; 1Cor 12, 1-11; 1Pd 4, 10.

88 Rm 15, 5-13; Fl 2, 1-5; Ef 4, 1-16.

89 UR, n° 2.

90 *Irineu de Lion*, IV, 33, 4-11.

Revelou os desígnios de Deus por meio dos profetas de Israel⁹¹ e guia homens religiosos para que nos proponham um caminho para Deus.⁹² Ele ilumina e anima a cada um que se empenha para o bem integral da sociedade e das pessoas.

O Espírito sopra sobre os cristãos

52. Mas o Espírito encheu de sua plenitude a humanidade de Jesus, o eleito de Deus, como a nenhum outro homem, graças à relação inigualável entre o Filho e o Pai. A nós é dado receber já uma parte da plenitude de Jesus Cristo porque o Espírito nos renova através da fé e dos sacramentos e abre maravilhosamente a nossa disponibilidade ao Pai,⁹³ fonte de todo bem. Os cristãos são as primícias da humanidade nova⁹⁴ e a Igreja não pode, portanto, contentar-se com os limites que encontra em seu caminho. “Jesus, no começo de sua vida pública, depois de seu batismo, foi conduzido pelo Espírito Santo ao deserto para preparar-se a sua missão⁹⁵ e, com a oração e o jejum, discerniu a vontade do Pai e venceu as tentações de seguir outros caminhos. Esse mesmo Espírito acompanhou Jesus durante toda a sua vida.⁹⁶ Uma vez ressuscitado, comunicou seu Espírito vivificador aos seus”.⁹⁷ Por isso, temos a confiança e a certeza que o Espírito está junto a nós, discípulos missionários de Cristo.

91 Lc 1, 70.

92 GS, n° 34; NA, n° 2.

93 Jo 1,1; 6,45.

94 Rm 11, 16; 8 18-23.

95 Mc 1, 12-13.

96 At 10, 38.

97 At 2, 33. DA, n° 149.

III – CAPÍTULO

FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE, DONS DO ESPÍRITO

O Pentecostes na Igreja

53. A comunidade reunida em oração recebe o Espírito Santo para testemunhar não apenas junto àqueles que estão próximos, mas até aos confins da terra.⁹⁸ Na festa judaica das semanas (em grego Pentecostes), a multidão dos peregrinos manifestava a propagação de Israel no mundo habitado, mas simbolizava também o anúncio das dez palavras em línguas diferentes junto às nações. Isto prefigurava também a evangelização universal e a entrada de todos os povos no novo Israel.⁹⁹ Assim, o Espírito Santo doa aos apóstolos a segurança necessária para empreender a sua missão,¹⁰⁰ testemunhando diante do mundo.¹⁰¹ O Espírito age através da palavra que eles proclamam e por meio da fé daqueles que o escutam.
54. A íntima comunhão no conhecimento do Evangelho, na oração, na fração do pão e na partilha dos bens não termina com a reunião na igreja, mas empenha a comunidade, os apóstolos, os evangelistas, os discípulos e os simples fiéis¹⁰² a proclamar o Evangelho, de modo que o Senhor possa congregar a multidão do seu povo.¹⁰³ Recolhimento e envio, comunhão e missão são, portanto, inseparáveis e se enriquecem reciprocamente. Sem sair para o mundo a comunidade se exaure e sem a comunhão os cristãos não têm mais nada de significativo para dizer, nem de válido para fazer. Como proclamou o Concílio, a Igreja é o sacramento de comunhão com Deus e sacramento de união dos homens entre si. Através da sua vida interior ou do seu mistério, a Igreja se abre ao mundo para levar-lhe a palavra e a vida

98 *At 2, 8.12-14.*

99 *Mt, 28, 19.*

100 *At, 2, 29; 4, 13.29.*

101 *Mt 10, 17-20.*

102 *At 11, 19.*

103 *At 2, 42-47.*

de Deus e para cooperar na atividade do mundo.¹⁰⁴ No estado atual das nossas comunidades, uma evangelização sempre nova deve tocar os batizados. Afinal, no pluralismo da sociedade atual, os cristãos são convidados a testemunhar claramente o Evangelho, a discernir os sinais do Espírito para além do círculo da Igreja, a dialogar e a cooperar para ser fermento de renovação.¹⁰⁵

A diversidade

55. O Espírito suscita na Igreja uma diversidade de funções que respondem a determinados objetivos: a proclamação da palavra, a instrução, a edificação, a ajuda recíproca e a direção, a gestão da comunidade. Todas estas funções são, portanto, espirituais, porque se realizam sob a guia e a assistência do único Espírito.¹⁰⁶ Na ação eclesial, tudo acontece reciprocamente. Hoje, a fragmentação da vida social corre o risco de perder a atividade integral da Igreja em “estações de serviço”, especializados e distintos, em um clientelismo espiritual. Pois bem, nenhum serviço no seio da Igreja é puramente “material”. Agindo conforme o Espírito, todos cooperam para o bem comum, ou seja, para a edificação da Igreja.¹⁰⁷
56. “Jesus nos transmitiu as palavras de seu Pai e é o Espírito quem recorda à Igreja as palavras de Cristo.¹⁰⁸ Já desde o princípio os discípulos haviam sido formados por Jesus no Espírito Santo;¹⁰⁹ é na Igreja que o Mestre interior conduz ao conhecimento da verdade total, formando discípulos missionários. Esta é a razão pela qual os seguidores de Jesus devem deixar-se guiar constantemente pelo Espírito¹¹⁰ e fazer como própria a paixão pelo Pai e pelo Reino: anunciar a Boa Nova aos pobres, curar os enfermos, consolar os tristes, libertar os cativos e anunciar a todos o ano da graça do Senhor”.¹¹¹

104 LG n° 1,9; AG n° 5.

105 GS n° 40-45.

106 Rm 12, 1-8; 1Cor 12, 1-11.28-30.

107 1Cor 12, 7; 14.3.5.26.

108 Jo 14, 26.

109 At 1, 2.

110 Gl 5, 25.

111 Lc 4, 18-19. DA n° 152.

As virtudes teologais

57. A fé, a esperança e a caridade, os melhores dons do Espírito,¹¹² não são objetos que possamos fazer por nós próprios, nem forças das quais dispomos ao nosso bel prazer. É o Espírito que nos torna capazes de crer, amar e esperar como filhos de Deus.¹¹³ A minha pessoa é santificada pelo próprio Deus, presente em mim. Assim, só Deus pode ser presente no mais íntimo de mim mesmo sem falsear a minha inteligência e forçar a minha vontade. O Espírito que está em mim não se confunde comigo. Lá aonde caminho, me abre à aceitação dos modos de ver Deus, ainda quando me abalam e me interpelam, convidando-me a sair de mim e a acolher o dom de Deus: “Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus”.¹¹⁴ “Morar, habitar e não habitar”, estes verbos evocam a intimidade da presença do Espírito e sublinham que as melhores manifestações do Espírito são aquelas que permanecem e não aquelas passageiras como alguns carismas, porquanto sejam surpreendentes.¹¹⁵ Assim, devemos acolher incessantemente o Espírito para deixar-nos iluminar e animar por ele.

O dom da fé

58. O apóstolo assegura que cada batizado, cada filho de Deus conhece pela graça o pensamento do Senhor. Por que o Senhor assim o deseje, nós podemos ter o pensamento de Cristo.¹¹⁶ Mas sem a fé, que é um dom do Espírito, não podemos compreender a sabedoria e a potência de Deus.¹¹⁷ Nem as suas palavras e ações, na vida e cruz de Jesus, nem os sinais do Ressuscitado e a obra de Deus na Igreja e no mundo. Sem o Espírito não podemos confessar que Jesus é o Senhor,¹¹⁸ e nem mesmo discernir os eventos e as exigências do nosso tempo, como também os verdadeiros sinais da presença ou do desígnio de Deus.¹¹⁹ O Evangelho de João nos recorda que podemos entender as

112 1Cor 13, 13.

113 Jo 1, 13.

114 Rm 8, 14.

115 1Cor 12, 12-31; 13, 13.

116 1Cor 2, 16.

117 Mc 6,2; 1Cor 1, 19-25.

118 Rm 2,2; 1Cor 13, 9-12; Ef 4, 17.

119 GS nº 1-4.

promessas somente graças ao Espírito que o Ressuscitado nos deu.¹²⁰ Este mestre interior reaviva em nós a lembrança de Cristo e nos guia ao caminho que nos conduz a conhecer com sempre maior clareza e profundidade a verdade inteira.¹²¹

O Espírito Santo e a Escritura Sagrada

59. Não devemos, hoje, abrir-nos a Deus quando lemos as Escrituras? Não devemos abandonar o rigor da exegese bíblica e as exigências da inteligência humana, mas sabemos que só a assistência do Espírito nos permite compreender Jesus Cristo e o mistério da ação de Deus.¹²² Um estudo sério da Bíblia vai de passo a passo com a meditação das realidades espirituais vividas interiormente e com a escuta da pregação dos pastores e dos doutores da Igreja.¹²³

O discernimento da consciência

60. A ciência e a técnica avançadas, como também o predomínio de certa opinião difusa na sociedade, nos põem alguns desafios e interrogações para a própria realização integral. Estes desafios e questionamentos podem ser percebidos e superados apenas quando se escuta o testemunho da consciência, que é “o sacrário do homem, onde ele pode estar a sós com Deus, cuja voz ressoa no seu íntimo”.¹²⁴ Deixar-se guiar pelo Espírito Santo significa submeter-se ao juízo de Deus e discernir o caminho a tomar, escutando com ele a palavra vivente de Deus, que ressoa no Espírito do homem. Senão correremos o risco de confundir os nossos desejos com a reta consciência.

120 Jo 7, 39; 2, 22; 18, 38.

121 Jo 14, 26; 16.13; 18, 3-8; 1Jo 6, 6; LG n° 12.

122 João Paulo II, *A interpretação da Bíblia na Igreja*, publicado no *L'Osservatore Romano*, 25 de abril de 1993, p. 8-9.

123 DV, n° 8-10.

124 GS, n° 16.

A orientação eclesial aos Movimentos

61. O atual florescer dos movimentos espirituais no seio das nossas comunidades é um sinal da ação inovadora do Espírito. Estes grupos devem ser encorajados e seguidos. Mas é preciso igualmente ajudá-los no discernimento dos espíritos. Jesus Cristo entendido e compreendido à luz do Espírito é o critério incontestável deles.¹²⁵ Enfim, o Espírito nos faz entender o alcance da oração de Jesus para a unidade daqueles que vierem a acreditar nele.¹²⁶ O Espírito inspira as Igrejas a caminhar juntas para descobrir sempre melhor a verdade inteira.¹²⁷

O Espírito suscita e forma na fé os batizados

62. Outro fruto da presença e da ação do Espírito Santo nos crentes é a fé em Jesus Cristo, Filho de Deus, “pois o Espírito sonda todas as coisas, até mesmo as profundidades de Deus... o que está em Deus, ninguém o conhece senão o Espírito de Deus”.¹²⁸ “E ninguém pode dizer: Jesus é o Senhor a não ser no Espírito Santo”.¹²⁹ Esta é a primeira fórmula batismal,¹³⁰ a invocação do nome divino para obter a salvação, porque em nenhum outro há salvação; não há de fato outro nome dado aos homens sob o céu no qual é estabelecido que podemos ser salvos.¹³¹ Todavia, a fórmula paulina vale também para qualquer expressão de fé que queira ser eficaz e autêntica. O Espírito Santo suscita a fé e a faz amadurecer em todos os batizados, reavivando-a naqueles que por um motivo ou por outro não a mantêm viva e operante. Neste sentido, pode-se compreender também as palavras do Papa João II quando põe em relação o Espírito Santo com a nova evangelização.¹³²

125 Congregação para a Doutrina da Fé, *Alguns aspectos da meditação cristã*, 15/10/1989.

126 Jo 27, 21-23.

127 UR, nºs 2, 4, 11.

128 1Cor 10-11.

129 1Cor 12, 3.

130 At 2, 21 6, 37.

131 At 4, 12; Rm 10, 13.

132 João Paulo II, *Tertio millennio adveniente*, nº 45.

A assistência do Espírito no conhecimento de Deus

63. Para chegar ao conhecimento de Jesus Cristo e de Deus não é suficiente o que o homem adquire com o seu estudo ou com uma inteligência puramente intelectual; é necessária a manifestação de Deus ao homem. Esta torna possível a experiência espiritual da união pessoal com o Deus vivo, graça que os orientais chamam de “divinização” e que é a participação da natureza divina.¹³³ Esta manifestação e ajuda do Espírito Santo constitui uma oferta permanente de Deus para todos aqueles que o procuram sinceramente.

O dom da esperança

64. “O homem é o ser vivente que espera”¹³⁴ Ele é levado ao êxito integral da sua existência através das idades da sua vida, enfrentando as novidades das situações, as dificuldades e as provações. Ele espera assim encontrar a alegria que preenche o seu desejo mais profundo. Não pode empenhar-se nem perseverar nesta busca sem confiança no seu futuro. Encontra essa esperança em si mesmo, mas também nos outros com os quais convive, aos quais se dedica e junto aos quais espera encontrar conselho e ajuda.

A esperança cristã

65. Para o crente esta esperança se fundamenta na fidelidade de Deus a seu respeito e sobre os dons imperecíveis com os quais o criador dotou cada ser humano. Esta é a porta para a realização da sua vocação, ou seja, para o cumprimento do destino ao qual Deus o chama. O cristão o percebe em seu destino de comunhão com Deus e com os seus irmãos. Este desejo anima a aspiração mais profunda de cada ser humano. “Cristo, nos dias de sua vida terrestre, apresentou pedidos e súplicas, com veemente clamor e lágrimas, àquele que o podia salvar da morte; e foi atendido por causa da sua

133 2Pd 1, 4.

134 *Essa assertiva é de Filon de Alexandria, filósofo judeu-helenista, que viveu de 10 a.C a 50 d.C. Interpretou a Bíblia utilizando a filosofia platônica, buscando conciliar a fé judaica à filosofia grega. A exegese de Filon busca o significado das palavras além de seu significado imediato e literal. Este modo de interpretação posteriormente será muito utilizado pela Patrística.*

submissão. E embora fosse Filho, aprendeu, contudo, a obediência pelo sofrimento; e levado à perfeição, se tornou para todos os que lhe obedecem, princípio de salvação eterna.¹³⁵ “De fato, se o sangue de bodes e de novilhos e a cinzas da novilha, espalhadas sobre os seres ritualmente impuros, os santifica, purificando os seus corpos, quanto mais o sangue de Cristo, que por um espírito eterno, se ofereceu a si mesmo a Deus como vítima sem mancha, há de purificar a nossa consciência das obras mortas para que prestemos um culto ao Deus vivo. Eis por que ele é mediador de uma nova aliança; e por isso, aqueles que são chamados recebem a herança eterna, que foi prometida.¹³⁶

O Espírito nos dá segurança, paciência e perseverança

66. A nossa fidelidade e a nossa certeza se fundamentam assim sobre seu “sim” que Deus pronunciou e realizou uma vez por todas em Cristo.¹³⁷ Tornando rocha espiritual na qual podemos matar nossa sede ao longo do caminho, nos doa o Espírito para caminhar com fidelidade e confiança para a plenitude à qual o Pai nos chama. Deus nos uniu no início da nossa existência cristã e nos fortifica continuamente nos momentos de fraqueza e insuficiência, como também nas provações que nos agridem de dentro para fora; marcou-nos para sempre, oferecendo-nos as primícias do Espírito.¹³⁸ A esperança, dom do Espírito, nos dá a segurança, a paciência e a perseverança¹³⁹ para que possamos responder fielmente à nossa vocação.¹⁴⁰ Mas do mesmo modo nos faz esperar no amanhã daqueles com os quais convivemos, e, em particular, daqueles que nos foram confiados. Sem esta esperança é impossível empenhar-se serenamente, perseverar em um projeto de vida, confiar reciprocamente na vida conjugal, assumir a responsabilidade da educação das crianças e dos jovens, acompanhar os adultos no ambiente de trabalho, enfim, colaborar com confiança em uma vida e caminhada em comum. Credo em Deus, o cristão crê no

135 Hb 5, 7-9.

136 Hb 9, 13-15.

137 2Cor 1, 17-22.

138 2Cor 1, 18-22.

139 Lc 8, 13; 21, 19; Rm 2, 7; 1Ts 1, 3.

140 Ef 1, 17-23.

Espírito Santo que inspira e anima o universo, em particular a humanidade inteira e que habita no coração dos crentes. Esperar não significa perder a esperança em si mesmo ou no homem, mas precisamente contar como apoio de Deus presente no homem, em nós mesmos, nos outros. O Espírito nos dá, com efeito, um espírito filial, a liberdade dos filhos de Deus, uma segurança¹⁴¹ que nos faz esperar ser bem sucedidos na vida e na missão que nos é confiada, não obstante a nossa fraqueza e as provações. A alegria se torna, assim, fruto do Espírito.¹⁴²

O Espírito nos impele à construção da justiça social

67. O Espírito Santo nos impele para frente, para a plenitude do Reino de Deus.¹⁴³ Graças a ele, a vida interior da comunidade cristã e a realização de sua missão são voltados para o advento do reino em que cada pessoa e a humanidade inteira alcançarão a sua definitiva perfeição em Cristo.¹⁴⁴ A esperança do reino não é “ópio do povo”.¹⁴⁵ Ela não enfraquece o homem, mas o encoraja a empenhar-se na mudança das situações injustas e a construir uma sociedade justa e solidária. “Contudo a espera de uma terra nova longe de atenuar, antes deve impulsionar a solicitude pelo aperfeiçoamento desta terra. Nela cresce o corpo da nova família humana que já pode apresentar algum esboço do novo século”.¹⁴⁶

O Espírito remete ao Reino definitivo

68. A memória e a perspectiva inspirada pelo Espírito recusam a utopia da sociedade perfeita sobre esta terra. Certamente, o cristão relativiza o presente e, ao mesmo tempo, não renuncia diante de nenhuma fatalidade e não se contenta de nenhum “status quo” para ele mesmo, para a Igreja e para o mundo (com certa reserva

141 Rm 8, 14-17; Gl 4, 4-7.

142 Mt 21, 21; Rm 14, 17; Gl 4, 6-7.

143 Fl 3, 13.

144 LG, n° 48-51

145 Essa expressão foi usada por Karl Marx, na introdução a sua obra *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, escrita em 1843, tratando sobre o tema da alienação e da submissão à exploração social.

146 GS n° 39.

escatológica); a sua esperança imprime portanto uma dinâmica ao momento presente vivido e agido e lhe atribui todo o seu valor: um simples copo de água a quem tem sede e uma ação muito estruturada são carregadas de eternidade. A esperança, hoje, mais do que ontem, nos faz desejar a união de todos os cristãos para que juntos mostrem ao mundo o que e aquilo em que esperam: a união dos homens entre eles e com Deus... Mas, na pregação e na catequese, não sufocamos, talvez, este desejo do advento do reino, este desejo posto pelo Espírito no coração do homem? Deixemos arrastar por este desejo que o Espírito suscita na sua Igreja?¹⁴⁷ Poder-se-ia analisar muitos outros aspectos da obra do Espírito Santo na vida dos homens e mulheres de fé. Entretanto, o reino de Deus, presente ao modo de semente na sua Igreja e no mundo, vai-se consolidando até que chegue o momento em que todos os poderes do mal sejam vencidos e todas as coisas sejam submetidas a Cristo.¹⁴⁸ Por esse motivo, os cristãos anseiam, com toda a criação, à plena manifestação da sua condição de filhos de Deus¹⁴⁹ e invocam o Senhor animados pelo Espírito, estabelecendo-se um diálogo: “O Espírito e a Igreja dizem: “Vem”. E aquele que ouve diga também “Vem!” “Aquele que atesta estas coisas, diz: “Sim, venho muito em breve!” Amém! Vem, Senhor Jesus!

Tu vens, eu já escuto o teu sinal...

69. Os interlocutores deste diálogo são Jesus Cristo e a Igreja, isto é, o Esposo, o Filho do homem que anuncia a sua iminente vinda. Venho logo! Segura com firmeza o que tens, para que ninguém tome a sua coroa; “Quem tem ouvidos ouça o que o Espírito diz às Igrejas. “O Anjo diz à Igreja de Filadélfia, escreve: Assim diz o Santo, o Verdadeiro, aquele que tem a chave de Davi, e que abre e ninguém mais fecha, e, fechando, ninguém mais abre”. “Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta entrarei em sua casa e cearei come ele, e ele comigo”, e a esposa adornada com veste nupciais está pronta a ser a esposa de Deus e do Cordeiro.¹⁵⁰ Mas a esposa não está sozinha; ao seu lado está o Espírito que o esposo

147 Ap 22, 20.

148 1Cor 15, 25-28.

149 Rm 8, 19-25; 1Jo 3, 2.

150 Ap 22, 2. 9; 19, 17.

Ihe deu como “sinal da sua imediata união”.¹⁵¹ O Espírito prepara a Esposa e a conduz à presença do Esposo”.¹⁵² O chamado vem em primeiro lugar do Espírito. Ao Espírito se une a esposa, formando-se um coro com todos aqueles que fazem própria esta invocação e sentem, depois de terem sido purificados das tribulações, o desejo ardente de chegar ao encontro definitivo e apagar a sua sede de água da vida.¹⁵³

A invocação da Igreja ao Espírito

70. Para a resposta do Esposo que vem,¹⁵⁴ a Igreja faz uma nova súplica: Vem, Senhor Jesus. Amém é uma aclamação de júbilo da Igreja e de acolhida do testemunho de Cristo, a testemunha fiel.¹⁵⁵ A segunda aclamação é a tradução de Maranatha, aramaico, que se encontra na versão original em 1 Cor, 22 e na Didaqué 10,6.¹⁵⁶ A fórmula deriva da liturgia da comunidade primitiva e é uma profissão de fé em Cristo Ressuscitado e glorioso que se torna presente sob o véu dos sinais na celebração eucarística. Esta aclamação, recuperada no rito atual da missa, a retomou para ter o significado de anúncio eficaz da morte e ressurreição do Senhor na espera da sua vinda.¹⁵⁷ A eficácia deste anúncio é unida à assistência do Espírito Santo à invocação (epíclese)¹⁵⁸ da Igreja.¹⁵⁹

151 2Cor 1, 22; 5, 5; Ef 1, 13-14.

152 Ef 5, 23. 25-27.

153 Ap 7, 9-17; Jo 17, 37-39.

154 Mt 25, 6.

155 Ap 1, 5; 3, 14.

156 A Didaqué ou doutrina, instrução, é o nome do que poderíamos chamar de catecismo dos primeiros cristãos, escrito em fins do primeiro século, em grego. A Didaqué nos permite conhecer as origens do cristianismo: como eram as celebrações, a organização e a vida das primeiras comunidades, como era a iniciação cristã, como se vivia o Evangelho.

157 1Cor 11, 26.

158 Epíclese é a invocação que se eleva a Deus para que envie o Espírito Santo e transforme as coisas ou pessoas. Vem do grego, *epi-kaleo* (chamar sobre); em latim, *in-vocare*. Na Oração Eucarística da Missa há duas epícleses.

159 Catecismo da Igreja Católica, nºs 1107-1344, 1404.

O Espírito, esperança do mundo

71. Este motivo está presente também no convite do Papa a “redescobrir a virtude teologal da esperança”.¹⁶⁰ Mas não se trata de uma esperança puramente humana fundada sobre os desejos e aspirações dos homens, mas da esperança cristã que não decepciona, porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado.¹⁶¹ A esperança que se fundamenta sobre o amor divino pessoal do Pai, identificado com o próprio Deus e, sobretudo, com o Espírito Santo, a Pessoa-amor do Pai e do Filho. A esperança é assim um fruto direto do dom e da comunicação do Espírito Santo. O Espírito é, enfim, a esperança do mundo: é ele que dirige o universo e a sua história. Assemelha-se à água, na natureza: em toda parte leva vida e fecundidade: “Envias teu sopro e eles serão criados, e assim renovas a face da terra”.¹⁶² Se Deus retira o seu Espírito, tudo retorna ao pó.

O dom da Caridade (amor, ágape)

72. “O amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado”.¹⁶³ Este é o maior dos dons que permanece para sempre.¹⁶⁴ O Espírito Santo nos permite amar o próprio Deus que é amor¹⁶⁵ e de viver da sua vida. Os diversos frutos do Espírito consistem principalmente na caridade.¹⁶⁶ Mas o amor não é o que existe de mais humano? O amor é desejo que suscita esperança e temores, generosidade envolvente, fonte de alegria que sacia o nosso desejo de plenitude: viver com o outro e pelo outro enriquecendo-nos reciprocamente. Este amor humano não é de tal forma implicado na condição material a ponto de não se poder comparar nem misturar como amor natural que está em Deus? Não é a mesma coisa que confundir o ágape, que seria o dom gratuito de si, com o eros, que seria a procura da posse?

160 *João Paulo II, TMA, n° 46.*

161 *Rm 5, 5.*

162 *Sl 103 (104).*

163 *Rm 5, 5.*

164 *1Cor 13, 13.*

165 *1Jo 4, 19.*

166 *Gl 5, 22-23.*

O Espírito dá plenitude ao amor humano

73. A fé nos ilumina para superar a ambiguidade semântica da palavra amor, e nos faz descobrir a total unidade do homem, corpo animado pelo espírito, espírito encarnado, criado à imagem de Deus; o apóstolo, com efeito, chama o amor conjugal, corpo e alma, com o termo próprio do amor de Deus.¹⁶⁷ O verdadeiro amor é ao mesmo tempo dom de si ao outro e realização de si através do outro, graças a uma reciprocidade em que cada um dá e recebe. O nosso coração está inclinado ao amor de Deus que é a própria fonte da nossa afetividade e dos nossos empenhos livremente assumidos. Ele não se sobre põe ao amor colocado no nosso coração quando Deus nos criou à sua imagem; aliás, o purifica, lhe dá forma e o transfigura à imagem do amor que seu Filho nos manifestou. O Espírito que recebemos de Jesus Cristo transfigura a imagem do amor humano em amor divino, especialmente ressignificado em amor conjugal e paterno, em empenho social, na vida consagrada e no ministério pastoral.

Amar como Jesus amou

74. Amar como Deus significa amar como Jesus Cristo, empenhar-se com todo o próprio ser na obra de santificação da humanidade; significa amar sem separação o Pai e os irmãos. Assim como o seu Pai - cuja bondade nos precede na história da humanidade e da nossa existência -, Cristo nos amou por primeiro.¹⁶⁸ E o seu amor se mostrou de modo supremo na sua misericórdia eficiente e no dom de si no momento da sua paixão e morte na cruz.¹⁶⁹ À imitação e seguimento de Cristo, através do amor nos tornamos o bom samaritano, o próximo de cada homem, em particular do mais isolado e do mais excluído. Daquele que menos participa - por sua própria culpa, da responsabilidade de outros ou de sistemas sociais iníquos -, da riqueza da vida, do convívio humano e da comunhão com Deus. A convite de Cristo, somos chamados a dar o primeiro passo em direção aos outros para reconciliar-nos e encontrar-nos.¹⁷⁰ A caridade é a fonte de toda justiça, mas ela nos induz a superá-la na misericórdia. O amor de Deus

167 *Ef 5, 25-32.*

168 *1Jo 4, 19.*

169 *1Jo, 13, 1.*

170 *Mt 5, 7-9; 14.48; 18. 31-35.*

criador suscita pessoas que vivem, escutam e respondem livremente à vocação que ele lhes sugere no percurso da sua existência. O amor é sempre promoção do outro. A mesma coisa vale para Jesus; ele chama, é sensível à resposta da pessoa, ao amor reconhecido dos seus amigos, como também recusa a obstinação daqueles que ele convida a segui-lo.¹⁷¹ O dom e a acolhida se conjugam perfeitamente no coração do Filho de Deus, que se torna um de nós.

O Espírito me ungiu para evangelizar os pobres

75. Jesus se comove seja diante da fome da multidão como diante da doença do cego, do surdo e do paralítico, do luto da viúva, da dor e arrependimento do pecador, do abandono ou do desprezo da parte de seus pastores. Como seu Pai, se empenha a libertar e a promover o homem integral, corpo, alma e espírito. Em nós, como em Jesus, a caridade torna o nosso coração sensível a toda miséria e sofrimento dos nossos irmãos. “Deste modo o novo mundo de Deus começa a manifestar-se na história. As palavras e a ação de Jesus são um dom permanente do Espírito Santo do Pai. O Espírito Santo lhe é dado em plenitude e também ele se abre a ele com toda sua vida, sempre e em toda parte. É essa a dinâmica mais profunda da sua mensagem e do seu testemunho de vida. A partir desta iniciativa determinante do amor de Deus em Jesus, nós vivemos como cristãos. A Igreja, enquanto marcada e selada ‘com Espírito Santo e fogo’¹⁷², continua a obra do Messias, abrindo para o crente as portas da salvação.¹⁷³ Paulo o afirma deste modo: ‘Vós sois uma carta de Cristo redigida pelo nosso ministério e escrita não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo’¹⁷⁴. O mesmo e único Espírito guia e fortalece a Igreja no anúncio da Palavra, na celebração da fé e no serviço da caridade até que o Corpo de Cristo alcance a estatura de sua Cabeça.¹⁷⁵ Deste modo, pela eficaz presença de seu Espírito, Deus assegura até a parusia¹⁷⁶ sua proposta de vida para homens e mulheres de todos os

171 Mc 10, 21; 14, 14.

172 Mt 3, 11.

173 1Cor 6, 11.

174 2Cor, 3, 3.

175 Ef 4, 15-16.

176 O termo *parusia* é oriundo do grego e quer dizer “presença”. No helenismo, assumiu o significado de visita ou manifestação de Deus. Para o cristianismo, *parusia* é a segunda vinda de Cristo, no fim dos tempos, para presidir o juízo final e estabelecer gloriosamente o reino de Deus.

tempos e lugares, impulsionando a transformação da história e seus dinamismos. Portanto, o Senhor continua derramando hoje sua Vida para o trabalho da Igreja que, com ‘a força do Espírito Santo enviado do céu’¹⁷⁷, continua a missão que Jesus Cristo recebeu de seu Pai’’.¹⁷⁸

Sem a caridade, eu nada sou!

76. Jesus Cristo se empenha diante de seu Pai e diante dos homens com todo o seu coração e com toda a sua força.¹⁷⁹ O amor, que o Espírito nos faz viver é, ao mesmo tempo, sentimento, sabedoria, empenho e trabalho. Hoje, o cristão, seguindo o bom samaritano,¹⁸⁰ dispõe dos recursos da inteligência, da habilidade, da ciência e da técnica atuais ao serviço do desenvolvimento da pessoa e da comunidade humana. Não esquecerá que um simples copo de água fresca ou uma visita fraterna, diante do juiz do reino de Deus,¹⁸¹ tem o mesmo peso que aquele da dedicação mais extenuante e das provas mais brilhantes. Nada vale diante de Deus, se o gesto simples ou a ação mais complexa são realizadas sem a caridade, sem o agir à imagem de Deus que opera em total confiança, espera incessantemente, suporta tudo e se sobrecarrega de tudo.¹⁸²

177 1Pd 1, 12.

178 Jo 20, 21. DA, n° 151.

179 Mt 25, 3-46.

180 Lc 10, 30-32.

181 Mt 25, 31-46.

182 1Cor 13, 1-7.

IV – CAPÍTULO

A AÇÃO DO ESPÍRITO SANTO E OS MINISTÉRIOS DOADOS À IGREJA

“O Espírito do Senhor está sobre mim”

77. A Escritura nos ensina toda a profundidade do mistério de Jesus, ou seja, a sua total abertura ao Espírito Santo do Pai. Na primeira aliança, Deus comunicava o seu Espírito aos profetas em vista de uma mensagem concreta ou de uma missão concreta. Jesus, ao invés, recebe o Espírito Santo em plenitude. Isto transparece nos relatos do seu nascimento e do seu batismo no rio Jordão. Quando Jesus inicia a sua missão, ele se reconhece nas palavras do profeta Isaías: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para anunciar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, pra restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano da graça do Senhor.”¹⁸³

Creio no Espírito Santo

78. Todos os domingos e solenidades, reunidos na assembleia eucarística recitamos o Símbolo, norma da fé apostólica. Pastores e fiéis, confessamos com unânime expressão: Creio no Espírito Santo. No Símbolo Niceno-Constantinopolitano, a fé da Igreja na terceira Pessoa da Santíssima Trindade foi assim formulada: “Creio do Espírito Santo, que é Senhor e dá a vida, e procede do Pai e do Filho, e com o Pai e o Filho é adorado e glorificado, foi Ele que falou pelos profetas”.

A profissão de fé do Concílio de Constantinopla

79. No ano de 1981, tive a graça de assistir, em Roma, durante a solenidade de Pentecostes, a celebração do décimo sexto centenário

do primeiro Concílio de Constantinopla. Esse Concílio definiu e ensinou a doutrina sobre o Espírito Santo e completou o Símbolo professado em Nicéia, no ano 325, reconhecido solenemente em Calcedônia, em 451, no seu valor normativo e irrevogável. Parece-me ouvir ainda hoje a voz do Santo Padre João Paulo II - convalescente, após o atentado que havia sofrido algumas semanas antes -, pronunciando em grego e em latim a fórmula originária do Símbolo e fazendo apelo à plena unidade entre as Igrejas do oriente e do ocidente. O Papa pronunciou uma perfeita profissão de fé no Espírito Santo que é "Senhor e dá a vida". Desejo transcrevê-la, em seguida, porque constitui um belíssimo comentário, feito com autoridade, às palavras do Símbolo relativas ao Espírito Santo e à sua ação na Igreja.

"Permanecemos, pois, nesta entrega confiante ao Espírito Santo; e passados quase dois mil anos, nada mais desejamos senão permanecer nele, não separar-nos dele de nenhum modo, não 'contristá-lo' nunca (cf. Ef 4, 30).

- porque somente nele está conosco Cristo;
- porque só com a Sua ajuda é que nós podemos dizer: 'Jesus é Senhor' (cf. 1 Cor 12, 3);
- porque somente pelo poder da Sua graça é que nós podemos clamar: 'Abbá, Pai' (Rm 8, 15);
- porque somente pelo Seu poder, pela potência do Espírito Santo que é Senhor e dá a vida, é que nós somos a mesma Igreja, esta Igreja em que 'há... diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo; há diversidade de ministérios, mas o Senhor é o mesmo; há diversidade de operações, mas é o mesmo Deus que opera tudo em todos. E a cada um é concedida a manifestação do Espírito para que redunde em vantagem comum' (1 Cor 12, 4-7).

'Assim, pois, estamos no Espírito Santo e nele desejamos permanecer:

- nele, que é o Espírito que dá a vida e é uma nascente de água que jorra até à vida eterna' (cf. Jo 4, 14; 7, 38-39);
- nele, pelo Qual o Pai dá sempre de novo a vida aos homens mortos pelo pecado, até que um dia ressuscite em Cristo os seus corpos mortais (cf. Rm 8, 10-11);
- nele, no Espírito Santo, que habita na Igreja e nos corações dos fiéis (cf. 1 Cor 3, 16; 6, 19) e neles ora e dá testemunho da sua adoção filial (cf. Gl 4, 6; Rm 8, 15-16, 26);
- nele, que dota a Igreja com diversos dons hierárquicos e carismáticos e com a ajuda destes a dirige e a enriquece de frutos (cf. Ef. 4, 11-12; 1 Cor. 12, 4; Gl. 5, 22);

— nele, que com a força do Evangelho faz rejuvenescer a Igreja, a renova continuamente e a leva à perfeita união com o Seu Esposo (cf. LG n. 4).

Sim. Nós desejamos permanecer nele, no Espírito Santo, no Paráclito, assim como a Ele — ao Espírito do Pai — nos confiou Cristo crucificado e ressuscitado. Confiou-nos a Ele dando-o a nós: aos Apóstolos e à Igreja, quando disse, no Cenáculo hierosolimitano: ‘Recebei o Espírito Santo’ (Jo 20, 22).”

E estas palavras começaram a ter atuação prática diante de todas as línguas e nações no dia do Pentecostes, no dia em que a Igreja nasceu no Cenáculo de Jerusalém e saiu para o mundo”.¹⁸⁴

A história da Igreja foi realizada pelo Espírito

80. Este texto convida a meditar sobre a terceira parte do símbolo da fé, para que cada um renove a consciência de “permanecer no Espírito Santo” que é “Senhor e dá a vida”. “Professando esta fé e renovando esta consciência [ensinava João Paulo II] seguimos as pegadas da Igreja indivisa dos primeiros séculos, e ao mesmo tempo adoramos e glorificamos o Espírito Santo junto com o Pai e com o Filho, condição primária para reconhecer a presença e a ação santificadora do Espírito na etapa atual da história da salvação e da nossa vida às portas do terceiro milênio da Igreja. Com efeito, a Igreja não pode preparar-se para o final bimilenário “de nenhum outro modo, a não ser no Espírito Santo. Aquilo que na plenitude do tempo se cumpriu por obra do Espírito Santo, só por obra do Espírito Santo, somente por sua obra pode emergir agora da memória da Igreja”.¹⁸⁵

81. Onde está a Igreja lá está o Espírito Santo. Nesse tempo somos oportunamente convidados a conhecer melhor a ação do Espírito Santo que age no mundo, no seio do povo de Deus e em cada pessoa, inserindo-nos mais no projeto de Deus para toda a humanidade. O Espírito nos é dado. Ninguém o vê, mas nos é dado reconhecê-lo onde ele se doa, onde ele opera: em Cristo, no seu povo a caminho, no mundo. Na fé em Jesus Cristo, rocha espiritual, sacia-se o povo de Deus que marcha para a plenitude do reino.¹⁸⁶ Aí podemos perceber a sua presença. Cristo continua a agir através do Espírito Santo, que Ele nos enviou.

184 *João Paulo II. Homília na Basílica de São Pedro, 07/06/1981.*

185 *João Paulo II, TMA, n° 44.*

186 *1Cor, 10, 4.*

A ação do Espírito em Jesus e nos primeiros cristãos

82. A relação inspirada pelas palavras e pelas ações de Jesus Cristo nos quatro evangelhos nos faz perceber a manifestação do Espírito em primeiro lugar na pessoa e na vida de Jesus Cristo, o Filho de Deus. A sabedoria do seu ensinamento e a eficácia das suas ações, especialmente do envio na missão dos doze, têm a sua fonte no Espírito Santo. Conforme a pregação apostólica, é o Espírito Santo que ressuscitou Jesus Cristo, estabelecendo a potência divina para renovar a humanidade; e é sempre por meio do Espírito Santo que nós somos em Jesus Cristo novas criaturas. Jesus falou do Espírito, anunciando o seu dom àqueles que acreditavam nele e, depois da Páscoa, o transmitiu efetivamente pelos Apóstolos a toda a primeira comunidade.
83. São Lucas e São Mateus descobrem a ação criadora do Espírito no nascimento virginal de Jesus. Desde que “foi gerado, não criado”, Ele é já Filho de Deus e por meio do Espírito se fez carne por nós.¹⁸⁷ Maria acolhe com fé o Espírito que realiza a santificação da humanidade. Através do poder do Espírito, gera o Salvador e a nova humanidade.¹⁸⁸ A história da Igreja, da qual hoje vivemos uma etapa decisiva para o seu futuro, encontra o seu desenvolvimento na manifestação do Espírito no seio da primeira comunidade cristã. Traçando o quadro da Igreja até Pentecostes, São Lucas recorda que a plenitude do Espírito Santo - prometida pelos profetas ao povo de Deus e por Jesus aos seus discípulos -, fez nascer o novo Israel, aberto àqueles que estão próximos e àqueles que estão longe, até os confins da terra.¹⁸⁹ O ensinamento apostólico testemunha a rica diversidade e a eficácia do Espírito que age nas comunidades da nova aliança e que mora no coração dos cristãos; por isso, veem nesta manifestação nova do Espírito a realização das promessas que Deus fez através dos profetas.¹⁹⁰

187 *Mt 1, 18-24; Lc 1, 26-37.*

188 *Irineu de Lion, IV, 33, 4,11.*

189 *At 8, 14.*

190 *Is 11,2; Ez 26, 38.*

A Igreja, templo do Espírito Santo

84. O estudo e a meditação sobre o Espírito Santo são indispensáveis para discernir, hoje, a presença e o modo de agir do Espírito Santo. As imagens das Escrituras mantêm a sua atualidade porque evocam os múltiplos aspectos da obra do Espírito, que não podem ser expressas por um só símbolo ou designação: a água, o fogo e o sopro, a nuvem misteriosa, a pomba, o dom de Deus, o templo, a casa, a unção, o consolador, ou advogado, o penhor da promessa. Consideremos agora como o Espírito, que mora em plenitude em Jesus, permanece sem cessar no coração dos crentes e age de modo sempre novo na Igreja. A Igreja é, ao mesmo tempo, corpo de Cristo, templo do Espírito Santo e povo de Deus. Em nossa romaria à Trindade somos convidados a meditar, sobretudo, nesta segunda dimensão da Igreja, que é “templo de Espírito Santo”¹⁹¹, de tal modo que possamos tirar conclusões para a nossa vida pessoal e para o discipulado missionário.

O Espírito suscita o nascimento da comunidade eclesial

85. Nos Atos dos Apóstolos, encontramos o relato de experiência da comunidade dos discípulos de Jesus, depois da sua partida. No início a comunidade se fechara em si mesma. Os discípulos estavam ansiosos e desencorajados. Mas em Pentecostes vivem uma experiência profunda. Saem e testemunham audaciosamente a ressurreição de Jesus. A vivem a comunidade com um só coração e uma só alma. Para os discípulos de Jesus, portanto, se trata de uma experiência absolutamente nova. E entendem também o sentido deste evento; eis que se realizam plenamente as palavras dos profetas como Joel sobre os novos e decisivos tempos de Deus: “Sucederá, nos últimos dias, diz o Senhor, que derramarei do meu Espírito Santo toda carne. Vossos filhos e vossas filhas profetizarão, vossos jovens terão visões e vossos velhos sonharão”.¹⁹² Naquele momento, os discípulos experimentaram muito concretamente que eles também, afinal, participam do mesmo Espírito de Jesus. Ele faz deles homens novos, uma comunidade nova, a comunidade de Jesus. Esta realidade, o dom da páscoa do Senhor, o dom do Espírito Santo dado à comunidade eclesial, o encontramos também no

191 *Ef 20, 22.*

192 *At 2, 18-19.*

Evangelho de São João. “À tarde desse mesmo dia, o primeiro da semana, estando fechadas as portas onde se achavam os discípulos, por medo dos judeus, Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: “A paz esteja convosco”! Tendo dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Os discípulos, então, ficaram cheios de alegria por verem o Senhor. Ele lhes disse de novo: “A paz esteja convosco! Como o Pai me enviou, também eu vos envio”. Dizendo isso, soprou sobre eles e lhes disse: “Recebi o Espírito Santo. Aqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados, aqueles aos quais retiverdes ser-lhes-ão retidos” (Jo 20, 19-23).

A ação do Espírito no mundo

86. No empenho por um mundo de justiça e de paz é ínsito o desejo que, finalmente, o Espírito renove a face da terra.¹⁹³ Em Pentecostes, esse mundo novo que deve vir se prefigura já no dom do Espírito Santo à comunidade dos discípulos. “Se [...] com a ajuda do Espírito Santo vós fazeis morrer as obras do corpo, então, vivereis”.¹⁹⁴ Por isso, os cristãos, com os demais homens de boa vontade, em situações que às vezes trazem em si a semente da morte, devem deixar que o dinamismo do Espírito Santo faça surgir a verdadeira vida, A vocação da Igreja é a de ser, na situação mundial que às vezes cultiva em si os germes da morte, um movimento de resistência espiritual, que dá lugar a uma nova esperança.

Testemunho de serviço à justiça e à paz

87. Em caminhada dinâmica de romaria – e inseridos nos “mundos” da economia, da arte, da cultura, do esporte, da vida social -, não poderíamos refletir, em pequenos grupos, sobre o modo como o Espírito Santo nos convida a “renovar a face da terra?” O empenho em favor de um mundo mais justo pode cansar o coração e até desencorajá-lo. Nas nossas organizações e grupos de trabalho não será o caso de permitir ao dinamismo do Espírito Santo renovar-vos constantemente?

193 *Sl 104, 30.*

194 *Rm 8, 13.*

Testemunho de comunhão fraterna

88. Por meio da potência do Espírito, as nossas comunidades cristãs são chamadas a dar testemunho no mundo. Seja sublinhado que nos Atos dos Apóstolos é próprio da comunidade cristã autêntica constituir um convite a compartilhar desta vida. Mas se a comunidade cristã é apenas uma simples “organização” ou se não supera os conflitos, todo o seu dinamismo desaba. Mesmo na diversidade das opiniões, como ser uma comunidade que testemunha com coerência o Evangelho?

Testemunho no anúncio da Boa Nova

89. O Espírito Santo convida também todos os discípulos de Jesus a dar testemunho do seu Senhor e do seu Evangelho onde quer que estejam. O bispo, administrando o sacramento da confirmação, pede isto ao Senhor: “Deus todo-poderoso, Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que, pela água e pelo Espírito Santo, fizestes renascer estes vossos servos e servas, libertando-os do pecado, enviai-lhes o Espírito de sabedoria e inteligência, o Espírito de conselho e de fortaleza, o espírito de ciência e de piedade e enchei-os do espírito de vosso temor”. Há situações em que tal testemunho não é evidente. Mas como dizia Jesus: “Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados como ou o que haveis de falar, porque não sereis vós que estareis falando, é o Espírito do vosso Pai que falará em vós”.¹⁹⁵ Isto se realiza nos ambientes de trabalho e nas escolas, nos grupos de amigos ou nos encontros fortuitos; isto acontece de modo todo particular quando os cristãos, sensibilizados pelo Espírito à oração e aos valores do Evangelho, testemunham a sua amizade para com os emigrados, o valor de toda a vida humana, a solidariedade para com aquela parte do mundo menos desenvolvida, a alegria da sua fé. Portanto, podemos sempre dar testemunho da esperança que vive em nós.¹⁹⁶ Mas, nos perguntemos: Na sociedade dou sinceramente testemunho da esperança que vive em mim? Que ações e atitudes posso assumir para corresponder a essa esperança que habita em mim?

195 *Mt 10, 19-20.*

196 *1Pd 3, 15.*

A renovação da Igreja

90. Os pastores, seus colaboradores e muitas outras lideranças preocupam-se com o presente e o futuro das comunidades: é necessário, dizem, um projeto novo, um sopro novo para a Igreja do presente e do futuro. Como elaborar esse projeto de evangelização com fidelidade, lucidez, fé, caridade e esperança perseverante? Como reavivar em cada cristão os seus, a serviço da comunhão? Como edificar a realização plena da unidade dos cristãos, “para que o mundo possa crer em Cristo Salvador”. Esses questionamentos também são sinais do nosso tempo: sinais de esperança para além dos temores, apelos a uma renovação espiritual, desejo da unidade dos cristãos.

Na oração, o Espírito fortalece meu espírito

91. Antes de tomar grandes decisões para o cumprimento da sua missão¹⁹⁷ e antes de enfrentar as provações, em particular a hora suprema da paixão¹⁹⁸, Cristo se retira à parte para rezar. Aqueles que continuarão sua obra através das tribulações são também eles convidados a rezar,¹⁹⁹ como fazia a primeira comunidade preparando-se com Maria para a vinda do Espírito. A Igreja encontra em Maria o modelo da meditação constante, para a compreensão espiritual das maravilhas de Deus.²⁰⁰ O Espírito se une ao nosso espírito e fortifica o nosso coração; façamos silêncio em nós para ouvi-lo e deixemo-nos guiar por ele. O recolhimento é um momento forte para discernir a vontade de Deus; é o caminho a empreender para encontrar a paz do coração e a confiança na misericórdia eficaz e fiel do Pai. Quanto tempo dedico, cada dia, ou periodicamente, a este recolhimento que me remete ao juízo de Deus, liberta-me, purifica os meus desejos, permite-me compreender os apelos de Deus, induzindo-me a confiar-me à força de Deus em mim?²⁰¹

197 *Mc 1, 35-39; Lc 6, 12-16.*

198 *Mc 14, 32-42.*

199 *At 1, 9; 2, 14.*

200 *Lc 1, 46-56.*

201 *Rm 8 26-38.*

Espiritualidade e compromisso social

92. Situados sob o marco de uma nova época, vivemos expectativas na qual se entrecruzam esperanças e temores. De que modo a sociedade, a Igreja e cada um de nós pode enfrentar os desafios lançados pelas novas situações de nosso tempo? Homens e mulheres do século XXI, e em particular os jovens, impelidos por um grande desejo de interioridade e de comunhão fraterna, são levados a desconjurar a racionalidade científica, as novas tecnologias, a economia, a política, correndo o risco de se deixar levar por uma experiência mais ou menos inebriante até o indizível e inefável do Mistério. Que espiritualidade poderá iluminar-nos com toda verdade e animar-nos com toda serenidade e generosidade, sem nos alienarmos em espiritualismos que nos descolam da realidade humana e nos isentam do compromisso social? Todos aqueles que, pela sua responsabilidade e inserção social, estão preocupados com o futuro da sociedade, não poupam os seus esforços para a superação dos grandes desafios sociais, econômicos, políticos e culturais. Os conflitos, as exclusões e os dilemas familiares evocam para a exigência de liberdade e solidariedade. Aperfeiçoase incessantemente a organização temporal para responder mais adequadamente à complexidade das necessidades. Hoje, mais e melhor do que ontem, percebemos que tal progresso civilizatório e tais desafios devem ser acompanhados de igual dinamismo espiritual. O desenvolvimento econômico e social irá contribuir com a realização integral da humanidade somente se compartilhar também os valores éticos, o sentido de vida, os direitos humanos e o empenho pelo bem comum, sobretudo aos mais pobres e excluídos. Mas onde encontraremos, juntos, a força de ânimo necessária para perceber e realizar este ideal de justiça e de fraternidade?

O Espírito e o ministério ordenado

93. O apóstolo Paulo qualifica a missão, para a qual fora chamado por Cristo, como serviço de Cristo ou serviço do Espírito.²⁰² O apostolado é um dom gratuito e superabundante de Cristo. Lucas mostra claramente que a ação dos Apóstolos na comunidade deriva

da efusão do Espírito Santo recebido no dia de Pentecostes. Os Apóstolos se preocuparam de ver as suas comunidades desenvolver-se e florescer; bem cedo, as estruturaram escolhendo presidentes e presbíteros, bispos e diáconos, sobre os quais impuseram as mãos invocando o Espírito.²⁰³

94. O ministério pastoral é um dom, recebido conforme o beneplácito de Deus,²⁰⁴ um carisma que assegura a guarda fiel da verdade e rejuvenesce incessantemente a Igreja.²⁰⁵ A liturgia das ordenações manifesta este aspecto carismático da hierarquia da Igreja. O apóstolo Paulo exorta aquele a quem impôs as mãos a reavivar o carisma recebido. Também hoje a atualização da missão requer uma grande prudência pastoral para conjugar uma clara visão do projeto de Deus e o discernimento dos sinais dos tempos na situação presente. Não podemos reduzir nossos projetos para a Igreja do futuro a uma regra de gestão de empresa e de aproveitamento de talentos humanos, ainda que devamos considerá-los também à sabedoria e à habilidade das organizações e instituições.

A participação dos cristãos leigos

95. Além dos ministérios, a segunda força indispensável para a unidade e o crescimento da Igreja é a caridade pastoral que empenha toda a comunidade à colaboração, de modo unânime e articulado, e que age conforme a dimensão ilimitada do mistério do amor de Deus. Sem isto, não haveria senão provas de habilidade, agitação e dispersão.²⁰⁶ Numerosos fiéis participam ativamente, com o seu pastor, da missão da Igreja, quer nas tarefas de animação espiritual e de evangelização, quer na gestão de instituições ou organizações eclesiais, sentindo-se envolvidos na atividade humana na qualidade de cristãos.²⁰⁷ Todas estas tarefas são espirituais, porque todos os cristãos participam dos dons de discernimento, sabedoria e conselho concedidos pelo Espírito ao povo sacerdotal, profético

203 *At 14, 23; 20, 17; 1Tm 2, 3-13; 14, 2; 2Tm 1, 6-7.*

204 *Ef 2, 20-21; 4, 16.*

205 *Irineu de Lion, III, 21, 1; IV, 26, 2.*

206 *1Cor 13, 2-3.*

207 *LG n°s 9-12; 30-38.*

e real.²⁰⁸ Esta colaboração não se limita a prestar algum serviço, mas implica uma associação mais estreita da responsabilidade do pastor, na obra global da comunidade. A reflexão sobre o rol de cada um e o espírito com o qual se realiza tal colaboração devem ser iluminados e animados pelo Espírito. Tal é o sacerdócio da nova aliança, o sacerdócio universal do povo de Deus.²⁰⁹ Nos conselhos e grupos pastorais, a escuta comum da palavra, o intercâmbio espiritual e a oração são indispensáveis. A Eucaristia, fonte e centro da comunidade,²¹⁰ manifesta e reforça a unidade, fruto de prudência e caridade pastoral.

O serviço da caridade

96. Esta carta pastoral, consagrada ao Espírito Santo, pode nos levar a concentrar a nossa reflexão principalmente sobre o exercício da caridade. Nas origens do cristianismo, a Igreja organiza a ajuda mútua entre os cristãos de cada comunidade e entre as várias Igrejas.²¹¹ Especialmente ficou impresso na memória eclesial o ministério do diaconato. Mais tarde, alguns bispos erigem as primeiras casas para acolhimento dos enfermos e estrangeiros. Na idade média surgem algumas fraternidades consagradas ao serviço dos leprosos e dos enfermos; na época moderna, se organizam instituições cristãs especializadas para o serviço na área da saúde, da educação etc. Quer-se responder assim, de modo estruturado, ao mandamento do amor fraterno.
97. Como, hoje, a Igreja pode continuar o seu serviço de caridade, considerando que a organização do Estado e as políticas públicas se desenvolveram amplamente? Que escolhas devemos fazer para responder aos gritos atuais e urgentes da misericórdia divina? Que novas subsidiariedades deveremos assumir? Não deveremos, igualmente, refletir sobre o modo de conjugar a oferta personalista, inspirada pelo amor de Deus, com as possibilidades e as obrigações da organização e da técnica avançada? Também no seio da Igreja, uns preferem ações que atendem mais diretamente às necessidades imediatas das pessoas, ao passo que outros se empenham em uma reforma das estruturas da vida social. Quanto se apreciam e se

208 *Is 12, 2; 1Pd 2, 5.*

209 *LG n.ºs 10-11.*

210 *AA n.º 10; PO n.º 5.*

211 *At 2, 44; 4, 34-35; 2Cor 9, 9-13.*

combatem reciprocamente uns e outros? Os agentes do serviço da caridade não podem trabalhar sem viver entre eles na caridade? Tais são as manifestações do Espírito nos nossos corações, na vida da Igreja e do mundo. São conhecidas pelos seus frutos.²¹² Tais são também os apelos que ele nos dirige, Mas quem é, entretanto, aquele que nos contenta tão profundamente e que nos chama com tanta insistência?

V – CAPÍTULO

O ESPÍRITO SANTO E O SACRAMENTO DO CRISMA

Iniciação Cristã, obra do Espírito Santo

98. Depois de ter fixado o olhar sobre o Espírito Santo, dom pessoal do Pai a Jesus Cristo ressuscitado e dele à Igreja para santificá-la e torná-la semelhante a si, formando com ela um só corpo,²¹³ somos chamados a refletir agora sobre os sacramentos da iniciação cristã, em especial sobre o “sacramento do Espírito Santo”.
99. O Espírito Santo santificou plenamente a humanidade de Jesus²¹⁴ e Cristo correspondeu perfeitamente à vontade do Pai empenhando-se na sua obra de santificação. Desde aquele momento, Cristo é chamado o “sacramento primordial”: nós o acolhemos com a fé e nele produzimos frutos através da caridade. Os sete sacramentos desdobram em nós este dom primordial; esses constituem os momentos mais altos da ação santificadora do Espírito, como também de nosso empenho e de nosso crescimento. Esta ação suprema do Espírito se manifesta particularmente na eclíipse da eucaristia e das ordenações.

O Espírito vivifica e ilumina

100. Na pregação e na catequese será o caso de valorizar a ação do Espírito nos e através dos sacramentos. Ele santifica a criação - a água, o pão o vinho, o óleo -, e a totalidade de cada pessoa em seu corpo, na sua alma e no seu espírito; no mais, a única vida do Espírito se diversifica nos diferentes sacramentos. “Esta realidade se faz presente em nossa vida por obra do Espírito Santo que também, através dos sacramentos, nos ilumina e vivifica. Em virtude do Batismo e da

213 *Ef 5, 26-30.*

214 *Rm 1, 3; Col 2, 9.*

Confirmação somos chamados a ser discípulos missionários de Jesus Cristo e entramos na comunhão trinitária da Igreja, a qual tem seu ápice na Eucaristia, que é princípio e projeto da missão do cristão. Assim, pois, a Santíssima Eucaristia leva a iniciação cristã à sua plenitude e é como o centro e fim de toda a vida sacramental”.²¹⁵

101. Nesta carta desejo dar uma atenção toda especial ao sacramento da confirmação. Quando os jovens o recebem, no momento em que começam a pensar em seu próprio futuro, podem descobrir frutuosa e plenamente o Espírito como guia interior e como fonte de segurança para o seu amanhã.

Ação trinitária sobre cada pessoa escolhida

102. Com frequência se fala da iniciação cristã como o itinerário que o homem deve realizar para “passar da morte à vida” e incorporar-se na vida da Igreja. A iniciação é apresentada também como a ação da Igreja que guia os homens neste processo, inserindo-os em Jesus Cristo mediante a evangelização, a catequese e, sobretudo, a celebração dos sacramentos da iniciação cristã. Tudo isto é verdade. A iniciação cristã, porém, é originalmente uma obra divina que pertence às três Pessoas divinas, isto é: ao Pai que nos escolheu antes da criação do mundo, predestinando-nos a sermos seus filhos;²¹⁶ ao Filho e Senhor nosso Jesus Cristo que “está presente com a sua virtude dos sacramentos de modo que quando alguém batiza é Cristo mesmo quem batiza”;²¹⁷ e ao Espírito Santo que não só realiza na Igreja o mistério pascal de Jesus Cristo, mas faz nascer de novo o homem para consagrá-lo e introduzi-lo plenamente na comunhão da Igreja.²¹⁸

Fruto da graça de Deus

103. Só Deus pode comunicar ao homem a vida divina, revestindo-o de Cristo e reconhecendo-o como cordeiro.²¹⁹ Neste sentido a iniciação

215 SC, nº 17.

216 Ef 1, 4-6; Jo 1, 12-13; 1Jo 3, 1.

217 SC 6, 7

218 Jo 3, 5; 15, 5.

219 Gl 3,4; Ef 4, 24.

cristã é fruto da graça de Deus que opera no homem uma mudança radical e o transforma tornando-o consorte na natureza divina.²²⁰ A Igreja é associada a esta obra da redenção humana num modo que a sua missão consiste precisamente em pregar a salvação e a realizá-la mediante os sacramentos.²²¹ No dia de Pentecostes aqueles que acolhem a palavra de Deus se convertem e são batizados, recebendo o perdão dos pecados e o dom do Espírito Santo para perseverar no ensinamento dos Apóstolos, na eucaristia, na união e nas orações.²²²

Inserção no mistério pascal de Cristo

104. Por isso a iniciação cristã é essencialmente a inserção do homem no mistério pascal de Jesus Cristo e na comunhão da Igreja por meio do sacramento do batismo, da confirmação e da eucaristia, acompanhados por um itinerário catequético com o qual cresce, se alimenta e amadurece a vida da fé.²²³ De consequência, a iniciação cristã não pode se reduzir a um simples processo de ensinamento e de formação, mas deve ser considerada como uma oferta que Deus faz mediante a Igreja a cada pessoa, envolvendo-a em todo o seu ser e contando, pelo menos no caso dos adultos, com a sua resposta e colaboração para com a graça de Jesus Cristo.

Por que fazer o crisma?

105. O Sacramento da confirmação constitui uma unidade com o batismo e com a eucaristia, sendo necessário para a plenitude da graça batismal. O efeito do sacramento é a plenitude do Espírito Santo, como foi concedido aos apóstolos em Pentecostes. Ao mesmo modo que o Pentecostes significa o ápice da Páscoa da qual é inseparável, assim a confirmação “aporta um crescimento e aprofundamento da graça da batismal: enraíza-nos mais profundamente na filiação divina graças à qual dizemos: *Abbá, Pai*; une-nos mais solidamente a Cristo; aumenta em nós os dons do Espírito Santo, torna mais perfeitamente o nosso liame com a Igreja; nos concede “uma especial força do Espírito Santo” para difundir e defender a fé com a palavra e a ação, como verdadeiras

220 *2Pd 1, 14; DV N° 2.*

221 *Mt 16, 15-16.*

222 *At 2, 38-39.41-41.*

223 *CIC 1212.*

testemunhas de Cristo, para “confessar corajosamente o nome de Cristo” e para não envergonhar-se jamais da sua cruz”.²²⁴

A imposição das mãos e a unção com o óleo

106. Esta efusão do Espírito é comunicada na Igreja desde os tempos apostólicos mediante a imposição das mãos²²⁵ Em seguida, se acrescenta a unção com o óleo do crisma, para significar a participação do batizado à unção messiânica e sacerdotal de Cristo, o consagrado no Espírito Santo.²²⁶ Nos primeiros séculos a confirmação se administrava na própria celebração do batismo das crianças, em geral pelo bispo que aguardava os neo-batizados na saída do batistério para introduzi-los na Igreja. Difundindo-se o batismo das crianças, no ocidente a confirmação foi separada do sacramento do batismo com a finalidade que fosse administrada pelo bispo, seu “ministro originário”.²²⁷ Todavia, no oriente continua a ser celebrada junto com o batismo, mesmo no caso das crianças, e assim a confirmação é administrada pelo sacerdote que batiza usando o óleo consagrado pelo bispo. O mesmo acontece no ocidente no caso na iniciação cristã dos adultos, podendo o sacerdote também crismar em razão do seu ofício ou por mandado do bispo.²²⁸
107. Deste modo o oriente põe mais em relevância os sacramentos da iniciação, ao passo que o ocidente sublinha o liame do batizado com a Igreja presidida pelo bispo.²²⁹ Todavia, não é o batizado que “confirma” a sua fé ou ratifica a sua pertença à Igreja, mas é Deus mesmo que, pelo ministério da Igreja, sinaliza e aperfeiçoa a graça batismal: “É Deus mesmo que nos marcou com um selo e pôs em nossos corações o Espírito Santo”.²³⁰
108. A união e a relação com toda a iniciação cristã foram expressamente sublinhadas pelo Concílio Vaticano II ao propor a revisão do respectivo

224 *Catecismo da Igreja Católica, nº 1303.*

225 *At 2, 28; 8, 15-17; 19, 5-6; Hb 6, 2.*

226 *At 10, 38.*

227 *LG nº 26.*

228 *CDC nºs 852, 1; 882, 20.*

229 *Catecismo da Igreja Católica, nºs 1244, 1290-1292.*

230 *2Cor 1, 21-22.*

ritual. Com esta finalidade, foram introduzidas as promessas batismais antes da celebração da confirmação e a sua administração foi colocada durante a missa. Neste sentido a confirmação habilita a uma mais perfeita participação do sacrifício eucarístico, vinculando mais intimamente o batizado ao mistério pascal de Jesus Cristo, se ofereça com ele ao Pai e cheio do Espírito Santo se torne “um só corpo e um só espírito”.²³¹ A confirmação aperfeiçoa o sacerdócio comum dos féis recebido no batismo²³² em vista do testemunho, do empenho cristão e da prática das virtudes cristãs.²³³

109. A confirmação, enquanto ato sacramental que confere crescimento e maturidade na fé, desemboca na eucaristia, comunhão plena com o mistério de Cristo e cume da iniciação cristã que, deste modo, é completada.²³⁴ Neste sentido, a eucaristia, “fonte e ápice da vida cristã”,²³⁵ significa e realiza a comunhão de vida com Deus e a plena integração no corpo de Cristo e na união com a Igreja.²³⁶

O Sacramento da Confirmação ou Crisma

110. “Soprou sobre eles” e lhes disse: “Recebei o Espírito Santo”.²³⁷ A confirmação é o sacramento que dá o Espírito Santo com os efeitos acima lembrados. Com razão se diz que a confirmação é o sacramento do Espírito, tal como indica a fórmula que o confere: “Recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus!” A expressão “por este sinal, dom de Deus”, conhecida já nos séculos IV e V e ainda usada pelas Igrejas de rito bizantino, substituiu a fórmula medieval que dizia “Eu te marco com o sinal da cruz e a ti confirmo com o crisma da salvação. No nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo”.²³⁸

231 *Oração Eucarística III.*

232 *Catecismo da Igreja Católica, n°s 1268, 1305.*

233 *LG n° 11; AA n° 3.*

234 *Catecismo da Igreja Católica, n°s 1212; 1322; Ritual da Confirmação. Observações preliminares, n° 13.*

235 *LG n° 11.*

236 *SC n° 10; PO n° 5.*

237 *Jó 20, 22.*

238 *Le Pontifical Romain du XII siècle (Studi e testi, 86), Città del Vaticano, 1938, p. 247.*

A efusão do Espírito Santo

111. Na linguagem patrística e litúrgica a palavra “sinal” se refere ao elemento visível de uma realidade invisível. Neste caso, o elemento visível é a unção com o crisma. Que significa e efetua a unção interna do Espírito Santo nos féis. A efusão do Espírito Santo, prometida a todo o povo de Deus na antiga aliança se torna uma realidade após a Ressurreição de Jesus e a constatação que estamos que estamos efetivamente nos tempos messiânicos, “a plenitude dos tempos” inaugurada com a encarnação do Filho de Deus²³⁹ e proclamada solenemente por ele na sinagoga de Nazaré.²⁴⁰ O sacramento da confirmação torna perceptível sob o véu dos sinais o renovado envio do Espírito Santo, do Pai e do Filho aos nossos corações.²⁴¹
112. A efusão do Espírito se produz já no batismo, sacramento do novo nascimento, da geração e renovação por obra do Espírito Santo,²⁴² mas se torna doação mais plena na confirmação por meio do rito sacramental específico que exprime e confere mais intensamente o dom do Espírito. Por este motivo, no “Ritual da Confirmação” se lê: “Os batizados prosseguem o caminho de sua iniciação cristã no sacramento da confirmação, pelo Espírito Santo, que o Senhor enviou sobre os apóstolos no dia de Pentecostes”.²⁴³

O dom do Espírito Santo

113. Essencialmente o sacramento da Crisma comunica o dom pessoal do Espírito Santo que foi derramado em plenitude, no mesmo dia que foi concedido aos Apóstolos,²⁴⁴ na tarde de Páscoa e no dia de Pentecostes.²⁴⁵ “Com o sacramento da confirmação, aqueles que renasceram no Batismo, recebem o dom inefável, o próprio Espírito Santo”.²⁴⁶

239 Gl 4, 4.

240 Lc 4, 16-21.

241 Rm 5, 5.

242 Jo 3, 5; Tt 3, 15.

243 Ritual da Confirmação, Introdução, nº 1.

244 Jo 20, 22.

245 At 2, 1-4; Catecismo da Igreja Católica, nº 1302.

246 Rito da Confirmação.

114. A Crisma configura mais plenamente o batizado ao Cristo Senhor, ungido pelo Espírito Santo²⁴⁷ e o insere de modo mais perfeito na Igreja. Desta forma chega a cumprimento a regeneração do fiel em Cristo e na participação na Eucaristia, cume de toda a iniciação cristã, se realiza a plena inserção no mistério pascal e pentecostal. Assim os Crismados são constituídos na sua identidade de cristãos e tornados capazes de crescer na vida divina que lhe fora doada, de celebrar os sacramentos da vocação cristã - a ordem e o matrimônio -, e de “difundir e defender com a palavra e com a obra a fé, como verdadeiras testemunhas de Cristo”.²⁴⁸

O fortalecimento para a perseverança

115. São Paulo compara a vida cristã a um combate, de tal forma que fazendo um balanço da sua existência pode afirmar: “Combati o bom combate, terminei a minha carreira, conservei a fé”,²⁴⁹ com palavras semelhantes exorta o jovem Timóteo: “Tu, porém, homem de Deus, fuge destas coisas. Segue a justiça, a piedade e a fé, o amor, a perseverança, a mansidão. Combate o bom combate da fé. Conquista a vida eterna, para a qual foste chamado como o reconheceste numa bela profissão de fé diante de muitas testemunhas.²⁵⁰ Nas diferentes etapas da vida - na adolescência como na idade adulta, na juventude como na terceira idade - a existência cristã exige um corajoso compromisso com o Evangelho e uma vigorosa tenacidade para vencer o mal: trata-se de uma verdadeira batalha. Como a natureza doa, proporcionalmente a cada idade, a força física e psicológica para a luta, da mesma forma o Espírito Santo prepara o cristão, com as graças concedidas pela Crisma, para transmitir a sua fé e para combater por amor de Cristo e da Igreja. O rito deste sacramento, portanto, pode nos ajudar a compreender o que acontece em um batizado quando recebe a Crisma.

247 Mt 3, 16; At 10, 38.

248 LG, 11; CDC 879.

249 2Tm 4, 7.

250 1Tm 6, 11-13.

O Bispo, ministro originário e ordinário da Crisma

116. O bispo é o ministro originário²⁵¹ e ordinário²⁵² do Sacramento do Crisma. Enquanto o batismo pode ser administrado por qualquer pessoa, contanto que tenha a intenção de fazer o que entende a Igreja, a Confirmação invoca diretamente o ministério do bispo. Ele é o ministro originário “fazendo referência à primeira efusão do Espírito Santo no dia de Pentecostes. Foram de fato os próprios apóstolos que, depois de estar repletos do Espírito Santo, o transmitiram aos fiéis por meio da imposição das mãos”.²⁵³ Com a celebração do sacramento, o bispo confere o dom do Espírito, continuando a ação dos apóstolos. O bispo é o ministro ordinário da Crisma porque normalmente é ele que preside a liturgia do sacramento e quando não pode estar presente o faz por meio de um seu delegado. Em todo caso, é o bispo que abençoa o óleo do crisma para toda a diocese na missa do crisma, na manhã de quinta-feira santa.

A comunhão com todos os discípulos de Cristo

117. Recebendo a unção crismal do bispo, o fiel batizado e crismado está unido a ele e a toda a Igreja, una, santa, católica e apostólica, mediante a qual experimenta a comunhão como todos os discípulos de Cristo; deste modo o crente nunca fica isolado, mas participa plenamente da vida da Igreja no mundo, em que é chamado a viver a própria vocação cristã com a oração, com a missão, com a vida.

As palavras do rito do crisma

118. A fórmula usada no rito da Crisma – “Recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus” -, sublinha como o dom deste sacramento seja o próprio Espírito Santo e recorda a efusão do Espírito acontecida no próprio dia de páscoa e renovada no dia de Pentecostes. A fórmula sacramental, com efeito, responde fielmente aos textos bíblicos onde é qualificada a especial comunicação do Espírito Santo. O dom do Espírito Santo é conferido como sinal que se imprime na alma de modo indelével e permanente. Como

251 LG 26; *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1312.

252 CDC can. 882; *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1313.

253 *Rito da Confirmação*.

o Espírito Santo desceu sobre Cristo para permanecer com ele,²⁵⁴ assim o crismado recebe este dom essencial, que é fonte e ao mesmo tempo síntese de todos os outros dons e graças, e ele se torna templo do Espírito Santo.²⁵⁵ Este dom, cujo sinal não poderá ser cancelado, é concedido antecipadamente e como “penhor” do dom definitivo da vida eterna. Portanto, se poderia torna-lo estéril e ineficaz por causa da nossa infidelidade, do nosso pecado; é o risco que podemos correr, pela nossa falta de correspondência à graça.²⁵⁶ A fórmula sacramental exprime, portanto, a união ao Espírito Santo, doado pessoalmente ao crismado, que o torna semelhante a Cristo e o configura na sua identidade de cristão.

O óleo do Crisma

- 119.** Além da fórmula sacramental, o rito essencial para a celebração da Crisma é constituído pela “unção do crisma sobre a fronte, que se faz com a imposição da mão”. O santo crisma é uma mistura de óleo de oliveira e de bálsamo perfumado, confeccionado e abençoado pelo bispo na quinta-feira santa. Sendo o óleo um símbolo de abundância, alegria e saúde, o crisma de salvação é o sinal da fonte da fecundidade e da vitória; é o sinal da total consagração a Cristo; é o sinal da santidade, à qual o crismado, cheio do Espírito Santo, deve tender.
- 120.** O santo crisma é um óleo de suave odor. “Em verdade, somos para Deus o bom odor de Cristo, entre aqueles que se salvam e aqueles que se perdem; para uns, odor que da morte leva à morte; para outros, odor que da vida leva à vida”.²⁵⁷ É graças ao perfume das virtudes cristãs, à sua fé que cresce para a maturidade, à força da sua esperança e à irradiação da sua caridade, que aquele no qual habita o Espírito Santo difunde dia após dia o seu testemunho de discípulo do Senhor. Um cristão confirmado é, como Cristo, um sinal de contradição. A sua vida no Espírito ressoará como uma mensagem de amor agradável a alguns, mas incômodo a outros. O cristão que vive cada dia segundo as exigências do sacramento do Batismo e da

254 Jo 1, 32; Lc 3, 22; 4, 28.

255 1Cor 3, 6-17.

256 1Ts 5, 19; 1Tm 1, 6.

257 2Cor 2, 15-16.

Crisma, bálsamo que expande o seu perfume, desmascara o egoísmo presente no mundo, que é a raiz de todo pecado.

A imposição das mãos

- 121.** Um gesto particularmente significativo com o qual se invoca o Espírito Santo é a imposição das mãos, tanto que na celebração da Crisma se faz bem duas vezes. A primeira imposição é feita sobre todo o grupo dos crismandos. Esta “ainda que não pertença à essência do rito sacramental”²⁵⁸ é um gesto solene no qual o bispo associa a si também os presbíteros concelebrantes. Em continuidade com a primeira, a imposição da mão feita durante o rito da crisma faz parte do rito essencial para a validade do sacramento; feita sobre cada crismando, é símbolo eficaz da descida do Espírito Santo sobre ele.
- 122.** A imposição das mãos é um gesto bíblico, particularmente expressivo e também liturgicamente o mais antigo, que indica como o Espírito Santo toma posse do crismando, tornando-o propriedade de Deus. O Espírito Santo, descendo sobre aquele que já é filho de Deus pelo Batismo, deixa um sinal indelével da sua presença, confirmando-o com a abundância dos seus dons e tornando-o plenamente conforme a Cristo. Mas esta descida do Espírito Santo é correspondida por cada pessoa na sua relação recíproca a Deus, para que chegue à plena maturidade da fé e possa cumprir responsabilmente todos os seus próprios deveres, para com Deus e para com o próximo.

O sinal e os dons do Espírito Santo na vida do crismando

- 123.** “Quando vier o Espírito da Verdade, ele vos conduzirá à verdade plena”.²⁵⁹ Com o sacramento do Batismo recebemos a fé, a esperança e a caridade, isto é, as disposições permanentes da nossa inteligência, da nossa sensibilidade e da nossa vontade, para poder viver a vida cristã. Para chegar, porém, à maturidade desta vida, é necessária uma catequese orgânica, sistemática e permanente, a fim de que o dom da fé possa desenvolver-se e produzir os seus frutos, que a esperança realize as suas promessas e que a caridade tenha o seu esplendor. A

258 *Rito da Confirmação.*

259 *Jo 16, 13.*

Confirmação “aperfeiçoa o batismo mediante a efusão pentecostal do Espírito: consolida em abundância os dons do Espírito Santo, para acompanhar o caminho para a maturidade cristã e para sustentar o caminho das palavras e das obras.

124. O Espírito Santo é o dom esperado pela humanidade até o fim dos tempos e é o dom que a Igreja anuncia e leva, mas que ela recebe gratuitamente do Pai e do Filho. “O Espírito do Pai e do Filho, não é criado, é imenso, eterno, onipotente, Deus, Senhor. Este Espírito de Deus enche o universo, e tudo o que é criado nele reconhece a fonte da própria identidade, nele encontra a própria transcendente expressão, a ele se dirige e o espera, o invoca com o seu próprio ser”.²⁶⁰ À luz deste sacramento toda a vida do homem aparece como vocação a conhecer Deus e o próximo nas concretas situações do compromisso cristão e, por fim, na bem-aventurança da comunhão eterna.

Os sete dons

125. O “Rito da Confirmação” indica ao bispo, durante a imposição das mãos, para invocar sobre os crismandos a infusão do “Santo Espírito Paráclito: espírito de sabedoria e de inteligência, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência, de piedade e de temor”.²⁶¹ O sinal do Espírito Santo manifesta a sua riqueza e variedade através dos sete dons que “completam e conduzem à perfeição as virtudes daqueles que os recebem” e tornam os fiéis “dóceis a obedecer com prontidão às inspirações divinas”.²⁶²

O dom da sabedoria

126. Com o dom da sabedoria o Espírito nos conduz a compreender “com todos os santos qual é a largura e o comprimento e a altura e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo que excede todo conhecimento, para que sejais plenificados com toda a plenitude de Deus”.²⁶³

260 João Paulo II. *Dominum et vivificantem*, n° 67.

261 *Ritual da Confirmação*, n° 25.

262 *Catecismo da Igreja Católica*, n° 1831.

263 *Ef 3*, 18-19.

O dom da inteligência

127. Depois, com o dom da inteligência, nos permite crescer no conhecimento de Deus. Quando nós “enxergamos” Deus, poderemos dizer àqueles aos quais o Espírito nos envia, as mesmas palavras de Filipe a Natanael: “Vem e vê”.²⁶⁴ É então que também nós, como os apóstolos, poderemos conduzir os outros ao Senhor. A nossa vida de fé se torna fecunda.

O dom do conselho

128. Com o dom do conselho, o Espírito, em qualquer circunstância difícil que nós possamos encontrar, nos inspirará o que devemos dizer e o que devemos fazer. É o próprio Jesus quem o diz: “Quando vos entregarem, não fiquéis preocupados em saber como ou o que haveis de falar. Naquele momento vos será indicado o que deveis falar, porque não sereis vós que falareis, mas o Espírito do vosso Pai é que falará em vós”.²⁶⁵

O dom da fortaleza

129. A vida de cada pessoa é marcada pelas consequências do pecado. Todavia, não basta reconhecer o mal; precisa haver a força para combatê-lo. Ora, a força do combate cristão não é certamente aquela da espada - “Guarda a tua espada”, disse Jesus a Pedro,²⁶⁶ -, nem aquela da palavra falada ou escrita. A verdadeira força do cristão brota do amor que se fundamenta em Cristo. Aquele amor de Cristo imolado na cruz; amor daquele que está pronto a dar a sua vida. Além disso, só o Espírito Santo, com o dom da fortaleza, é capaz de ensinar-nos a amar em todas as situações de sofrimento em nos possamos encontrar. Ele só pode sugerir-nos o ato de oferenda, o ato de humildade, de penitência, de renúncia, ou seja, de oração que afasta de nós e dos outros as sugestões do príncipe das trevas.

264 *Jô 1, 46.*

265 *Jô 10, 19-20.*

266 *Jô 18, 11.*

O dom da ciência

130. O testemunho do apostolado, que é a fecundidade própria do cristão, implica também um uso sábio do dom da liberdade para opor-se ao mal. Mas não se poderá chegar a esta escolha sem antes haver a ciência do bem e do mal, sem tê-la recebido do Espírito Santo, como no-la infunde com o dom da ciência. A experiência humana não é o suficiente para fazer-nos discernir o que vem de Deus e o que vem do poder do mal, para ensinar-nos a dividir o joio do trigo. O Espírito Santo, somente ele, nos faz ver os homens no pecado ou na graça; e nos ensina que o principal pecado das pessoas é não acreditar que Jesus Cristo é o salvador e não colocar nele a esperança, que permite ao cristão não perder de vista a salvação definitiva, cujas sementes estão presentes quando nos empenhamos a construir a “civilização do amor”, isto é fazer de todos uma única família, conforme o projeto de Deus. A ação do Espírito, com efeito, não se limita a uma dimensão interior, ainda que profunda, mas abrange a corporeidade do homem, a sua história e a história de toda a humanidade, portanto também o seu futuro.

O dom da piedade

131. O Espírito Santo nos dá o sentido profundo da existência do príncipe das trevas, para que não caiamos no seu poder e possamos proteger aqueles que nos são confiados; e, também, para que vejamos a sua verdadeira luz e a vitória da cruz. Mas o Espírito Santo que nos mostra Deus dispõe os nossos atos a um outro testemunho. Não se testemunha somente que se conhece Deus, mas se testemunha também o seu amor por nós. Testemunha-se que ele é o nosso Pai. Se nós podemos dizer a todos que Deus é nosso Pai é exatamente porque o próprio Espírito Santo atesta ao nosso espírito que somos filhos de Deus.²⁶⁷ É o Espírito Santo, com o dom da piedade, que torna novos os nossos corações, que afasta o medo, a dureza, a inquietação, todas as tentações humanas que nos afastam do Pai. Sem a assistência habitual do Espírito Santo, nós ficaremos, não obstante a fé recebida no Batismo, seja como pobres crianças que têm medo de Deus, da sua lei e do seu juízo; seja pobres adultos que fazem da autossuficiência orgulhosa a regra exclusiva da própria

existência. Só o Espírito vivifica; graças a ele damos ao Pai os filhos que Ele espera. Uma vida apostólica, pois, tem necessidade não só de transparência do testemunho, mas requer também a virtude da prudência. A prudência da qual fala o Senhor não é absolutamente a astúcia, a habilidade ou a mentira dos homens. É a capacidade, a oportunidade e a eficácia com a qual o crismado, qualquer que seja a sua fraqueza ou a sua força, pode quando é movido pelo Espírito Santo testemunhar o Cristo diante dos homens e em qualquer circunstância.

O dom do temor

132. Enfim o Espírito Santo nos dá o dom do temor. Este não corresponde ao medo de Deus, mas deriva do sentido da sua presença; é aquele respeito de Deus que nos induz a ser disponíveis ao seu amor. Por isso, movidos pelo Espírito Santo, devemos empenhar-nos a manter-nos longe de tudo o que pode atenuar a nossa resposta ao amor gratuito que Deus nos oferece. Quanto mais um crente é movido pelo Espírito Santo, menos corre o perigo de fazer-se alcançar pelo mal e mais é solícito e generoso no exercício da caridade. Quanto mais o Espírito Santo purifica a nossa alma, tanto mais “fortifica em nós o homem interior”, nos torna conforme o Cristo e nos identifica a ele, e mais, nos liga a ele. Com o dom do temor, a ação pessoal do Espírito, fortificando a nossa fé, nos permite enxergar sempre mais Deus na nossa vida, nos acontecimentos, nas pessoas, e, sobretudo, em nós. Portanto, possuir em si a plenitude do Espírito, estar cheios do Espírito Santo, quer dizer deixar que se desenvolva em nós a obra da santificação que o Espírito Santo opera em nossos corações, graças aos seus dons.

A Pastoral da Confirmação

133. Após termos refletido sobre o sacramento da confirmação e os dons do Espírito Santo, desejo convidar você a fazermos também uma revisão da pastoral deste sacramento, para realizá-la e melhorá-la em tudo em tudo o que é necessário. Mas devemos fazê-lo tendo presente o conjunto da iniciação cristã e a importância desta para a edificação da comunidade eclesial. Entre nós, a forma ordinária para realizar a iniciação cristã compreende o batismo nos primeiros meses de vida, o estímulo religioso no seio da família, a catequese

da infância com a introdução na vida litúrgica e sacramental, a primeira comunhão, a catequese da pré-adolescência e a confirmação, que ocorre geralmente no início da adolescência. As crianças começam, assim, a ter uma experiência viva da fé e da vida da Igreja acompanhados, como se incentiva, pelos pais e pela orientação do sacerdote e do catequista.

Os desafios pastorais

- 134.** Hoje, porém, constatamos com dor que em várias das nossas famílias não se respira uma atmosfera de fé e da vivência dos valores cristãos, o que deveria ser a base idônea para incorporar-se na comunidade eclesial e para constituir uma primeira etapa do caminho de evangelização e do conhecimento de Jesus Cristo. A isso se acrescentam as dificuldades típicas das crianças que chegam à pré-adolescência e à adolescência, etapas na quais é muito desafiante e exigente realizar qualquer obra formativa, sobretudo de tipo religioso. O ambiente cultural secularizado e materialista, o hedonismo circundante, a falta de modelos e de exemplos edificantes para a sua vida, juntamente com uma certa permissividade da parte dos pais e educadores em geral, fazem com que muitos candidatos à Confirmação não possamos dar como suposta a existência de um sujeito inicialmente evangelizado e aberto à ação catequética e pastoral da paróquia e do sacerdote.

Família e comunidade

- 135.** Todavia, continuamos a convidar as crianças e os pais aos sacramentos da iniciação e continuamos a batizar, crismar e lutar diante do enfraquecimento da fé e dos compromissos cristãos. Porém, os candidatos aos sacramentos da iniciação nem sempre se dão conta da importância de uma ação evangelizadora prévia mais ampla do que a simples preparação catequética e litúrgica que lhes oferecemos na comunidade. Deveremos, então, propor-lhes claras referências em comunidades vivas. Do contrário, não poderemos esperar que se incorporem de modo responsável ao itinerário da iniciação, aceitando a mediação da Igreja e abrindo-se à conversão e à plena acolhida dos dons que Deus lhes oferece. Se isso não acontece não devemos maravilhar-nos que, uma vez crismados, vários daqueles que receberam os sacramentos da iniciação cristã não permaneçam

na comunidade cristã, perseverando na escuta da palavra de Deus, na celebração eucarística, na prática da caridade e no discipulado missionário. Se durante o tempo da iniciação cristã as crianças e os adolescentes não tiveram uma verdadeira experiência de Jesus Cristo na Igreja, adaptada à capacidade deles, de pouco ou nada servirão os convites ao testemunho e ao compromisso que lhe fazemos, com a nossa ânsia de prepará-los e fazê-los amadurecer na fé cristã.

A perseverança no discipulado missionário

136. O que estou dizendo constitui o maior desafio pastoral à Igreja, no campo da iniciação cristã e em particular no sacramento da confirmação. A celebração do Crisma, mesmo tendo ocorrido após o final de um processo catequético das crianças e adolescente, não tem conseguido lhes oferecer uma inserção comunitária e mistagógica que os animem a assumir compromissos na Igreja e na sociedade; ainda constatamos que ocorre de os crismandos receberem o sacramento e, depois, deixarem de frequentar também a eucaristia dominical. Não devemos, porém, desencorajar-nos; tanto esforço não pode permanecer sem fruto. Mas será necessário, talvez, revermos as linhas fundamentais dessa ação pastoral, tão decisiva para o futuro de nossas comunidades e para a pertença de nossas crianças e jovens à Igreja. Não podemos também esquecer, diante do sacramento do matrimônio, o dever dos católicos ainda não crismados de receber a confirmação antes de ser admitidos ao matrimônio, com a finalidade de completar primeiramente a iniciação cristã, “se possível [fazendo essa orientação pastoral aos noivos] sem grave incômodo”.

Qualificar a ação catequética

137. A prática atual, iniciada em 1976 com a publicação espanhola do “Ritual da Confirmação”, buscou dar uma resposta às preocupações juvenis e à situação psicológica própria da pré-adolescência e adolescência. Mas em termos gerais nem sempre foi oferecida uma boa catequese sobre o mistério de Cristo, sobre o Espírito Santo, sobre a Igreja, sobre a graça divina e a cooperação humana, sobre a vida moral, sobre o pecado e a necessidade da conversão, não tendo favorecido suficientemente hábitos de participação aos sacramentos e à oração. Em alguns textos usados pela catequese, a Confirmação

aparece bastante isolada e abstrata, como se tratasse do sacramento da “maturidade cristã” confundindo “a idade adulta da fé com a idade adulta do crescimento natural”, esquecendo que “a graça do batismo é uma graça de eleição, gratuita e imerecida, que não precisa de uma ‘ratificação’ para se tornar efetiva, fruto sem dúvida do ambiente que nos circunda, que exalta a parte autossuficiente e incondicionada que se atribui à liberdade humana”.

138. Enfatizamos, portanto, que o objetivo pastoral que almejamos é um convite a colocar a confirmação no conjunto da iniciação cristã e a levar em conta de modo equilibrado todos os aspectos da preparação e da celebração do sacramento. Como fizemos com a pastoral do batismo, devemos examinar também a pastoral que diz respeito à confirmação. Esta responsabilidade, em primeiro lugar a atribuo a mim como bispo; entretanto, é também responsabilidade de todo o presbitério diocesano, como continuação do ministério apostólico que desde o início da Igreja teve sob seus cuidados o cuidado com a iniciação cristã. Neste sentido cabe a mim aprovar os meios e planos de pastoral desta matéria, mas pouco ou nada poderei fazer pastoralmente sem a cooperação consciente e realizada com senso de comunhão eclesial por parte dos irmãos sacerdotes, dos catequistas, dos educadores cristãos e professores de religião, dos dirigentes dos grupos juvenis e, naturalmente, das famílias. Tenho confiança que o Espírito Santo nos iluminará e nos animará para levar a bom termo essa ação pastoral, com criativos caminhos que respondam adequadamente às necessidades atuais.

Os destinatários do Sacramento da Confirmação

139. Reporto-me também aos crismandos e sobre o empenho que cabe principalmente a cada um deles, tanto na preparação como na celebração do sacramento. Lendo os testemunhos do Novo Testamento relativos à confirmação, vê-se que aqueles que recebem o dom do Espírito Santo primeiro acolheram o anúncio, arrependem-se dos seus pecados e se fizeram batizar, afastando-se da “geração má e perversa” para agregar-se à comunidade. A todos estes se podem aplicar as palavras de São Paulo: “Pela graça fostes salvos, por meio da fé, e isso não vem de vós, é o dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se encha de orgulho”.²⁶⁸ Pois

bem, os convertidos dos primeiros tempos não eram inaptos em todo este processo. Seria errôneo manifestar os efeitos da iniciação cristã de modo passivo. O que acontece é que o dom de Deus supera as limitações humanas para acolher a filiação adotiva, converter-se a Deus e receber a vida do Espírito, que lhe infunde todos os outros bens próprios dos filhos de Deus. Deus não impõe a salvação, porque criou o homem a sua imagem e semelhança, concedendo-lhe a liberdade e o poder de conhecê-lo e amá-lo.²⁶⁹ Portanto, no itinerário da iniciação cristã a pessoa que se prepara para os sacramentos é iluminada e acompanhada pelo Espírito Santo e deve ser acompanhada e mediada pela Igreja, que hoje se concretiza na ação do sacerdote, dos catequistas e também de toda a comunidade eclesial

VI – CAPÍTULO

O ESPÍRITO SANTO NA RELIGIOSIDADE POPULAR GOIANA

Conhecer o passado para compreender o presente

140. Nossa profissão de fé no Espírito Santo remonta às origens do cristianismo. Depois, a catequese, a prática pastoral, a formulação da doutrina, a definição dos concílios e o gigantesco esforço da reflexão teológica aperfeiçoaram a nossa compreensão sobre o Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade. Mas tudo isso foi sendo assimilado por diferentes culturas, conforme o jeito de viver e a época de cada povo. Ocorreu-me, então, que nessa reflexão atual que fazemos sobre o Espírito Santo, deveria pesquisar e levar a conhecer, também, como em Goiás os cristãos que nos antecederam, nos séculos passados, professaram a sua fé e o seu louvor ao Espírito Santo. É uma bela história de amor, de presença e de ação do Espírito na vida e na formação do povo goiano.

As origens da festa do Divino na religiosidade popular goiana

141. A devoção do povo goiano ao Divino Espírito Santo vem desde os albores do povoamento das Minas de Goiás por portugueses e paulistas que, na sociedade goiana nascente, deixaram indelevelmente registradas sua cultura e religiosidade. Essa devoção popular ao Espírito Santo tem uma tradição antiquíssima no mundo português; diversos pesquisadores têm se dedicado ao estudo dessa devoção que se espalhou pelo Brasil Colônia. As pesquisas empreendidas são quase unânimes em atribuir a origem dos festejos dedicados ao Divino Espírito Santo, tal como ocorrem em diversas cidades portuguesas e brasileiras, à rainha Santa Isabel de Aragão, de Portugal, no século XV²⁷⁰. A tradição conta que por ocasião de uma peste que grassava em Portugal, a rainha fez o voto

270 ENES, Maria Fernanda. *As Festas do Divino Espírito Santo nos Açores. Revista de História e Teoria das Ideias*. Vol. X, Universidade Nova de Lisboa, p. 127-156, 1998. IN SILVA, Mônica Martins da. *A Festa do Divino: romanização, patrimônio e Tradição em Pirenópolis (1890-1988)*. Goiânia: CEGRAF, 2001, p. 22.

de oferecer a sua coroa ao Espírito Santo, como agradecimento pela cessação da peste. Atendidos os seus rogos, cumpriu a promessa, originando aí a tradição das chamadas “insígnias do Divino”, ou seja, a coroa, a salva, o cetro e a bandeira, objetos integrantes dessa devoção popular e dos ritos religiosos paralitúrgicos.

A festa do Divino na história da política brasileira

142. É costume que o festeiro do Divino seja denominado imperador. Este é o encarregado da organização da folia da cidade, concorrendo também para o brilho e solenidade das novenas e missa do dia de Pentecostes. Tão arraigada estava a “Festa do Divino” na sociedade brasileira que Câmara Cascudo, o grande pesquisador dos costumes e tradições da cultura brasileira, indica que o título de imperador dado a Dom Pedro I foi motivado pelo conhecimento que a população tinha acerca do Imperador do Divino. O Brasil independente, constituindo-se em Império do Brasil, tendo à frente um imperador e não um rei, falaria mais de perto à população que se acostumara ao título. Segundo Câmara Cascudo, foi este pensamento que levou José Bonifácio a decidir pelo título de imperador dado ao chefe político da novel nação²⁷¹.

Os festejos goianos ao Divino Espírito Santo

143. Em Goiás, os festejos ao Divino Espírito Santo, como já mencionado, surgiram ainda na primeira metade do século XVIII. A Notícia Geral da Capitania de Goiás, escrita em 1783, ao registrar a chegada de diversos índios Caiapós à capital, Vila Boa, anota que os mesmos permaneceram na capital, justamente durante os festejos ao Divino Espírito Santo²⁷². Por esta época os festejos se davam na mesma ocasião em que os escravos celebravam Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, costume que ocorria em várias freguesias e capelas e que perdura ainda hoje em algumas paróquias goianas, salientando as festas de Santa Cruz de Goiás, Pirenópolis, Jaraguá e Bela Vista

271 ABREU, Martha. *O Império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: FAPESP, 1999, p. 64.

272 BERTRAN, Paulo. *Notícia Geral da Capitania de Goiás em 1783*. Goiânia: Universidade Católica de Goiás; Universidade Federal de Goiás; Brasília: Solo Editores, 1996, p. 63.

de Goiás²⁷³. Os festejos em louvor ao Divino Espírito Santo, além das novenas ou tríduos e procissões, contavam com a “Folia do Divino”, ocorrendo as folias da roça e da cidade.

144. Em 1819, o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire, estando em viagem da Cidade de Goiás para a capitania de São Paulo, narra o encontro com uma dessas folias da roça²⁷⁴. “Nesse dia encontrei na mata um bando de gente a cavalo, conduzindo burros carregados de provisões. Um dos homens levava um estandarte, outro um violão e um terceiro um tambor. Procurando saber o que significava tudo isso, fui informado de que se tratava de uma folia [...]. Cada paróquia, cada capela tem possibilidade de reunir muita gente, pois a festa não é celebrada no mesmo dia em todos os lugares. Assim, a folia que encontrei no Mato Grosso²⁷⁵ pertencia à pequena capela do Curralinho²⁷⁶, perto de Vila Boa [...]”.

As celebrações em honra do Divino Espírito Santo

145. A folia encontrada por Saint-Hilaire, em 1819, era uma das expressões da religiosidade popular do Curato de Curralinho, hoje Itaberaí, que celebrava o Espírito Santo com celebrações litúrgicas e paralitúrgicas desde, pelo menos, 1805²⁷⁷. Destarte, além das missas, exposição do Santíssimo e procissões, realizava-se o levantamento do mastro com a bandeira do Divino, a distribuição da “verônica” (medalha feita de alfenim²⁷⁸, com a pombinha do Divino em relevo), e a visita à casa do imperador onde eram servidos quitandas, doces e outras iguarias típicas. Os demais festejos em honra do

273 BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O Divino, o Santo e a Senhora*. Rio de Janeiro, Campanha da Defesa do Folclore Brasileiro, 1978, p. 77.

274 SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem à Província de Goiás*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1975, p. 96 e 97.

275 Região do “Mato Grosso Goiano” recebeu este nome devido à mata extensa e ubertosa, que cobria a região de Campinas, hoje bairro de Goiânia, continuava até Itaberaí e alcançava Jaraguá, Pirenópolis e, em outra direção a região de Anicuns. Floresta de difícil penetração, começou a ser arroteada com mais intensidade a partir da quarta década do século XIX.

276 Atual cidade de Itaberaí.

277 Livro nº 14 - Registro de Sentenças, Provisões e mais Papeis que passaram pela Chancelaria, expedidos por Sentença ou Despacho do Vigário da Vara de Vila Boa, fl. 89. Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central/PUC Goiás, Seção de Manuscritos.

278 O Alfenim é um doce de origem árabe, que consiste numa massa de açúcar, branca e seca, que é utilizada para a moldagem das verônicas. Hoje poucas cidades mantêm essa tradição.

Divino consistiam na realização das cavalhadas, congadas e outras manifestações da cultura religiosa popular.

As desobrigas

146. Por ocasião das festas dos padroeiros, e mais eficazmente nas festas do Divino Espírito Santo, a Igreja Católica em Goiás, tendo em vista o grande número de moradores da roça que se encontravam nas sedes paroquiais para os festejos, realizava as chamadas “desobrigas”. Ocorria, então, batizados, confissões, casamentos, regularizando situações que não estavam de acordo com os preceitos da religião. Muitas fazendas ficavam distantes da sede da igreja paroquial, o que dificultava a frequência aos sacramentos, daí o motivo da Igreja se valer das desobrigas por ocasião das festas religiosas.

A celebração de Pentecostes

147. O fervor dos sertanejos nas celebrações de Pentecostes é uma constante nos registros dos memorialistas. Ao final dos festejos e sorteio do imperador para o ano vindouro, seguia a procissão levando para sua casa as insígnias, coroa, cetro e bandeira, que eram entronizados em altar bem adornado. Em alguns lugares este altar permanecia durante o ano e era visitado pela população devota. Eram também sorteados os nomes dos que seriam mordomo do mastro e os juízes das novenas²⁷⁹. As celebrações religiosas e os festejos paralitúrgicos e profanos diferiam pouco de comunidade para comunidade, sendo de se ressaltar a realização solene de Pentecostes em quase todas as vilas e arraiais.

A admiração de estrangeiros pela festa do Divino

148. Outros visitantes estrangeiros, salientando-se Johan Emanuel Pohl, naturalista austríaco, registraram sua admiração pelos grandes festejos do Divino Espírito Santo. Pohl, em 1818, participou das celebrações religiosas e profanas da festa do Divino Espírito Santo realizadas no então arraial de Santa Cruz, hoje Santa Cruz de

279
54.

ABREU, Edmundo Pinheiro de. *Currálinho, seus Costumes e sua Gente*. Goiânia: Oriente, 1978, p.

Goiás²⁸⁰. Ainda hoje a comunidade santacruzana realiza com grande pompa a festa do Divino Espírito Santo. Raimundo José da Cunha Mattos, governador das Armas da Província de Goiás de 1823 a 1826, participou, em 1824, das festas do Divino Espírito Santo que se celebravam em Arraias²⁸¹, antigo Norte goiano. Com admiração, Cunha Mattos fala da similitude dos festejos que presenciou pelo interior do Brasil com os que ocorriam em Portugal, sua pátria²⁸².

Os festejos atuais ao Divino, em Goiás

149. Hodiernamente são diversas as cidades que celebram, como no passado, o Espírito Santo: Cidade de Goiás, Pirenópolis, Jaraguá, Santa Cruz, Posse, Palmeiras de Goiás, Itaberaí, São Francisco de Goiás, Pilar de Goiás, Corumbá, Crixás, Hidrolina, Santa Terezinha de Goiás e Bela Vista de Goiás. Todas estas cidades celebram novenários ao Divino Espírito Santo e algumas delas conservam a tradição das cavalcadas e congo.
150. Como corolário da devoção ao Espírito Santo, diversas cidades possuem peças musicais constituídas de missas, hinos, jaculatórias e ladainhas de compositores locais e que eram executadas pelas bandas de músicas. A Cidade de Goiás, Jaraguá e Itaberaí conservam em seus arquivos diversas partituras de composições originais das músicas dedicadas ao Divino Espírito Santo. Ainda muito cantado e executado pelas bandas da antiga capital goiana, o hino ao Divino Espírito Santo, da Cidade de Goiás, datado do século XIX, teve sua música composta pelo cônego Pio Joaquim Marques, com letra de autoria do cônego José Iria Xavier Serra Dourada:

É chegado o Pentecostes
o templo ostenta alegria.
Canta, canta, o povo hinos devotos,
Neste majestoso dia.

Sobe aos céus o nosso incenso,

280 POHL, Johan Emanuel. *Viagem no Interior do Brasil*. São Paulo: Editora Itatiaia, 1976, p. 240-242.

281 MATTOS, Raimundo José da Cunha. *Itinerário do Rio de Janeiro ao Pará e Maranhão, pelas Províncias de Minas Geraes e Goiaz*. Rio de Janeiro: Typ. Imperial de J. Villeneuve e Cia., 1836, tomo primeiro, p. 241.

282 *Idem*, p. 97.

Hinos ressoam ao Deus imenso!

Vinde Espírito Divino,
os corações acendei,
com todos os que vos louvam,
os vossos dons despendei.

Línguas de fogo o céu derrama,
nos corações acende a chama!

A orientação pastoral da Igreja à festa do Divino

151. A Igreja Goiana, zelosa de sua missão, a partir do final do século XIX, principalmente a partir do bispado de Dom Eduardo Duarte da Silva²⁸³, buscou conter os excessos das festas paralitúrgicas, priorizando as celebrações e sacramentos que deveriam ser o centro dos festejos ao Divino Espírito Santo. A vinda do clero religioso para a Diocese de Goiás nas duas décadas finais do século XIX cooperou, eficazmente, para que as festas religiosas, destacando-se as festas do Divino Espírito Santo, ocorressem com mais piedade e proveito espiritual dos fiéis. Os padres Redentoristas, com apostolado em Campinas, hoje bairro de Goiânia, desde 1894, descreveram os festejos dedicados ao Divino Espírito Santo que se realizavam na paróquia de Nossa Senhora da Conceição, sede de sua missão. Em Campinas ocorriam, além das novenas e demais celebrações litúrgicas, as tradicionais cavalhadas e dança do congo, sendo a festa concomitante com a celebração de São Benedito, como em muitas das antigas paróquias.

A renovação litúrgica e a orientação pastoral

152. Com a renovação litúrgica, a partir do Concílio Vaticano II, buscou-se restringir o número de festas religiosas e celebrações advindas ainda da época colonial. Priorizou-se, então, as festas dos padroeiros. Outros fatores como o êxodo rural e o crescimento das cidades

283 *Bispo de Goiás de 1891 a 1907. Dom Eduardo é autor de uma autobiografia publicada pelo IPEHBC - Instituto de Pesquisas e Estudos Históricos do Brasil Central, da PUC Goiás. Cf. SILVA, Eduardo Duarte da. Passagens - Autobiografia de Dom Eduardo Duarte Silva, Bispo de Goyaz. IPEHBC, série Memória Religiosa, Goiânia: UCG, 2007.*

implicariam em uma perda de identidade dos sujeitos. Assim, comunidades inteiras perderam suas tradições e manifestações da religiosidade popular.

153. Em Goiás, a devoção ao Divino Espírito Santo se expressa na cultura e na vida do povo. A devoção maior do goiano, seja da roça ou da cidade, é sem dúvida direcionada à Primeira Pessoa da Santíssima Trindade, que desde o início da romaria de Trindade, atribuiu ao Pai Eterno, como é doutrinariamente devido, o título de Divino. Esta é, talvez, uma hipótese que se pode aventar a partir da especial devoção dos antigos goianos ao Divino Espírito Santo.

154. Essa importante história goiana de devoção ao Espírito Santo traz consequências significativas para a nossa reflexão. Primeiro, é preciso respeitar e reconhecer o precioso dom da fé no Espírito Santo, vivido pelos nossos antepassados. Somos a eles devedores desse profundo legado de fé, que se impregnou em nossa cultura e na identidade do povo goiano. Assim, hoje, ao refletirmos sobre o Espírito, já temos uma predisposição afetiva e cultural de aceitação e acolhida. O segundo aspecto importante é saber que aquelas formas antigas da devoção goiana ao Espírito Santo não erraram no “senso da fé”, mesmo que com algumas formulações doutrinárias e pastorais que precisaram ser corrigidas e renovadas pela Igreja. Por fim, cabe-nos valorizar e recuperar pastoralmente essa importante tradição goiana de amor e fé ao Espírito Santo, purificando-a naquilo que se tornou mera exterioridade, ritual sem significado ou credence mágica; e trazendo para os dias de hoje essa rica tradição, como componente eclesial da fé cristã e como dimensão constitutiva da cultura do povo goiano.

VII – CAPÍTULO

A VIDA NO ESPÍRITO ORIENTAÇÕES PASTORAIS

Espírito Santo, hóspede da alma

155. Agora, convido você a refletir sobre alguns aspectos da dimensão pessoal e interior da intervenção do Espírito Santo em nós, hoje, e que dizem respeito diretamente àquela que chamamos “vida espiritual”, entendida como comunhão com o Pai mediante Jesus Cristo sob a presença e a ação do Espírito Santo. Trata-se de entrar em nosso interior para admirar e reconhecer que a “vida no Espírito” infunde-nos toda a sabedoria e inteligência, dando-nos a conhecer o que “o doce hóspede da alma” torna possível em cada um dos fiéis.

A oração: “o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza”

156. Uma das mais importantes atividades do homem que busca a Deus é a oração. Esta, porém, para alguns pode ser confundida com certa autossugestão, ou um monólogo interior no qual se procura preencher um vazio mental, ou uma iniciativa para sair da solidão ou do abatimento, como se se tratasse de um exercício psicológico. Para outros cristãos, principalmente aqueles que querem dedicar-se exclusivamente à ação, a oração lhes parece uma atividade muito pouco útil, à qual não é necessário dedicar muito tempo porque, segundo eles, Deus já sabe o que querem pedir-lhe. Na realidade a oração não é fácil se não se põe interesse nela e pode atravessar também momentos de cansaço e de ausência de gosto. O desencorajamento, a superficialidade, a cotidianidade e as distrações costumam ser as dificuldades mais frequentes à vida orante. Mas, às vezes, é preciso reconhecer que há também a falta de fé, a negligência e até o esquecimento de Deus e da vida espiritual.²⁸⁴ De qualquer modo, as dificuldades da oração estão presentes nas palavras de Jesus, no Getsêmani, quando convida à oração vigilante: “Vigiai e orai, para não cairdes em tentação. O espírito

está pronto, mas a carne é fraca”.²⁸⁵

Na oração o Espírito intercede por nós

157. As dificuldades para persistir na vida orante fazem parte da nossa frágil condição humana, no plano religioso e moral, que procura superar a tensão dramática entre a “carne” e o “espírito”. São Paulo conhecia bem esta luta e se referia a ela em uma passagem consoladora para o cristão: “E da mesma maneira também o Espírito ajuda as nossas fraquezas; porque não sabemos o que havemos de pedir como convém, mas o mesmo Espírito intercede por nós com gemidos inexprimíveis. E aquele que examina os corações sabe qual é a intenção do Espírito; e é ele que segundo Deus intercede pelos santos”.²⁸⁶ De fato, diante da nossa impaciente expectativa e ignorância de como devemos rezar, o Espírito Santo nos ajuda com a sua oração.²⁸⁷ Sem ele a nossa oração é sempre segundo os homens, isto é, segundo as nossas pobres aspirações; com ele as aspirações são conforme os desígnios de Deus. O Espírito não só inspira a nossa oração ensinando-nos a “pedir” com convém, mas se associa à nossa súplica reforçando-a e, de certo modo, introduzindo-a no colóquio divino. Por isso, a oração cristã, ainda que experimentando o desencorajamento ou a falta de constância, deve ter a humildade reconhecida que “sem mim nada podeis fazer,²⁸⁸ a confiança filial que sabe do que temos necessidade,²⁸⁹ mas deseja que lhe peçamos para entrar em comunicação como ele, e a perseverança, fruto do amor.²⁹⁰ Rezar é sempre possível fazê-lo, constantemente, é um imperativo evangélico.²⁹¹ Mas rezar em nome de Jesus²⁹² e com a assistência do Espírito supõe a certeza de sermos escutados. A ação do Espírito Santo em nós nos configura, mediante a oração, sempre mais com Jesus Cristo.²⁹³

285 Mt 26, 41.

286 Rm 8, 26-27.

287 Mt 10, 20.

288 Jo 15, 5.

289 Mt 6, 8.

290 Ef 5,20; 6, 18.

291 Lc 18, 1; 1Ts 5, 17.

292 Jo 15, 16-17.

293 *Catecismo da Igreja Católica, n°s 2734-2745.*

Liturgia das Horas, a unidade da Igreja orante

158. O Espírito Santo, além de ser o mestre interior da vida cristã,²⁹⁴ faz com que esta seja a oração de toda a Igreja. Nos Princípios e normas para a liturgia das horas é dito expressamente: “A unidade da Igreja orante é obra do Espírito Santo, que é o mesmo em Cristo, em toda a Igreja e em cada um dos batizados[...]. Não pode haver nenhuma oração cristã sem a ação do Espírito Santo, que unificando toda a Igreja por meio do Espírito a conduz ao Pai”.²⁹⁵ Neste sentido, a oração pessoal dos batizados, ainda que feita secretamente,²⁹⁶ se integra na oração do corpo de Cristo. Na realidade, ninguém pode rezar sozinho porque o Espírito do Senhor está com ele. Mas a oração comum - e especialmente aquela oração litúrgica - é expressão da Igreja que no Espírito Santo tem um só coração e uma só alma.²⁹⁷

A celebração litúrgica: “Adorar o Pai em espírito e verdade”

159. Esta verdade que se realiza especialmente na Liturgia das Horas, tem também valor em cada celebração litúrgica, que é sempre encontro orante dos fiéis com o Pai por meio de nosso Senhor Jesus Cristo, “na unidade do Espírito Santo”. “A missão do Espírito Santo na liturgia da Igreja é de preparar a assembleia a encontrar Cristo; de recordar e manifestar Cristo à fé da Assembleia; de tornar presente e atualizar, com a sua potência transformadora, a obra salvífica de Cristo e de fazer frutificar o dom da comunhão na Igreja”.²⁹⁸ A misteriosa assistência do Espírito Santo na celebração litúrgica é sinalizada no diálogo de Jesus com a mulher samaritana. Especialmente na resposta do Senhor à pergunta sobre o lugar em que se deveria prestar culto a Deus.²⁹⁹ Jesus que anunciou à mulher o dom de Deus,³⁰⁰ afirma que se pode prestar culto ao Pai em espírito e verdade,³⁰¹ isto é, em dependência do Espírito Santo que suscita

294 *Catecismo da Igreja Católica*, nº 2672.

295 *Princípios e normas para a Liturgia das Horas*, nº 8.

296 *Mt* 6, 6.

297 *At* 4, 32.

298 *Catecismo da Igreja Católica*, nº 1112; também nnºs 1091-1100.

299 *Jo* 4, 23.

300 *Jo* 4, 10.

301 *Jo* 4, 23.

e inspira aqueles que o adoram,³⁰² e aceitando a verdade que se identifica com a própria pessoa de Deus e com a sua mensagem.³⁰³ Em outras palavras, os antigos lugares de culto, Jerusalém e o monte Garizim,³⁰⁴ foram abolidos para dar lugar ao novo santuário que é o corpo de Jesus, o templo destruído e em três dias ressuscitado.³⁰⁵ No futuro não haverá outro culto a não ser o que se fundamenta sobre o reconhecimento de Jesus como Filho de Deus e sobre a aceitação da sua condição de revelador do Pai e fonte do Espírito Santo.³⁰⁶ A fé e o amor fraterno são os dois sinais que identificam o verdadeiro culto³⁰⁷ e que são também fruto da ação do Espírito nos crentes.

- 160.** A liturgia da Igreja, com a assistência do Espírito Santo, configura gradualmente os fiéis a Cristo, imprimindo neles a imagem do Filho de Deus, feito homem.³⁰⁸ Os sacramentos - e em particular aqueles da iniciação cristã -, o ano litúrgico, o domingo e os demais dias litúrgicos festivos, os sacramentais e a liturgia das horas são outros entre tantos meios com os quais a Igreja manifesta a presença e a ação do seu Senhor, por meio do Espírito, na comunidade cristã e em cada um dos fiéis, para que todos participem da vida eterna oferecida por Cristo ressuscitado. A liturgia, portanto, é uma verdadeira sinergia do Espírito, isto é "obra comum do Espírito Santo e da Igreja".³⁰⁹

Orientações pastorais

- 161.** Agora, gostaria de refletir com você sobre algumas consequências práticas que podemos tirar desse nosso estudo acerca do Espírito Santo (Pneumatologia), principalmente dos aspectos que procurei destacar e enfatizar nesta Carta Pastoral. O objetivo pastoral desta Carta é o de favorecer uma consciência maior e uma experiência mais viva da presença e da ação do Espírito Santo, na Igreja, no mundo

302 Jo 4, 24.

303 Jo 14, 6.

304 Jo 4, 20-21.

305 Jo 2, 19-22.

306 Jo 1,18; 14, 16-17; 15, 26.

307 1Jo 4, 2-7; 5, 5.

308 Rm 8, 29-30.

309 *Catecismo da Igreja Católica, n° 1091.*

e na nossa vida espiritual, superando, se for necessário. Conforme vimos, o conhecimento da Pessoa-amor do próprio mistério de Deus, isto é, o conhecimento acerca da “Trindade imanente” na história da salvação e na vida dos filhos de Deus (“Trindade-economia”)³¹⁰ não deve eximir do conhecimento e da celebração de Jesus Cristo, revelador do Pai, doador do Espírito Santo e em definitivo o único caminho para chegar a Deus.

Empenhar-se no estudo sobre o Espírito Santo

162. O conhecimento do Espírito Santo se adquire de várias maneiras. Em primeiro lugar, mediante a leitura, reflexiva e admiradora, dos inumeráveis passos da Sagrada Escritura que falam dele, tendo, todavia, presente que o Antigo Testamento não oferece uma demonstração clara e completa da sua personalidade divina. Depois, lendo e meditando atentamente os textos litúrgicos das missas da sétima semana de Páscoa, da vigília e do dia de Pentecostes, das missas votivas e os textos do ofício divino. Na Liturgia das Horas há vários textos patrísticos sobre o Espírito Santo, a maior parte deles é apresentada no tempo pascal e na última semana antes de Pentecostes. Outro meio de fácil acesso é o Catecismo da Igreja Católica, principalmente as páginas dedicadas ao estudo sobre o Espírito Santo.³¹¹ E entre os documentos do Magistério da Igreja é importante destacar a encíclica *Dominum et Vivicantem*, dedicada ao Espírito Santo na Igreja e no mundo, do Papa João Paulo II, cuja leitura recomendo com muita insistência.

Dedicar-se na oração ao Espírito Santo

163. Não se deve esquecer a oração pessoal para conhecer o “doce hóspede da alma”. São muitas as fórmulas, tomadas quase sempre da liturgia, que se podem usar para invocar a luz e a assistência do Espírito Santo. Os próprios cantos, entre os quais se distingue o *Veni Creator* e os hinos de “hora terça”³¹². Entre os exercícios de piedade existe a novena do Espírito Santo que se deve fazer com

310 *Catecismo da Igreja Católica*, nºs 236 e 259.

311 *No Catecismo*, com os seguintes títulos: *Creio no Espírito Santo* (1ª parte), *O Espírito Santo e a Igreja na liturgia* (2ª parte), *os Dons e os frutos do Espírito* (3ª parte) e *Vem, Espírito Santo* (4ª parte).

312 *Na Liturgia das Horas*.

textos adequados e em todas as paróquias e comunidades religiosas, iniciando na sexta-feira da sétima semana da páscoa. Ainda que pela norma litúrgica “a oração seja dirigida ao Pai por meio de Jesus Cristo no Espírito Santo”, o Espírito Santo é invocado diretamente e de modo particular: “Vem Espírito Santo!”

A catequese e a formação sobre o Espírito Santo

164. Com os meios acima elencados - pensando também às comunidades paroquiais, aos movimentos apostólicos e às crianças e adolescentes que se preparam para receber os sacramentos da iniciação cristã e em particular a confirmação -, é necessário recordar a importância da catequese como obra específica da Igreja, orientada pelo crescimento à maturidade da fé. Tanto na (1º) catequese geral que acompanha as primeiras etapas da vida; (2º) quanto às diversas formas de catequese e de formação dos adultos; (3º) bem como o ensino da religião nas escolas; (4º) e os planos de formação permanente para sacerdotes e religiosas, devem dar atenção de maneira sistemática e completa à formulação da fé e aos ensinamentos do magistério da Igreja sobre o Espírito Santo.

A catequese dos símbolos, os tempos litúrgicos e a pregação

165. Uma fonte importante para a catequese sobre o Espírito Santo é constituída pelos sinais e símbolos usados nos sacramentos e em alguns sacramentais: a água, o fogo, o sal, o óleo, o pão e o vinho e alguns gestos litúrgicos com a imposição das mãos e a unção.³¹³ Será também muito eficaz durante o ano litúrgico, salientar os vários movimentos nos quais se põem em relevo a presença e a intervenção do Espírito Santo: quarto domingo do Advento (a encarnação); domingo do batismo do Senhor, primeiro e segundo domingo da quaresma; vigília pascal e de pentecostes, etc. Na homilia destes dias se deve por particularmente em relevo esta presença do Espírito Santo, convidando os fiéis a celebrá-la e a agradecê-la.

O Espírito Santo, a Sagrada Escritura e o ministério da Palavra

166. Neste sentido é bom recordar também, diante da espiritualidade do mistério da palavra, que todos precisamos da luz do Espírito Santo para compreender e assimilar a palavra de Deus e realizar de modo mais eficaz a função de evangelizadores, catequistas, professores de religião e pregadores. Convém, pois, que estejamos atentos aos critérios de interpretação da Sagrada Escritura, conforme o Espírito Santo que a inspirou³¹⁴: a unidade de toda a Escritura e o seu centro no mistério de Jesus Cristo, o sentido que tem na tradição viva da Igreja e a coesão entre a revelação divina e as verdades da fé.³¹⁵ Por outro lado, jamais devemos iniciar uma atividade relacionada com o ministério da Palavra sem pedir humildemente a assistência do Espírito Santo. Ele age no coração de todos os batizados e os dispõe a acolher com fé a semente da Palavra divina.

O domingo, dia do Espírito que reúne a Igreja

167. Procuramos revalorizar o sentido do dia de domingo como um dos meios para conhecer, celebrar e anunciar Jesus Cristo; inclusive, o domingo recebe nome e significado de *dies Domine*, o dia do Senhor. Entre os valores do dia do Senhor, podemos colocar em relevo a sua relação com o Espírito Santo e os vários frutos da sua ação na comunidade cristã. Com efeito, o domingo é um renovado pentecostes, como festa da Igreja e dia no qual ela se manifesta como povo da aliança reunido para escutar a palavra de Deus, acolher a presença do Senhor na Eucaristia e ser novamente convidado à missão.³¹⁶ O Domingo é o dia do encontro nupcial da Igreja com Cristo, na presença do Espírito.³¹⁷

168. O domingo é a páscoa semanal e, por isso, é “o fundamento e o núcleo de todo o ano litúrgico”.³¹⁸ Mas a Páscoa é inseparável do que constitui o seu cume e selo, que não é outra coisa senão a efusão-dom do Espírito Santo em Pentecostes. O Espírito é a lei da nova

314 DV 12.

315 Catecismo da Igreja Católica, nº 109-119

316 SC nº 6-10.

317 SC nº 20.

318 SC nº 106.

aliança prometida por Jeremias e impressa nos corações dos crentes para que conheçam Deus e cumpram a sua vontade, formando uma só comunidade no amor.³¹⁹ Deste modo o Domingo, que condensa todos os mistérios de Cristo realizados durante o ano, é também como dia do Espírito que reúne a Igreja. Entre os frutos da ação do Espírito na assembleia dominical ressalta-se a alegria. A alegria pela referência a Cristo, subtraído de sua Igreja, morto e ressuscitado³²⁰ e a alegria pela participação de sua memória e presença eucarística.

169. Celebrar o domingo nesta perspectiva supõe valorizar todos os sinais festivos da liturgia: ambiente, luzes, flores, sinos, ornamentação; dar um tom cordial e estimulante à homilia e escolher bem os cantos, conforme a recomendação paulina: “Falai uns dos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e louvando ao Senhor em vosso coração”.³²¹
170. Cuidemos com especial zelo da celebração do período pascal, tempo dedicado de modo particular à presença do Senhor por meio do seu Espírito e daquelas solenidades e festas litúrgicas nas quais se põe em relevo o mistério da Santíssima Trindade, sem esquecer também das festas litúrgicas populares do Senhor e da Santíssima Virgem unidas ao Pentecostes.

Enxergar os sinais da presença do Espírito Santo

171. Entre as atuações às quais nos convida a Igreja, encontramos a estima e o aprofundamento aos “sinais de esperança presentes neste século, não obstante as sombras que com frequência se escondem em nossos olhos”. João Paulo II nos apontou para alguns desses sinais de esperança e recomendou “uma mais atenta escuta da voz do Espírito através da acolhida dos carismas e a promoção do laicato, a intensa dedicação à causa da unidade de todos cristãos, o espaço dado ao diálogo com as religiões e com a cultura contemporânea”.
172. Não é vã presunção o procurar falar - com sentimentos de humildade e de gratidão -, daqueles sinais de esperança em nossa Igreja

319 *Jr 31, 31-34; Rm 8, 20.*

320 *Mc 2, 10-20; Jo 16, 6-7.20-22.*

321 *Ef 5, 19; Col 3, 16.*

local, na Arquidiocese de Goiânia. Aqueles sinais que podemos intuir e reconhecer na vida cotidiana da Arquidiocese, com suas comunidades, pastorais, movimentos apostólicos e associações de espiritualidade, bem como dos pequenos e grandes acontecimentos que ocorrem diariamente na vida das pessoas, das famílias e das comunidades.

Sinais do Espírito Santo na Arquidiocese

173. Um primeiro sinal do Espírito, bastante percebido, é a nossa vitalidade. Essa vitalidade nos possibilita o conhecimento e o amor para com a palavra de Deus, a intensa participação dos fiéis na liturgia dominical a aos sacramentos, a prática efetiva da caridade fraterna e da solidariedade com os necessitados, o espírito de diálogo e comunhão intereclesial, o conhecimento missionário e o cuidado em suscitar as vocações e em acompanhá-las ao ministério sacerdotal e à vida religiosa, a atenção à educação integral das crianças e dos jovens, a presença dos leigos nos vários serviços eclesiais, tais como a catequese, a liturgia, a ação social e caritativa, a economia e sustentação das necessidades da comunidade, a piedade popular profunda e sincera.

As vocações e o ministério ordenado

174. Outro sinal de esperança e de presença do Espírito Santo na Arquidiocese pode ser identificado no exercício do ministério ordenado; já contamos com um bom número de sacerdotes e de diáconos permanentes para o serviço às paróquias e comunidades. É um claro sinal de ação do Espírito a dedicação deles ao povo, o exercício de sua corresponsabilidade com o bispo, a fraternidade apostólica nas foranias e nas demais instâncias pastorais, a atenção solidária às várias paróquias e a ajuda recíproca, bem como o serviço sacerdotal a outras dioceses, também em outros países. Também é uma confortante alegria enxergar a disponibilidade daqueles que ajudam na direção das obras eclesiais; e, ainda, é muito bonito ver os gestos de proximidade e de acompanhamento nos momentos de dor, a amizade e a convivência. Estes e tantos dons são fruto da ação do Espírito.

Os seminários

175. Todo ano, um pequeno número de adolescentes e alguns jovens entram em nossos seminários. A perseverança dos nossos seminaristas é uma verdadeira graça, nestes tempos tão desafiantes para as vocações ao ministério ordenado. Temos também dois mosteiros de monjas contemplativas e várias comunidades de vida consagrada e de vida apostólica, um verdadeiro tesouro para a nossa Igreja. Funcionam também vários movimentos e associações laicais. Tudo isto significa uma grande riqueza em que se manifesta o Espírito Santo pelo bem comum da Igreja.

A ação evangelizadora

176. Outro sinal para reconhecer a assistência do Espírito Santo na Arquidiocese é o caminho simples e progressivo de nossa ação evangelizadora, com os seus objetivos diocesanos, cuja importância se deve avaliar não tanto pela eficácia imediata, quanto por aquilo que representa em comunhão eclesial no presbitério, nos vicariatos e nas paróquias. O funcionamento normal dos organismos pastorais instituídos pelo Concílio Vaticano II, ou criados depois, é também um sinal mediante o qual se percebe a assistência do Espírito Santo.

Não se opor ao Espírito Santo

177. Se, porém, não encontramos estes sinais, interroguemo-nos também sobre a nossa responsabilidade de pastores e de batizados, com uma vocação e uma missão, certamente de graus diferentes, na Igreja. Opor-se de modo consciente e sistemático às mudanças legítimas que os tempos pedem, manter atitudes e posições que dificilmente condizem com o Evangelho e não colaborar com as diretrizes da Igreja universal e da diocese é um modo de fechar os canais da ação do Espírito. Isto seria muito grave e constituiria de alguma maneira uma espécie de pecado contra o mesmo Espírito³²² que soprou com força nas últimas décadas e que impele continuamente à conversão das pessoas e à renovação das estruturas eclesiais.

Os sinais do Espírito na sociedade

178. A Igreja está enraizada no coração do mundo e deve desenvolver-se em um lugar concreto, com o seu respectivo contexto histórico, cultural e social. A presença e a ação do Espírito, mediante a Igreja e além do seu âmbito específico, se manifestam também aqui, neste povo que é o nosso por nascimento, por residência e por nossa ação evangelizadora. Por isso, além da Igreja, outro “lugar” imprescindível para enxergar e identificar os sinais do Espírito Santo é a sociedade à qual pertencemos. São muitos os progressos realizados pela ciência e pelas novas tecnologias, sobretudo, pelas ciências da saúde, a serviço da vida humana. Hoje, também, há um importante protagonismo de lideranças sociais na defesa do meio ambiente e do desenvolvimento sustentável, além de decisivos esforços para edificar a paz e a justiça onde quer que tenham sido violadas. Há sinais do Espírito identificados na aprovação das políticas públicas, na defesa da democracia, no combate à corrupção, na percepção da ética pública, na formação da consciência cidadão. Como brasileiro, quando comparo os tempos atuais de nosso país aos de 60 anos atrás, quando vivia meus tempos de minha infância e juventude, vejo o tanto que avançamos no desenvolvimento da qualidade de vida.

A responsabilidade social, apelo do Espírito

179. Entretanto, ainda há muito por se fazer e cada um, pessoal e comunitariamente, é chamado a responder aos apelos do Espírito. Como atitudes, particularmente importantes, são o respeito aos outros, o sentido de justiça, a responsabilidade no cumprimento dos deveres familiares e profissionais, a busca do bem comum na participação da vida pública, o respeito pela vida humana e o cuidado com a natureza e com o ambiente, a estabilidade da família, o serviço à verdade e à ética nos meios de comunicação, a solidariedade com os pobres, a procura da boa convivência, a proteção da cultura genuína no nosso povo, o esforço para superar a dependência das drogas, o uso ético e moderado das redes sociais.

Os testemunhos, sinais do Espírito

180. Podemos reconhecer importantes sinais e testemunhos dos cristãos batizados, mesmo que, às vezes, pequenos e contraditórios. Os testemunhos devem ser considerados e apoiados em nossa missão específica de pastores, chamados a orientar e a sustentar os cristãos leigos na ordenação das coisas humanas segundo os desígnios de Deus. O Concílio Vaticano II afirmou expressamente: “Estamos prontos (os presbíteros) a escutar o parecer dos leigos, considerando com interesse fraterno as suas aspirações e valendo-se da sua experiência e competência nos diversos campos da atividade humana, de modo a poder juntos reconhecer os sinais dos tempos”.³²³

A presença da Igreja na sociedade, exigência do Espírito

181. Vivemos numa Igreja arquidiocesana e em uma região que precisa de grandes doses de esperança. Portanto, sustentar a esperança e dar razão dela como crente constitui um dos nossos principais deveres na hora presente. Neste sentido, as paróquias da nossa arquidiocese, que manifestam e realizam a maior presença da Igreja nesta terra e neste povo, devem ser fermento de esperança: junto aos idosos, defendendo o Estatuto do Idoso e implementando uma efetiva pastoral para essa crescente faixa etária da população; junto aos jovens, compartilhando de suas vidas, valorizando seus dons, colaborando em sua formação, defendendo políticas públicas que o capacitem ao desenvolvimento intelectual e profissional, participando de seus presentes e de seus projetos para o futuro; junto aos adultos e às famílias, defendendo os nascituros e as crianças, apoiando os pais e familiares na educação dos filhos, colaborando com as iniciativas sociais e públicas para a criação de empregos e para o desenvolvimento econômico e social; junto aos mais pobres e vulneráveis da sociedade, assumindo a sua defesa e os seus direitos humanos.

Aos leigos, a vida segundo o Espírito

182. No caso dos fiéis leigos, a sua vocação à santidade “comporta que a vida segundo o Espírito se exprima de modo particular na

sua inserção nas realidades temporais e na sua participação nas atividades terrestres”.³²⁴ O seu lugar principal de santificação é o mundo, a família, o trabalho, a cultura, a política, a economia. São também chamados a colaborar na ação pastoral da Igreja e a realizar funções e obras próprias da sua condição de batizados e crismados. Pois bem, para que os leigos tenham uma vida espiritual que se manifeste na intimidade com Jesus Cristo e na dedicação aos irmãos, na caridade e na justiça, é necessário que os pastores criem condições e possibilidades para lhes proporcionar uma formação adequada e os acompanhem no seu caminho. Essa formação deve considerar os leigos como sujeitos, ser integral e ter uma metodologia participativa. “É necessário, portanto, suscitar em cada fiel um verdadeiro anseio à santidade, um desejo de forte conversão e renovação pessoal, em um clima de sempre mais intensa oração e de solidário acolhimento do próximo, especialmente daquele mais necessitado”.³²⁵

Espiritualidade conjugal e familiar

183. Um campo particularmente importante da nossa ação pastoral são as famílias e em particular os esposos cristãos, porque a espiritualidade conjugal e familiar tem o seu fundamento no sacramento do matrimônio. Às vezes, tenho a impressão que em nossa arquidiocese não tomamos suficientemente consciência do deteriorar-se da vida familiar; e continuamos a considerar que a família ainda seja, para todos, um lugar de vida cristã e de educação religiosa. É preciso uma atenção especial aos esposos jovens. A nossa missão de pastores, neste âmbito, não se encerra com a celebração do matrimônio, nem se reduz aos poucos encontro por ocasião dos sacramentos dos seus filhos. É necessário tornar-se presente na vida destes matrimônios e oferecer-lhes elementos não só de formação e de moral cristã, mas também em relação à oração em família, à participação dos sacramentos e à santificação de toda sua existência.

Discipulado missionário da juventude

184. Enfim, é necessário intensificar a atenção e o acompanhamento espiritual dos adolescentes e dos jovens. Sobre muitos aspectos

324 *Christifidelis laici, n° 17.*

325 *Christifideles laici, n° 42.*

humanos e sociais não precisam da Igreja. Todavia, podemos ainda apresentar a eles uma respostas à sua sede de transcendência, à sua busca de razão para viver e ao seu desejo de interioridade e de encontro com Deus, ainda que nem sempre tenham consciência do vazio no qual alguns se encontram. Às vezes, com precipitação se diz que os jovens de hoje são apáticos e conformistas; porém, quando conquistados com amor pastoral, acolhem a orientação espiritual e colocam-se a caminho para o encontro com Jesus Cristo. Uma prova disso são as jornadas mundiais da juventude. Milhões de jovens de todo o mundo se reúnem, convidados pelos Papa, para proclamar a sua fé, a sua alegria e escutar este convite: “Ide pelas estradas do mundo, pelas estradas da humanidade, permanecendo unidos à Igreja de Cristo!... Membros da Igreja ativos e responsáveis, sede testemunhas de Cristo que revela o Pai, permanecei na unidade do Espírito que dá a vida!³²⁶ Quando os jovens se encontram e conhecem Jesus, dispõem-se a segui-lo. Aqueles que trabalham pastoralmente com a juventude sabem disto, mas é necessária uma ação mais decidida e clara no âmbito espiritual. A pastoral vocacional percebe que germina o chamado do Senhor só quando existe experiência de Deus, um certo hábito de oração e, em não poucos casos, uma direção espiritual. O sacramento da penitência é também campo privilegiado para o diálogo vocacional. A Santíssima Virgem Maria, “mulher dócil ao Espírito Santo e sinal de segura esperança para todo o povo cristão”, nos ajude com a sua intercessão para avançar na edificação do reino de Deus, nesta terra e neste povo.

A vida espiritual dos sacerdotes

185. Também há implicações e exigências da “vida no Espírito Santo” para os sacerdotes e aqueles da vida consagrada. Trata-se de que todos nos empenhemos a cuidar com todo o interesse da nossa saúde espiritual e, ao mesmo tempo, procuremos promovê-la nas pessoas mais próximas a nós e especialmente naquelas que nos foram confiadas em razão do nosso ministério ou tarefa. Reconhecer a presença e a obra do Espírito Santo na Igreja e no mundo nos servirá pouco se não nos esforçarmos decisivamente para a nossa santificação. A vida espiritual está na base de qualquer ação apostólica ou pastoral.

186. Em primeiro lugar os sacerdotes. Se queremos que seja eficaz e fecundo o nosso ministério, é necessário que o vivamos em profundidade, tendo como base uma vida espiritual madura e consciente, enraizada na vocação à santidade. O Espírito Santo do Senhor é o grande protagonista da nossa vida espiritual. Ele cria “o coração novo”, o anima e o guia com “a lei nova” da caridade pastoral.³²⁷ Entre as metas da formação permanente para o presbítero existe a dimensão espiritual, sob a guia do próprio Espírito Santo.³²⁸ A espiritualidade deve ter o primado absoluto na nossa vida, evitando descuidá-la, a fim de favorecer primeiro o encontro com o Senhor na oração pessoal e nos demais meios de vida espiritual.³²⁹

A vida espiritual dos seminaristas

187. Como consequência da importância da espiritualidade sacerdotal, a formação dos nossos seminaristas deve potencializar ao máximo esta dimensão para que - tanto os alunos do seminário maior quanto aqueles de seminário menor -, “aprendam a viver em íntima comunhão com Jesus Cristo no Espírito Santo”.³³⁰ Somente assim se prepararão adequadamente ao seu futuro ministério e serão capazes de superar os muitos obstáculos que encontram hoje em seu caminho. Convencido da ação do Espírito Santo no desenvolvimento da vocação sacerdotal, desejo que se dê a máxima importância à preparação e celebração da confirmação no seminário e que esta não se retarde.

A vida espiritual dos religiosos e religiosas

188. No que diz respeito à vida consagrada, qualquer que seja o seu carisma e a forma de realizá-lo na Igreja, é evidente que está “é em íntima relação com a obra do Espírito Santo... Sob a sua ação essas pessoas revivem, de alguma maneira, a experiência do profeta Jeremias: ‘Seduziste-me, Senhor, e eu me deixei seduzir’. É o Espírito que suscita o desejo de uma resposta plena; é ele que guia

327 PDV nº 33.

328 PDV nº 45-50.

329 *Diretório para o ministério dos presbíteros, nºs 38-42.*

330 OT, nº 8.

o crescimento de tal desejo, levando ao amadurecimento a resposta positiva e sustentando-a para a fiel execução; é ele que forma e plasma o ânimo dos chamados, configurando-os a Cristo casto, pobre e obediente e impelindo-os a fazer a sua missão”.³³¹

Corações revestidos no Espírito

189. A sequência da missa de Pentecostes - “Vem Espírito Santo” - define o Espírito como “hóspede da alma”. Com efeito, o Espírito adorna o coração do cristão. Veste-o de novo e o embeleza como se fosse a própria morada de Deus. Recordemos como isto acontece. Sobre tudo em Paulo podemos ler como o Espírito habita no coração de cada pessoa, transformando-a em sua própria morada. Os frutos do Espírito são perfeições que o Espírito forma em nós como primícias da glória eterna. A Tradição da Igreja enumera doze virtudes: “Caridade, alegria, paz, paciência, longanimidade, bondade, benignidade, mansidão, fidelidade, modéstia, continência e castidade”.³³² Na carta aos Gálatas, Paulo enumera nove virtudes que nos chamam a atenção de modo particular. São elas: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio.³³³ Com efeito, trata-se de uma série de nomes diferentes dados ao único amor mútuo, que é precisamente o primeiro dom do Espírito Santo.

Discernimento sobre a autenticidade das virtudes

190. Se aprofundarmos e refletirmos atentamente sobre essa lista de virtudes, parece serem pouco impactantes e contundentes. Talvez, esperávamos algo diferente de Paulo, mais em linha do apóstolo vigoroso e incansável como aparece em suas cartas. Pensaríamos, por exemplo, em virtudes como coragem, força, espírito de iniciativa, criatividade, resistência, perseverança. Entretanto, será que essas qualidades são mais substanciais que aquelas listadas pelo apóstolo Paulo? Aqui, é necessário o discernimento sobre a autenticidade das virtudes, pois, a criatividade e a força podem

331 VC nº 19.

332 *Catecismo da Igreja Católica, nº 1832.*

333 *Gl 5, 21.*

vir também de outra fonte que não do Espírito Santo; podem vir da ambição, por exemplo, ou de um talento natural ou da sede de prestígio. Mas aquele que é ao mesmo tempo forte e doce, empreendedor e indulgente, perseverante, e ao mesmo tempo humilde, este tem certamente em si o Espírito Santo, porque vive os paradoxos que existem também em Deus.

O Espírito e os paradoxos existenciais

191. O cristão deve conciliar muitos paradoxos. Deve prestar atenção a muitas coisas ao mesmo tempo. Deve crer, mas também trabalhar; rezar, mas também agir; fazer de tudo, mas também permanecer-se receptivo; recordar o passado, mas esperar tudo do futuro; amar a Deus e amar o próximo. Quem pode ensiná-lo a viver com todos estes imperativos, tão facilmente contrapostos uns aos outros? Pode fazê-lo somente o Espírito que unifica: no interior da Trindade, no interior da Igreja, no interior do mundo. Existem, de fato, muitos paradoxos com os quais o Espírito nos ensina a conviver. “O Espírito é o mestre interior que nos impele para o exterior. A santificação é ação própria do Espírito que, portanto, não é estranho ao simples desenvolvimento humano. O Espírito está difundido sobre todo o povo dos batizados e foi dado especialmente a alguns, em particular aos apóstolos e aos seus sucessores. O Espírito abre ao porvir, à invenção e estabelece a continuidade com o passado. O Espírito é o próprio amor e é ele que doa a inteligência. O Espírito é imaterial e é ele que operará a ressurreição. O Espírito sopra violentamente, mas sabe ser também doce. O Espírito é silêncio e recolhimento; todavia, é ele que faz falar”.³³⁴ Só o Espírito é capaz de desatar o nó de todos estes paradoxos existenciais.

Ver o Espírito na vida cotidiana

192. O Espírito é simplesmente o “Espírito cotidiano” que o Senhor nos oferece. Dele emanam os dons mais simples, os dons que “são tão comuns que estão presentes em toda parte, na cozinha como na sala de visita; na escola e nos lugares de trabalho... Sim, o Espírito está presente no que é corriqueiro e cotidiano, nos pequenos gestos anônimos da caridade cristã, porque nada é maior do que

334 *Fetes et saisons, 1997, p. 62.*

aquilo que parece mais comum. O famoso elenco de Paulo poderia ser completado graças à vida cristã vista em detalhe: fidelidade discreta; bondade esquecida de si por toda a vida como aquela, por exemplo, da enfermeira; cumprimento sem reclamações do próprio estado de vida, como a mãe de família, por exemplo; firme confiança dos pecadores na misericórdia divina; perseverança nas tentações; calorosa atenção a um vizinho em dificuldade; verdadeiro amor a Deus; fidelidade à oração silenciosa; paciência no sofrimento; alegria de uma boa consciência. Enfim, o Espírito ensina a cada cristão como viver lá onde está, no cotidiano da vida. Quando se é cristão, se tem a consciência que somente ele pode ensinar, por exemplo, que coisa significa ser uma família cristã, um pai ou uma mãe, um médico ou uma enfermeira, um juiz ou um advogado, um empregado, um professor. O Espírito ensina a cada um sobre a espiritualidade da sua profissão. Tudo isto é o “Espírito cotidiano”, que o Senhor nos dá.

O Espírito escondido no mistério

193. No mundo, o Espírito está com frequência escondido. Como a semente que germina exatamente sob a terra. Invisível, irresistível. O Espírito está escondido também nas pregas da história. Com frequência percebemos sua ação só no momento em que as pregas se desfazem, às vezes à distância de séculos. O Espírito assemelha-se às bolhas de ar na água ou aos interstícios no interior de uma massa fermentada e levedada. É um sopro de ar de esperança em um mundo fechado em si mesmo, é o espaço de liberdade em uma história aparentemente sem perspectivas. Onde está o Espírito, lá está a esperança. Às vezes, parece que o Espírito gosta de confundir os nossos sapientes cálculos, as nossas previsões e extrapolações. Em uma época onde, de modo simplista, tende-se a ver tudo escuro, ou ao menos cinzento, o Espírito se torna uma questão de sobrevivência: “Esperar contra toda esperança”.³³⁵ Sobre ele repousa a nossa convicção de que o mundo e a sua história não dependem integralmente dos talentos ou dos esforços humanos, já que há alguém que pode tornar real até o impossível: “ Para Deus nada é impossível”.³³⁶

335 *Rm 4, 18.*

336 *Lc 1, 37.*

No Espírito, esperar além da morte

194. O Espírito nos desvenda até a última impossibilidade: faz-nos atravessar a morte para viver eternamente. O Espírito está sempre ao lado da vida e não tem nada em comum com a corrupção da matéria, nem mesmo com as criaturas inanimadas: “A criação em expectativa anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a abençoou – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus. Pois sabemos bem que a criação inteira geme e sofre as dores de parto até o presente. E não somente ela. Mas também nós, que temos as primícias do Espírito, gememos interiormente, suspirando pela redenção de nosso corpo. Pois nossa salvação é objeto de esperança [...]; e ver o que se espera não é esperar. Acaso alguém espera o que vê? E se esperamos o que não vemos, é na perseverança que o aguardamos”.³³⁷

Ressuscitados pelo Espírito

195. O profeta Ezequiel viu como o sopro de vida divina, percorrendo o campo de ossos, fez com que todos os mortos se levantassem. E Deus lhe disse: “Pois bem, profetiza e dize-lhe: Assim diz o Senhor Deus: Eis que abrirei os vossos túmulos, e vos farei subir dos vossos túmulos, ó meu povo, e vos reconduzirei para a terra de Israel. Então sabereis que eu sou o Senhor, quando abrir vossos túmulos e vos fizer subir de dentro deles, ó meu povo. Porei o meu espírito dentro de vós e vivereis: eu vos reportei em vossa terra e sabereis que eu, o Senhor, falei e hei de fazer, oráculo do Senhor”.³³⁸ Nas entrelinhas desse texto profético veterotestamentário, já podemos reconhecer o que, mais tarde, Deus dirá ao povo da nova aliança: “Dou-vos o meu novo sopro de vida – o Espírito Santo – e vos conduzirei ao verdadeiro país, lá onde moram os ressuscitados”. Torna-se assim muito clara a seguinte passagem de Paulo: “E se o Espírito daquele que ressuscitou Jesus dentre os mortos habita em vós, aquele que ressuscitou Cristo Jesus dentre os mortos dará vida também aos vossos corpos mortais, mediante o seu Espírito que habita em

337 *Rm 8, 21-25.*

338 *Ez 37, 12-14.*

vós”.³³⁹ O Espírito Santo faz esperar. Orienta o olhar do mundo e o nosso para o encontro com Jesus. Por isso, não nos surpreende que o conjunto da Bíblia termine exatamente com estas palavras: “O Espírito e a Esposa dizem: “Vem!” Aquele que atesta estas coisas, diz: “Sim, venho muito em breve!” Amém! Vem Senhor Jesus!”³⁴⁰

Conclusão

196. Toda vez que olhamos para as vicissitudes do nosso tempo, somos levados ao pessimismo porque nos parecem muito maiores os sinais negativos e prevalecem as lógicas de morte e de violência. Esperar em um mundo da fraternidade, de justiça e de paz parece ser uma pura fuga da lógica da história e fruto de gratuita ilusão. No entanto, Deus ama cada pessoa e o mundo está sob o senhorio de Deus e a presença do Espírito Santo.
197. No dia de Pentecostes, a liturgia proclama que “o Espírito Santo de Deus encheu o universo inteiro”. Por meio do seu Espírito opera no coração da história, não obstante as contradições e a presença do pecado e do demônio, que permanecerão até a parusia. O adversário de Cristo e do Evangelho fará guerra aos discípulos do Senhor.³⁴¹ Permanece, porém, verdadeira, válida e perene a palavra de Jesus aos seus discípulos: “Eu vos disse tais coisas para terdes paz em mim. No mundo tereis tribulações, mas tende coragem: eu venci o mundo!”³⁴²
198. Assistido pelo Espírito Santo, concluo esta Carta Pastoral, desejando confiar - você, a sua família e todas as demais famílias, a sua comunidade e toda a nossa Igreja arquidiocesana -, ao Senhor, para que juntos o glorifiquemos com a nossa vida. Sob a luz do Espírito, o faço com as extraordinárias palavras do Apóstolo Paulo: “Àquele que tem o poder de vos confirmar segundo o meu evangelho e a mensagem de Jesus Cristo - revelação de mistério envolvido em silêncio desde os séculos eternos, agora, porém, manifestado e, pelos escritos proféticos e por disposição do Deus eterno, dado a conhecer a todas as nações, para levá-las à obediência da fé - a Deus, o único sábio, por meio de Jesus Cristo, seja dada a glória pelos séculos dos séculos! Amém.”³⁴³

339 Rm 8, 11.

340 Ap 22, 17-20.

341 Ap 12, 7.

342 Jo 16, 33.

343 Rm 16, 25-27.

ANEXOS

“Eu vi o Espírito Santo”

Venerável Cardeal François Xavier Nguyen van Thuan ¹

Pouco tempo depois de ter sido nomeado Arcebispo de Saigão, D. François Xavier Nguyen van Thuan, nacional do Vietname, foi preso e passou treze anos na cadeia, dos quais nove em total isolamento. Depois, foi chamado para Roma, como Presidente do Conselho Pontifício de Justiça e Paz. No ano de 2000 foi convidado por João Paulo II para pregar os exercícios espirituais da Cúria Romana e dar o seu testemunho com humildade e simplicidade. O que segue é parte desses exercícios, que foram compilados e publicados em livro. Se alguém me perguntasse: “O senhor já viu o Espírito Santo?”, responderia sem hesitação: “Sim, vi-O”. “Onde?” “Na Igreja, mas também fora da Igreja”. Vi o Espírito Santo nos Papas deste século.

No século XX o mundo foi dilacerado por duas guerras mundiais, conflitos étnicos, genocídios e lutas sangrentas. Nunca, na história, houve uma chacina semelhante, para não falar de todo o mal resultante das guerras ideológicas. Também no interior da Igreja se verificaram crises e defecções, ressentimo-nos com a des cristianização e a secularização, a barca de Pedro correu o risco de se afundar no meio da tempestade.

Contudo, talvez nunca a Igreja tenha tido, seguidos, papas tão grandes como os pontífices desse século: de Leão XIII a Pio X, Bento XV, Pio XI, João XXIII, Paulo VI, João Paulo I e João Paulo II, Bento XVI, Papa Francisco. Penso que nenhum país do mundo, neste mesmo período, tenha tido a sorte de ver sucederem-se, na sua governação, responsáveis de semelhante estatura moral, santidade e competência.

Estamos perante a ação do Espírito Santo que confirmou com a sua obra a promessa de Jesus: "Tu és Pedro e sobre esta Pedra edificarei a minha Igreja e as portas do Abismo nada poderão contra ela" (Mt 16, 18).

O Espírito Santo guiou e guia o ministério e o magistério dos Papas. Vi o Espírito Santo na história da Igreja. Todos conhecemos a obra do Espírito Santo nos primeiros séculos cristãos: a rápida difusão do cristianismo em todo o império romano; a particular acção do Espírito Santo nos concílios ecuménicos que definiram a doutrina trinitária e a cristologia; o seu sopro divino no monaquismo nascente que impediu os cristãos de se tornarem mundanos, mantendo viva entre eles a aspiração à santidade. Quando, na Idade Média, um novo perigo parece ameaçar a Igreja, o Espírito não só faz florescer o monaquismo, como suscita novas formas de vida consagrada que respondem melhor às necessidades do tempo.

Mas detenhamos o nosso olhar sobre as últimas décadas da história da Igreja: desde o Concílio Vaticano II. Não assistimos, admirados, a um novo Pentecostes? Talvez nunca como hoje houve tão grande florescimento de santidade nas atividades tipicamente laicais. É uma verdadeira e nova primavera da Igreja. Bastaria pensar nas Jornadas Mundiais da Juventude, com os jovens todos à volta do Santo Padre, desejosos de ouvir a Palavra de Deus e empenhados em vivê-la; ou nos vários Congressos dos Movimentos e Comunidades Eclesiais na vigília do Pentecostes, promovidos pelos Papas Novos mais recentes, carismas irrompem na Igreja, verdadeiros dons do Espírito Santo, fazendo reflorescer no nosso mundo o Evangelho.

Conforme nos é contado no “L'Observatore Romano” de 1 e 2 de Junho de 1998, disse o Santo Padre, olhando, na Praça de S. Pedro, para aquela multidão de pessoas que, animadas pelo Espírito, ali se haviam reunido: “O que aconteceu em Jerusalém há dois mil anos, parece estar a renovar-se esta noite nesta praça, centro do mundo cristão. Como então os apóstolos, também nós nos encontramos recolhidos num grande cenáculo de Pentecostes, desejando ardentemente a efusão do Espírito”.

E mais adiante acrescentava: “Sempre, quando intervém, o Espírito deixa-nos estupefatos. Provoca acontecimentos cuja novidade assombra, muda radicalmente as pessoas e a história. Esta foi a experiência inesquecível do Concílio Ecuménico Vaticano II durante o qual, guiada pelo mesmo Espírito, a Igreja descobriu a dimensão carismática como constitutiva de si própria: ‘O Espírito Santo não se limita a santificar e a guiar o povo de Deus por meio dos sacramentos e dos ministérios, e a adorná-lo de virtudes, mas 'distribuindo a cada um, conforme Lhe apraz' (1 Cor 12, 11), dispensando também

entre os fiéis de todas as condições graças especiais, úteis à renovação e à maior expansão da Igreja” (Lumen gentium, 12).

Vi que, sem o Espírito Santo, nada de bom podemos fazer. É verdade que, após o primeiro entusiasmo despertado pelo Concílio, houve um momento de confusão. Perante as mudanças que o Espírito exigia, alguns erraram o caminho. “Mas eis que o Espírito Santo - como disse o Cardeal Ratzinger no Congresso dos Movimentos Eclesiais -, por assim dizer, pediu novamente a palavra. E em todos os jovens, homens e mulheres desabrochou de novo a fé, sem "se" nem "mas", sem subterfúgios nem escapatórias, vivida na sua integralidade como dom, como um presente precioso que faz viver”.

Gosto muito de recordar o que escrevia São João Crisóstomo, apresentando os Apóstolos como modelo autêntico dos verdadeiros pastores: “Os Apóstolos não desceram como Moisés trazendo nas mãos as tábuas de pedra. Eles saíram do Cenáculo levando o Espírito Santo no coração e dispensando, por toda a parte, tesouros de sabedoria e de graça como dons espirituais que brotavam de uma nascente impetuosa. Andaram pregando pelo mundo inteiro, sendo eles próprios a lei viva, como livros animados pela graça do Espírito Santo”.

Vi o Espírito Santo operando numa Igreja que continuamente se renova. A Igreja renova-se e purifica-se «sem tréguas sob a guia do Espírito Santo” (GS 21).

Para tal renovação, a Igreja dos nossos dias sente a necessidade de voltar com fidelidade à nascente: a Ur na Caldeia, ao Sinai, a Jerusalém, Belém, Nazaré, ao Monte das bem-aventuranças, ao Santo Sepulcro...

E o povo de Deus faz o seu exame de consciência. Por virtude do Espírito Santo, a Igreja é mãe e virgem, permaneceu esposa fiel do Senhor, é santa, sem pecado, mas pede perdão pelos seus filhos e filhas que são pecadores.

Recordemos, em particular, o mais importante acontecimento eclesial do século XX. Para uma grande renovação da Igreja, o Espírito Santo inspirou o papa João XXIII a colocar a “pequena semente” (Const. A. Humanae salutis) anunciando, no dia 25 de Janeiro de 1959, a convocação do Concílio Vaticano II.

Ele próprio não podia imaginar naquele momento o que este evento traria consigo para todas as reformas da Igreja e da Cúria Romana, para a publicação do novo Código de Direito Canônico, do Código dos cânones das Igrejas Orientais, do Catecismo da Igreja Católica, de tantas e tão importantes cartas encíclicas, do novo Missal Romano, e que impulso imprimiria à colegialidade, ao diálogo ecumênico e ao diálogo inter-religioso.

E poderíamos continuar citando outros fatos, outras novidades suscitadas no seio da Igreja pelo Espírito Santo. Na verdade, é impossível ter uma visão da obra do Espírito no século XX, porque o mistério permanece na profundidade das almas. Basta recordar uma palavra de admiração do mundo: "Foram necessários 20 séculos para se poder fazer o quilômetro entre o Vaticano e a Sinagoga, e o Papa Wojtyla fê-lo pela primeira vez".

Também vi o Espírito fora da Igreja. Enquanto ampara e ilumina os Apóstolos, o Espírito Santo desperta a sede de água viva (cf. Jo 4, 10-15) no coração de cada pessoa, cultura e religião em busca de Jesus, o único Salvador que poderá saciar plenamente a sua sede.

Os Atos contam-nos a visão de Cornélio, oficial romano pagão, depois a visão de Pedro e a voz que lhe disse: "Vamos, Pedro, mata e come". Mas Pedro retorquiu: "De modo algum, Senhor. Nunca comi nada de profano nem de impuro".

E a voz falou-lhe novamente: "O que foi purificado por Deus, não o consideres tu impuro" (Act 10, 13-15)... Pedro estava ainda a falar quando o Espírito Santo desceu sobre quantos ouviam as palavras. E todos os fiéis circuncisos que tinham vindo com Pedro ficaram estupefatos, ao verem que o dom do Espírito Santo fora derramado também sobre os pagãos, pois ouviram-nos falar em línguas e glorificar a Deus. Pedro então declarou: "Poderá alguém recusar a água do batismo aos que, como nós, receberam o Espírito Santo?" (At 10, 44-48).

O Espírito procede, acompanha e segue cada uma das nossas missões. Com o dom das línguas, prepara o grande diálogo de amor entre Deus e a humanidade, entre o Salvador e os povos de todos os continentes, reforçando o testemunho, segundo a promessa de Jesus: "Mas ides receber uma força, a do Espírito Santo, que descerá sobre vós, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria e até aos confins do mundo" (Atos 1, 8).

No novo Pentecostes que hoje estamos vivendo, o Espírito continua a guiar a Igreja na sua missão de realizar um encontro entre Jesus Cristo e todos os povos. Isto parece-me constituir o significado mais profundo dos vários diálogos que a Igreja Católica iniciou depois do Concílio. Venho daquele vasto continente que é a Ásia e todos os dias contemplo esta obra do Espírito entre os gentios. Consola-nos ver como o Espírito opera para revelar plenamente o mistério de Cristo.

Vi o Espírito Santo que não nos abandona, a nós, órfãos. Durante a minha longa estadia na prisão, despojado de qualquer recurso humano, convenci-me ainda mais profundamente da força do Espírito Santo tal como nos é apresentada nos Atos dos Apóstolos. Esta força continua a ser indispensável para a Igreja ainda hoje, para poder superar qualquer tipo de provação. Por isso, desde 1975 até agora, sempre pedi aos meus penitentes para lerem atentamente, como penitência depois da confissão, um capítulo do livro dos Atos.

Sim, o Espírito Santo vive e age no coração dos pobres e dos humildes, na piedade popular, na solidariedade, no sofrimento. Ele está lá como advogado e intérprete dos desejos e das orações. O Espírito Santo nunca nos deixa órfãos.

“Espírito Santo, amor eterno”

SANTA TERESA BENEDITA DA CRUZ (EDITH STEIN)

Assim rezava Edith Stein, co-patrona da Europa, no último Pentecostes da sua vida:

“Quem és tu, doce luz, que me inunda
e ilumina o negrume do meu coração?
Tu guias-me como a mão de minha mãe
e, se me abandonasses,
não saberia dar mais nenhum passo.
Tu és o espaço
que circunda o meu ser
e o encerra em si.
Deixada por ti, cairia no abismo do nada,
do qual Tu o elevaste para a Luz.
Tu, mais próximo de mim do que eu própria,
e mais íntimo do que o meu íntimo,
e todavia impossível de agarrar e de compreender
porque estás para além de qualquer nome:
Espírito Santo. Amor eterno.”

“Espírito Santo, diretor do íntimo das almas”

São Paulo da Cruz

Pe. Adolfo Lippi CP

Talvez sejamos conduzidos a pensar que São Paulo da Cruz, como fundador dos passionistas, fizesse referência prevalentemente a Jesus e a sua Paixão, mas não é assim. Toda a Trindade está sempre presente em seus testemunhos e em seus ensinamentos, começando por Deus Pai, do qual tudo parte: do mar de Amor do Pai procede o mar de dor da Paixão de Jesus: são dois mares num só. (Cartas II, 717).

Paulo da Cruz era, sobretudo, um discípulo da Palavra de Deus. Muito mais que tantos seus contemporâneos, conhecia perfeitamente a Bíblia, especialmente o Novo Testamento, e neste os escritos de seu homônimo São Paulo Apóstolo.

O Espírito Santo se mostra na Bíblia, desde os primeiros versículos do Gênesis, como a potência divina que transforma o caos num cosmos bem ordenado. Aparece depois como inspirador dos patriarcas e dos profetas, de suas ações e de seus ensinamentos. No Novo Testamento, a efusão do Espírito é fruto da Paixão de Jesus, da sua obediência ao Pai. O Espírito ilumina e dá força, faz compreender todas as palavras ditas por Jesus e o mistério central da sua vida, o da sua morte e ressurreição, e, ao mesmo tempo, infunde energia e coragem para seguir Jesus. No dia de Pentecostes, transformados pelo Espírito Santo, os discípulos assustados, duvidosos e incertos, tornam-se corajosos, destemidos até o martírio, lúcidos em sua pregação, iluminados para poder estabelecer e governar a Igreja nascente no meio a mil dificuldades. O Espírito nos doa a consciência de ser filhos, amados, grita no nosso coração *Abbà Pai* (Rm 8,15, Gl 4,6), intercede, em nós, com gemidos inexprimíveis (Rm 8,26), faz que Cristo viva em nós e nós nele, produz dons e frutos na alma (Gl 5,22).

O Espírito Santo foi considerado por São Paulo da Cruz o verdadeiro Diretor do íntimo das almas (Cartas, II, 484). A Ele Paulo atribuiu tudo o que acontece no templo interior da alma, sobretudo a caridade para Deus e para o próximo, a oração profunda ou oração com

todos os dons que ela exige, a paz do coração e a paz com os irmãos, as virtudes firmes, que ele quer sempre distinguir das ilusões, dos sentimentalismos, dos devocionalismos e carolices. Do Espírito deriva a possibilidade de manter a castidade do coração e do corpo. A paz do coração, que para Paulo não se deve nunca perder, origina-se do dom do abandono à vontade de Deus que o Espírito infunde nas almas: é o abandono ao seu beneplácito, a paciência, o não se lamentar das dores e sofrimentos, a cura interior das feridas do passado e, finalmente, a contemplação de Deus e a transformação da alma em Deus, ou seja, a divinização.

Persuadido dessas verdades, Paulo preparou para si e para os outros uma celebração solene e, sobretudo, convicta da solenidade de Pentecostes, que recorda a efusão do Espírito Santo sobre Maria e os apóstolos no cenáculo.

Escreveu, por exemplo, aos seus religiosos no ano santo de 1750:

“Sendo iminente, caríssimos filhos e irmãos em Jesus Cristo, a doce e imensamente jubilosa solenidade do Espírito Santo, para a qual cada um deve preparar-se para receber dignamente na casa interior da alma um tão soberano hóspede, na verdade, o seu Senhor e Deus, não quisemos deixar de cumprir em alguma pequena parte esta obrigação de caridade, visitando-vos com esta nossa pobre carta, para que conheçais sempre mais o vivo desejo que a bondade do Senhor imprimiu no coração que sejais todos grandes santos, assim pedindo para o instituto ao qual a misericórdia de Deus vos chamou.

Portanto, caríssimos, para vos bem preparar para essa grande solenidade, cada um de vós examine bem a si mesmo, para saber se vive em si algo que não seja puramente Deus, e isso sabereis examinando-vos se em todas as vossas ações seja puríssima a vossa intenção e, se procurais, cada dia mais, tornar essa intenção deiforme, ou seja, toda divina, operando sempre, em todas as vossas ações, em Deus e só por seu amor, unindo as vossas obras com as de Jesus Cristo Senhor Nosso, que é a nossa via, verdade e vida.

Amados filhos! Mortui enim estis et vita vestra abscondita cum Christo in Deo. “Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.” Col 3,3)

Portanto: como mortos a tudo que não é de Deus, mantende-vos

em altíssima abstração de toda a criação, na verdadeira pobreza e nudez de espírito, com alto desprendimento de cada sensível consolação, na qual demasiadamente se mistura à nossa imperfeita natureza e torna-se ladra dos dons de Deus, coisa muito perigosa e perniciosa. Empenhai-vos (com a graça santíssima de Jesus Cristo) para fazer contínua morada dentro de vós mesmos, em verdadeira solidão interior, para tornar-vos verdadeiros adoradores do sumo Bem em Espírito e Verdade. Tudo isso ireis conseguir se sempre mais vos tornardes pequenos, porque Deus ama as almas infantis e a elas Ele ensina aquela alta sabedoria que escondeu aos sábios e prudentes do mundo (Carta circular de 1750).”

O Espírito habita na alma e opera na alma: nada se produz sem Ele. O primeiro efeito da ação do Espírito Santo é a pura adoração de Deus, é a obediência ao primeiro mandamento da Bíblia hebraica, fundamento de todo o resto: Escuta Israel: o Senhor é o nosso Deus, é Um, ama-o com tudo de si mesmo. Não te prostres, não te prostituas aos ídolos. Paulo da Cruz fala, portanto, de uma puríssima intenção e da exclusão de tudo que não seja puramente Deus. Essa é a primeira dimensão da caridade, que se manifesta na segunda: a caridade para com o próximo, para com os outros. A adoração a Deus é a oração de vinte e quatro horas por dia, o senso da presença de Deus não devia faltar nunca, a obediência à sua vontade, a contemplação.

Paulo escreve a muitos eclesiásticos, mas ainda mais a muitíssimos leigos, mesmo àqueles que não possuíam instrução alguma e a todos aponta uma escola de santidade. A escola do cristianismo é para ele uma escola de santidade. Para ele era uma péssima ideia aquela segundo a qual somente os sacerdotes e religiosos foram chamados à santidade cristã e não, ao contrário, todos os cristãos. São Paulo da Cruz foi precedido, nessa concepção do chamado à santidade de todos os cristãos também leigos, por São Francisco de Sales, que foi, pode-se dizer por alguns aspectos, o seu primeiro mestre espiritual, porque certamente leu bem cedo os seus escritos junto com os de Santa Teresa d’Ávila. São Francisco de Sales é reconhecido unanimemente como um apóstolo do chamado universal à santidade e um mestre da santidade dos leigos nos diferentes estados de vida, e Paulo da Cruz partilhou plenamente a sua persuasão teológica e a convicção que essa verdade era importante para a pastoral.

Essa visão profética da Igreja, que o Fundador dos Passionistas ti-

nha há três séculos, foi retomada muitas vezes pelo magistério da Igreja do Concílio Vaticano II até hoje. Uma particular atualização foi feita pela exortação apostólica *Gaudete e Exultate*, que já no início fala da santidade humilde, a da porta ao lado, a que pode ter sido da nossa mãe ou avô ou das pessoas próximas (n. 3).

O ambiente no qual Paulo vivia estava permeado de sinais cristãos, mas ele mesmo relevava que a vida concreta de seus contemporâneos não correspondia a esses sinais. Havia muitas exterioridades ligadas ao mistério cristão: confrarias, ritos, festas e celebrações de toda espécie, procissões, quermesses, havia também um rigorismo de tendência jansenista que se referia a um Deus terrível e longe do homem. Mas o São Paulo da Cruz, não via ao seu redor uma vida cristã coerente com esses sinais da fé: “Ah, pobre mundo, quanto estás mal! – escrevia. Quantos males te inundam! A fé amornecida, a piedade esfriada e quase no chão – ai de mim! ai de mim! – Grandes flagelos devem ser temidos!” (*Cartas aos leigos*, 2249). Era difícil, segundo ele, encontrar um jovem que tivesse verdadeiramente temor de Deus e uma jovem que tivesse os dotes necessários para bem governar uma família (*Idem*, 711, 623, 2148-49). E o que mais o fazia sofrer é “o ver poucos se colocarem no partido de Deus e pro muro domus Israel” (de frente às paredes da casa de Israel”).

Tentamos ler os ensinamentos de Paulo pensando que os propunha a leigos que viviam em tais ambientes: ele os exortava a cultivar uma profunda humildade, nunca ficar dobrado dobre o amor do próprio, o confessar-se pecadores, um alto desapego de toda a criação, o sentir-se nada diante a Deus, nada ter, nada poder, nada saber, a obediência ao diretor espiritual. Tudo devia confluir na morte mística e divina natividade, uma espiritualidade batismal enraizada em Paulo Apóstolo que punha como supremo ideal do cristão o tornar-se semelhante ao Cristo na sua paixão, morte e sepultura para assemelhar-se depois, na ressurreição (Rm 6,1-11).

Nesta espiritualidade batismal vimos quanto foi séria a devoção à Paixão que ele inculcava. Isso ia bem além de um genérico devocionismo ou sentimentalismo religioso. Mensurava-se concretamente com o tornar-se conformes à imagem de Cristo apaixonado e crucificado, para ter certeza de abrir-se com Ele a uma vida nova, a da ressurreição, que ele prefere chamar de nova natividade. E tudo isso nascia da oração e pela obra do Espírito Santo na alma, que Ele cultivava e inculcava com todas as suas forças, sobretudo através das

muitíssimas cartas que escrevia a qualquer um que fosse disponível a escutá-lo.

Entre as cartas escritas aos leigos, nas quais inculcava a se prepararem bem para Pentecostes, escolhemos uma, dirigida a senhora Marianna Alvarez, de Orbetello, em 1735:

“... as almas que amam fazem qualquer esforço para fazer a novena de Pentecostes com a maior perfeição possível. Primeiro: queria que fizesse a novena como a fizeram os Apóstolos, os quais logo depois que o doce Mestre Jesus subiu ao céu, retiraram-se em companhia de Maria Virgem e dos outros santos e santas mulheres, que ao todo eram cerca de cento e vinte; retiraram-se disse, no cenáculo, e não cessavam nunca de fazer orações, convidando o diviníssimo Espírito a descer em seus corações para queimá-los de amor. Assim quero que faça a senhora.

Do dia da Ascensão até a Santíssima Pentecostes, permaneci em espírito no cenáculo com os apóstolos e os outros santos para convidar o Espírito Santo a vir em vós e Ele vos fará queimar toda de caridade. Segui, porém, o método de oração de sempre, fazei oração ao modo, não vosso, mas de Deus; mergulhai toda nele, permaneci muito recolhida..., falai o menos possível. Jejuai todo tempo, menos nas festas: pela manhã, porém, para não causar incomodo à casa, comi como os outros, pelo menos a sopa. À noite, não; fazei a refeição como na Quaresma. Na Vigília do Santíssimo dia de Pentecostes jejuai com pão e vinho. Comungai, se puder, sete vezes nessa novena.

Pela manhã, antes de iniciar a oração mental, recitai um Pai-nosso, sete Ave-Marias, sete Glória ao Pai e um Credo aos Santíssimos Apóstolos. Fazei por mim uma saudação a toda aquela Santíssima Companhia com uma Glória ao Pai, dizei-lhes que o pobre Paulo espera a esmola também ele.

Feito isso, com as mãos postas levantai os olhos para o céu, e repeti sete vezes: “Ó Espírito Santo, Amor do Pai e do Filho, queimai-me toda de amor!” Ao meio-dia, ou seja, antes do almoço, ajoelhai-vos e recitai sete Glórias ao Pai, e depois com as mãos postas e os olhos voltados para o céu dizei: Ó Espírito de infinita luz, de infinita doçura, vinde no meu coração! Vinde, ó Bem infinito! Vinde, ó Amor imenso! Vinde, ó verdadeiro e único Deus com o Pai e com o Filho! Vinde, ó Caridade imensa, alojar neste pobre coração arrependido!

Vinde, ó Amor meu! Vinde, ó minha Doçura! Ó minha Luz! Ó minha Vida! Ó meu Conforto! Ó meu Tesouro! Ó minha Riqueza! Ó meu verdadeiro Bem! Ó minha única esperança! Ó meu Deus! Ó meu tudo! Vinde para que me consume de amor! Vinde, porque não posso mais sofrer por não vos amar! Vinde, para queimar-me até a medula dos ossos!

Depois, rezai o Credo e depois saudai a Santíssima Virgem com a Ave-Maria, tomai a sua bênção. Saudai-a também por mim com o Glória ao Pai. Assim fazei também à noite, antes de iniciar a oração mental. Peço-vos nestes atos de deixar-vos encher o espírito de paz e de amor; fazei-os suavemente, e se o amor vos faz silenciar, silenciai-vos e depois continuai com os olhos voltados para o alto e, se quereis, vos deixo a liberdade de fazê-los com os braços abertos se estiverdes sozinha...”

Diferentemente de seu contemporâneo Santo Afonso Maria de Ligório, São Paulo da Cruz não escreveu tratados de teologia ou de espiritualidade, mas somente cartas de direção espiritual, não se encontram em seus escritos tratados específicos sobre o Espírito Santo. Ele nos fala de forma extremamente concreta e experimental, como o Espírito que, pelos méritos da Paixão de Jesus, produz a santificação de nós, cristãos. O Espírito, portanto, está presente em qualquer lugar em que nos santificamos, nos aproximamos de Deus e servimos os necessitados.

“Dom do amor divino”

Santo Afonso Maria de Ligório

Novena ao Divino Espírito

“E apareceram sobre eles repartidos como que línguas de fogo.”
(At. 2,3).

A novena do Espírito Santo é a primeira de todas, porque foi celebrada pelos santos apóstolos e por Maria Santíssima no Cenáculo, entre muitos prodígios. Lembremos de que ao Divino Paráclito é atribuído especialmente o dom do amor. Convém, portanto, que nesta novena consideremos o grande valor do amor divino. Em primeiro lugar, o amor é aquele fogo que inflamou todos os santos a fazerem grandes coisas por Deus. Se quisermos também ficar abrasados, apliquemo-nos sempre, mas em particular nestes dias, à oração, que é a fornalha onde o fogo do amor divino se acende.

I – Deus ordenou na antiga Lei que o fogo ardesse continuamente no seu altar. Diz São Gregório que os altares de Deus são nossos corações, onde Ele quer que o fogo de seu santo amor arda sem cessar. Por isso o Eterno Pai, não satisfeito em ter-nos dado Jesus Cristo, seu Filho, para nos salvar por sua Morte, quis dar-nos ainda o Espírito Santo, para que habitasse em nossas almas, e as conservasse continuamente abrasadas de amor.

Jesus mesmo declarou que descera à Terra exatamente para inflamar com este fogo sagrado nossos corações, e que seu único desejo era vê-lo acesso: “Vim lançar fogo à Terra e que coisa Eu quero senão que se acenda?” (Lc 12, 49). Eis aqui porque, esquecendo as injúrias e ingratidões dos homens, logo que subiu ao Céu, nos enviou o Espírito Santo. – Assim, ó Redentor amadíssimo, na vossa glória, como nos vossos sofrimentos e humilhações, nos amais sempre?

Pela mesma razão, o Espírito Santo quis aparecer no Cenáculo sob forma de línguas de fogo: “E apareceram sobre eles repartidos como

que línguas de fogo.” (At. 2,3). Por isso também a Igreja nos faz rezar com estas palavras: “O Senhor, fazei que o vosso divino Espírito nos inflame com o fogo que Jesus Cristo veio trazer sobre a terra, e que desejou tão ardentemente ver brilhar nela.” – Foi este amor o fogo que inflamou os santos a fazerem grandes coisas por Deus: amar os inimigos, a desejar os desprezos, a despojar-se de todos os bens terrenos e a abraçar com alegria os tormentos e a morte. O amor não pode ficar ocioso e nunca diz: Basta. A alma que ama a Deus, quanto mais faz por seu amado, mais quer fazer ainda para mais lhe agradar e ganhar mais e mais a sua afeição.

II – O Espírito Santo acende o fogo do amor divino por meio da meditação: “Na minha meditação se acenderá o fogo.” (Sl 38,4). Se então, desejamos arder em amor para com Deus, amemos a oração; ela é a feliz fornalha em que o coração se abrasa neste ardor celeste.

Meu Deus, até aqui nada tenho feito por Vós, que tão grandes coisas fizeste por mim. Ah! Quanto a minha frieza deve mover-Vos a rejeitar-me! Peço-Vos, ó Espírito Santo: Aquecei o que está frio. Livrai-me de minha frieza e inspirai-me um grande desejo de Vos agradar. Renuncio a todas as minhas satisfações, e antes quero morrer do que Vos dar o menor desgosto. – Apareceste sob a forma de línguas de fogo; consagro-Vos minha língua, para que não Vos ofenda mais. Ó Deus, Vós me destes a língua para Vos louvar, e dela tenho me servido para Vos ultrajar e levar os outros também a Vos ofender! Arrependo-me de toda minha alma. (Pe. Adolfo Lippi, CP, tradução e adaptação da Ir. Giuliana).

Ah! Pelo amor de Jesus Cristo, que na sua vida Vos honrou tanto com a língua, faça com que de agora em diante não cesse de Vos honrar, celebrando Vossos louvores, invocando-Vos muitas vezes, falando da Vossa bondade e do amor infinito que mereceis. Amo Vos meu soberano bem; amo Vos Deus de amor. – Ó Maria Santíssima, sois Vós a Esposa fidelíssima do Espírito Santo; obtende este fogo divino.

Os dons do Espírito Santo

Santa Teresinha do Menino Jesus

Frei Pedro Caxito O.Carm

Queremos falar sobre Santa Teresa do Menino Jesus e da Sagrada Face, a Teresinha carmelita, e os dons do Espírito Santo.

Diz o Senhor: "Um ramo brotará do tronco de Jessé e um rebento surgirá das suas raízes. Sobre ele repousará o Espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de entendimento, espírito de conselho e de fortaleza, espírito de ciência e de piedade, e o inundará o espírito do temor do Senhor" (Is 11,1-2).

O Espírito Santo é o Dom do Pai ao Filho e do Filho ao Pai, que a nós também O concedem generosamente, enquanto Ele, o próprio Espírito, a nós se dá com muito amor, e "torna-se a fonte de todo o nosso agir. No mundo atual de consumismo (hedonismo, sexualismo e somente egoísmo), que tudo faz para conquistar-me e acorrentar-me de modo que eu perca a minha identidade, o Espírito vela sobre a minha identidade de cristão" (Guido Stinissen OCD Vivre l' Esprit Saint aujourd' hui em Kerit n° 138 p.17) e nos concede os sete dons que no Catecismo da Igreja Católica aprendemos serem aquelas "disposições permanentes que tornam homem e mulher dóceis para seguirem os impulsos do Espírito Santo", impulsos, segundo Frei Guido, "diversificados e adaptados às várias circunstâncias da vida quotidiana".

Jesus nos afirma que o Pai, que só dá o que é bom, dará o seu Espírito Santo a quem o pedir: "se vós, que não sois lá assim tão bons, sabeis dar coisas boas aos vossos filhos, quanto mais o Pai dos céus dará o Espírito Santo a quem a Ele o pedirem" (Lc 11, 13). A Virgem Maria, sobre quem desceu invisivelmente o Divino Amor, é nossa intercessora e modelo, para que nós também O recebamos do Pai e sejamos conduzidos por Ele (3).

JESUS: personalidade una e riquíssima com duas naturezas, a divi-

na e a humana. Todas as criaturas foram destinadas a serem algum reflexo da sua beleza. São Paulo nos aconselha: "Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo" (Rm 13,14); ele que aos Filipenses queridos disse: "Cristo é o viver para mim", e ainda "Tende em vós os mesmos sentimentos, que estão em Cristo Jesus" (Fl 1,21; 2,5), aos Gálatas, que ele chamou de bobos, disse que: "Vivo. Não mais eu, mas é o Cristo quem vive em mim" (Gl 2,20; 3,1).

Respeite embora a natureza da sua criatura e a liberdade que, cheio de confiança, concede ao homem e à mulher, Deus vai agindo por meio do seu Amor, para transformá-los à imagem do seu Filho, que é "o esplendor da sua glória e a imagem da sua divina essência" (Hb 1,3 / cf. 2Cor 4,4.6; Cl 1,15), reflexo da Luz eterna, espelho sem mancha da atividade de Deus e imagem da sua bondade" (Sb 7,26), e assim, no dizer do Apóstolo, "todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus estes são filhos de Deus" (Rm 8,14).

Os dons de Cristo, como Novo-Adão e Filho de Deus feito homem, são também para nós, homens e mulheres, que Ele veio transformar em filhos e filhas de Deus "por meio do amor, que em nós se difundiu pelo Espírito Santo, que nos foi dado" (Rm 5,5). É de maneira análoga que os privilégios concedidos a Maria, Nova-Eva, são prenúncio e também reminiscência daquelas graças que, desde os dias do Éden, sempre o Pai quis dar aos filhos da Mulher: em nós o Espírito do Filho de Deus clama Abbá - Papai (Rm 8,15 e Gl 4,6), Pai Nosso.

E Deus age pelo seu Espírito, que vai distribuindo os seus dons, quando quer, como quer, quanto quer e a quem quer (Cf. Jo 3,8 e 1 Cor 12,1), e as nossas ações serão frutos do Divino Amor e daquela liberdade, que de graça o Pai nos concede, "uma liberdade fascinada e atraída pelo Bem Supremo" (Guido Stinissen OCD o.c. p.9)

Mais ainda. A Onipotência do Pai, não podendo fazer da criatura Deus por natureza, é ajudada pela divina Sabedoria, seu Filho, e pelo divino Amor de modo que a presença dos Três no mais íntimo de cada um faça que sejamos o que tanto desejam os Três, isto é, "participantes da divina natureza" (2Pe 1,4)! A presença de Deus vem divinizar como a presença da luz vai iluminar! Como Paulo a alma diz: "Eu vivo. Já não sou eu quem vive: é a Trindade Santa quem vive! É o Pai e o Espírito Santo quem vive em mim com Jesus que vive em mim!" (cf. Gl 2,20).

São João da Cruz - citando o que diz São Paulo: "O que está unido ao Senhor é um só espírito com Ele" (1Cor 6,27) - ensina que "entre as operações de Deus e as da alma deixa de haver distinção; não fazem mais do que um todo a atividade da alma e a de Deus" S 3,2 - citado pelo Pe. Philipon OP em Santa Teresinha de Lisieux ("UM CAMINHO TODO NOVO" Gráfica Olímpica Editora Rio de Janeiro 1954 p.217).

A alma guiada pelo Espírito de Deus "age não já de maneira humana, mas como que transformada em Deus por participação" (Sto. Tomás 3º das Sentenças D34 q.I a.3 - citado pelo mesmo autor Ibid p.216).

Numa carta a Celina Teresa escrevia: "Conhecê-Lo como Ele se conhece e nós mesmas chegarmos a ser deuses! Oh! Que destino! Como é grande nossa alma! Elevemo-nos acima de tudo o que passa; conserremo-nos distantes da terra. Nas regiões das alturas o ar é tão puro! Jesus pode esconder-se, mas sempre se adivinha onde Ele está..." (Carta do dia 23 de julho de 1888)

Os sete dons tornam-se um reforço da vida espiritual e concedem ao homem e à mulher capacidade e disponibilidade para receberem as luzes e as inspirações de Deus pelo Espírito Santo, que nos foi dado (Rm 5,5)

Alguém ensina que é como numa barca que, ao ser com dificuldade movida somente pela força dos braços e dos remos, vai desfraldando as suas velas para receberem o impulso dos ventos: e com mais facilidade vencerá distâncias e os ímpetos das ondas. Os dons são as velas da nossa barca, que recebem o sopro do Santo Espírito, e a nossa barca poderá, ágil e segura, singrar com toda firmeza e tranquilidade, levada pelo murmúrio de um suave silêncio (1Rs 19,12).

Na sua "História de uma alma" Santa Teresinha conta a história de uma barca. Era noite de Natal. Era dezembro de 1887. Teresa com menos de 15 anos esperava passar o Natal "atrás das grades do Carmelo". Após a Missa do galo, ao chegar à sua casa, Celina armara-lhe uma surpresa: no quarto uma bacia bonita com uma barquinha à vela chamada "Abandono", onde dormia o Menino Jesus com uma bolinha ao lado chamada "Teresinha", e Jesus lhe dizia: "Estou dormindo; o meu coração, porém, está velando" (cf. Ct 5,2 [Vulg]): sobre a vela branca da barquinha "Abandono" sopra a brisa do Amor (MA 188 fl.67v)

"O silêncio de uma brisa leve" haveria de impulsioná-la sempre, por toda a vida, como a Elias, Pai e Modelo Inspirador dos Carmelitas. A brisa suave, que é o Espírito de Deus, há de tanger a humilde barquinha ou as delicadas cordas de um coração amoroso. Isabel da Trindade propunha a «Guide», sua irmã, viver com os seus «Três» no céu mais profundo da própria alma, e dava-lhe a garantia: "O Espírito Santo transformará você numa lira mística que, no silêncio, sob seu toque divino, há de fazer ressoar um cântico magnífico ao Amor" (M. M. Philipon O.P. La Doctrine Spirituelle de S^r. Elisabeth de la Trinité Desclée de Brouwer 1955 p.93).

Teresa, embora não cite muito o Espírito Santo pelo nome de "Espírito Santo", e mais sob o nome de Amor, sobre a Crisma e sua preparação soube afirmar: "Preparei-me com muito carinho para receber a visita do Espírito Santo. Não compreendia a pouca importância dada à recepção desse Sacramento de Amor. (...) Não senti um vento impetuoso na descida do Espírito Santo, mas aquela «brisa leve», cujo murmúrio ouviu o Profeta Elias no Monte Horeb" (História de uma alma - Manuscritos Autobiográficos MA 114 fl.36r Cf. At 2,2; 1Rs 19,12-13).

Mas cuidemos de não dar tristeza ao Espírito e, muito mais ainda, de não extingui-Lo; a prudência, ajudada pelo dom do Conselho, exige discernimento e atenção (Ef 4,30; 1Ts 5,19.21 e 1Jo 4,1).

Diz o Pe. Philipon OP, a quem, às vezes, seguimos: "A essa luz (dos dons do Espírito Santo), a santidade de Teresinha de Lisieux aparece-nos como verdadeira obra-prima da ação divina em uma alma de criança" (Em Santa Teresinha de Lisieux - UM CAMINHO TODO NOVO Gráfica Olímpica Editora Rio de Janeiro 1954 p.212).

Apesar de ter afirmado que Maria apresentada no Templo, aos três anos, agiu mais para fazer o gosto de Joaquim e Ana - "Não seria necessário dizer sobre Ela coisas inverossímeis ou que não se sabem: por exemplo, que quando pequenininha se apresentou no Templo para oferecer-se ao Senhor com ardentes sentimentos de amor e extraordinário fervor, quando, talvez, foi única e simplesmente para obedecer aos seus pais" (Cf. Folhas Amarelas ou Novíssima Verba 23/08/1897).

Teresinha afirma a seu próprio respeito que, "desde os três anos de idade, nada recusei jamais ao Bom Deus" (Conseils e Souvenirs 11 - Hoje Últimas Palavras).

Teresa desejava que todas as suas ações fossem INSPIRADAS E DIRIGIDAS PELO ESPÍRITO DE AMOR: disse um dia a uma das suas noviças: "Quero que (Nosso Senhor) se apodere de todas as minhas faculdades de tal maneira que de hoje em diante eu não faça mais ações humanas e pessoais, mas ações totalmente divinas, INSPIRADAS E DIRIGIDAS PELO ESPÍRITO DE AMOR" (Conseils et Souvenirs 55 (Hoje Últimas Palavras) - citado pelo Pe. Philipon).

Pela estrada dos sete dons, desde o dom do filial Temor de Deus até às alturas da divina Sabedoria e até à humildade de uma Pequenininha Via e até à morte em êxtase de amor e por amor, o Divino Espírito Santo a inspirou e dirigiu, preparando a futura "Doutora do Amor Misericordioso", elevando-a, através da sensibilidade e dos escrúpulos, através da delicadeza de consciência e de um grande amor ao Pai, à Virgem Maria, que é "Mãe mais do que Rainha", e através de uma vida de grande amizade com os anjos e com todos os irmãos da Comunhão dos Santos.

A docilidade ao Espírito Santo

Chiara Lubich

Docilidade ao Espírito Santo. Atitudes necessárias. Nesse texto Chiara Lubich busca em Paulo as lições para se caminhar segundo o Espírito e assim realizar a vontade de Deus:

A Procura da vontade de Deus

Pode-se afirmar, sem dúvida, que o amor é a única vontade de Deus que o cristão deve realizar. Cada cristão deve descobrir como colocar em prática este amor nas circunstâncias concretas da vida. Deve-se procurar discernir a vontade de Deus. Diz Paulo “Não vos conformeis à mentalidade deste mundo, mas transformai-vos para poderdes discernir a vontade de Deus” (Rom 12,2).

Esta vontade descobre-se momento por momento ouvindo, com docilidade, a voz do Espírito dentro de nós. Escreve Paulo aos Gálatas: “Caminhai segundo o Espírito” – quer dizer, sob o impulso d’Ele.

Para isso é necessário aperfeiçoar a sensibilidade sobrenatural, instinto evangélico que o Espírito Santo nos deu e que se desenvolve unicamente através do exercício e da prática.

Paulo considera que para obter esta sensibilidade à voz do Espírito, duas atitudes são necessárias. A primeira é a inserção e o progresso na vida de amor recíproco de uma comunidade. Escreve: “Peço (a Deus) que a vossa caridade (ou seja, o vosso amor cristão vivido na comunidade) se enriqueça cada vez mais, em conhecimento e em sensibilidade, a fim de discernir o que é melhor” (Fil 1, 9-10).

A segunda atitude é a da oração, porque o conhecimento da vontade de Deus é também um dom d’Ele: “Não cessamos de orar por vós e de pedir que alcancéis o pleno conhecimento da Vontade de Deus...” (Col 1,9).

Chiara Lubich, O Sim do homem a Deus, Editora Cidade Nova, São Paulo, 1981, p. 20.

- 1) Os mandamentos e o Espírito Santo. Nessa reflexão Chiara afasta uma controvérsia entre o Espírito e os Mandamentos, a quem escutar.

Os mandamentos e a vontade de Deus

Podemos nos perguntar, visto que o cristão traz a lei do Espírito no seu coração – qual é a função dos Mandamentos, das regras de conduta para que a Vontade de Deus seja cumprida?

Não se pode dizer certamente que estas normas são inúteis, porque a lei do fiel cristão é o amor e o amor é difícil de ser codificado. Sabemos também como é fácil confundir as próprias opiniões, os próprios desejos com a voz do Espírito em nós. Como é fácil, por isso, cair no arbítrio e ou no subjetivismo.

Diante da condição humana e terrena, o amor tem necessidade de ser explicado e guiado por normas objetivas, que lhe deem um vulto concreto e sejam pontos bem firmes de referência.

Os mandamentos tornam-se, deste modo, um auxiliar para amar a Deus e aos homens. E o fiel, com esta convicção, procurará entender o porquê de cada norma, o motivo que está na origem da mesma para se conformar à intenção do amor de quem a formulou. A lei escrita torna-se um meio precioso, colocado a serviço do homem. Essa lei, porém, não é o objetivo final de sua vida.

A vontade de Deus, portanto, não se resume na observância de um código de mandamentos, mas em amar a Deus e aos irmãos. Aqui reside a plenitude da Lei.

Chiara Lubich, O Sim do homem a Deus, Editora Cidade Nova, São Paulo, 1981, p. 21.

- 2) O Espírito Santo e o mistério eucarístico. Nesta reflexão Chiara descreve a função do Espírito Santo na vida do cristão, na vida da Igreja a partir de seu papel no mistério eucarístico.

A Eucaristia e o Espírito Santo

São João, no seu magnífico texto sobre o pão da vida, refere-se a uma

frase de Jesus: “O espírito é que vivifica; a carne para nada serve” (Jo, 6,63). Com esta frase, Jesus se refere à função do Espírito Santo no mistério eucarístico.

O Espírito Santo é o grande protagonista de cada vinda de Cristo entre nós. Foi por ele que o Verbo se fez carne no seio de Maria; e é por ele que o Verbo se torna carne na hóstia, e sangue no vinho na consagração eucarística de cada missa.

Cirilo de Jerusalém escreve: “Depois de nos termos santificados com estes hinos espirituais, nós imploramos ao Deus misericordioso que envie o Espírito Santo sobre as oferendas depositadas (sobre o altar), para que transforme o pão no corpo de Cristo e o vinho no sangue de Cristo. De fato, aquilo que o Espírito Santo toca é completamente santificado e transformado” (Catequese Mistagógica, 5,7). Deste modo a missa se torna uma perene encarnação. E isto é magnífico, é adorável.

A carne, portanto, de que nos nutrimos é uma carne espiritualizada, a mesma que Jesus possui à direita do Pai. Esta carne espiritualizada, que transmite a vida divina, transmite também o Espírito Santo que forma o Cristo em nós, porque nos alimentamos da Eucaristia.

Então é o Espírito Santo que nos santifica até a vida eterna. É pelo Espírito Santo que Jesus ressuscita glorioso, após a morte. É Ele que desce para construir a Igreja, o corpo de Cristo. É o Espírito Santo, ainda, que realiza a unidade da comunidade e a santifica como tal. O Espírito Santo, o Deus muitas vezes silencioso, opera continuamente, tão ativo quão pouco conhecido, como o Amor que coloca em relevo o Pai e o Filho.

Chiara Lubich – Escritos Espirituais 4 – Editora Cidade Nova, São Paulo, 1983 – p. 54/56.

- 3) Contemplar a vida da Trindade. Relação entre os homens. Nesse texto Chiara descreve a vida da Trindade e propõe que, se imitamos essa vida, a relação entre nós e os irmãos pode ser o próprio Espírito Santo.

Contemplar a Trindade

Jesus, na cruz e no seu abandono, tinha dado realmente tudo, havia-se anulado completamente. E tudo isso por amor a nós. Aquela tinha sido a medida do Seu amor. Medida que também nós deveríamos aprender a ter diante de nossos irmãos: “Amai-vos (...) como eu vos amei”, ou seja, deveríamos ser completamente vazios de nós mesmos, para acolhermos as dores e as alegrias dos outros.

Esse é o amor que nos é solicitado por Deus, que é amor. De fato, o amor não é um atributo de Deus, é o Seu próprio ser, Dele uno e trino. O Pai, saindo completamente de si, por assim dizer, de certo modo se faz “não ser” por amor, e gera o Filho; mas é justamente por isso que é Pai. O Filho, por sua vez, como um eco do Pai, e também ele se faz, de certo modo, “não ser por amor”, e, justamente por isso, é, é Filho; o Espírito Santo, que é o amor recíproco entre o Pai e o Filho, o vínculo de unidade Deles, também ele se faz, de certo modo, “não ser” por amor, aquele não-ser por amor, aquele não-ser, aquele “vazio de amor”, em que o Pai e o Filho se encontram e são um: mas justamente por isso é, é o Espírito Santo.

Três são as pessoas da Trindade, no entanto são Um porque o Amor é e não é e é, ao mesmo tempo, em um eterno doar-se. Esse é dinamismo da vida intratrinitária, que se manifesta como incondicionado dom recíproco de si, anulação amorosa mútua, comunhão total e eterna.

Realidade análoga foi impressa por Deus no relacionamento entre os homens: nós percebemos isso desde que Deus nos deu a Sua luz. Anos atrás, eu mesma senti que havia sido criada como dom para quem estava próximo de mim e quem está próximo de mim foi criado por Deus como dom para mim, como o Pai na Trindade é todo para o Filho e o Filho é todo para o Pai. Por isso, também a relação entre nós pode ser o Espírito Santo, a mesma relação que há entre as Pessoas da Trindade.

É a vida da Trindade que podemos imitar, amando-nos entre nós. Então aquela visão não será mais vivida somente na interioridade de cada pessoa, mas se tornará livremente vida da família humana inteira.

(Mensagem gravada em vídeo. Orviedo (Itália), 7 de setembro de 2003). Chiara Lubich, em A Unidade, Donato Falmo e Florence Gillet, Editora Cidade Nova, São Paulo, 2015, p. 87/8.

- 4) O Mandamento Novo e o Espírito Santo. Chiara explica a seminaristas como a experiência do amor recíproco traz entre nós a presença do Espírito.

Quinto passo: o dom de uma presença

O Mandamento Novo vivido produz efeitos extraordinários. Quem começa a colocá-lo em prática, percebe, antes de tudo, um salto de qualidade em sua vida espiritual. Por exemplo, experimenta de maneira nova os dons do Espírito Santo: conhece uma alegria nova, uma paz, uma benevolência, uma magnanimidade nova (...). Porque, “onde está a caridade, aí está Deus”.

Chiara Lubich, em O Amor Mútuo, Nova, Florence Gillet, Editora Cidade São Paulo, 2013, p. 42.

- 5) Se vivemos o amor recíproco, o Espírito Santo nos torna livres e nos leva a amar e servir os outros. Chiara em mensagem telefônica às comunidades do Movimento em 19 de janeiro de 1984.

A mensagem por excelência

(...)

O Mandamento Novo é a nossa vocação. Aquele mandamento que Jesus não só chamava de “seu” e “novo”, salientando a importância que lhe dava (mesmo se “seus” e “novos” eram todos os outros que havia iniciado), mas que também os primeiros cristãos (em São João) consideravam a mensagem por excelência.

O Mandamento Novo é o nosso chamado: vocação para amar, amar sempre, para suscitar um incêndio de amor no mundo, para estarmos sempre prontos a pagar, cada dia, as nossas dívidas, dívidas de amor, (cf. Rom 13, 8). De fato, tornados libertos pelo Espírito, que habita em cada um de nós, somos conduzidos pelo mesmo Espírito (que difunde o amor em nossos corações) a amar os outros, a servir, a fazer-nos escravos dos outros, de todos.

Chiara Lubich, em O Amor Mútuo, Florence Gillet, Editora Cidade São Paulo, 2013, p. 50.

- 6) Na Trindade, o Espírito Santo procede do amor recíproco. Chiara a religiosas em 13 de maio de 1988.

A Imagem de Deus Uno e Trino

A especificidade do cristianismo é a caridade mútua. Por que é a especificidade do cristianismo? Porque o amor mútuo é a especificidade da Santíssima Trindade. A Santíssima Trindade é feita assim: uma pessoa ama a outra, é por sua vez amada, e disso procede o Espírito Santo. Portanto, pessoas como nós que seguem uma religião, a verdadeira como a nossa, em que Deus é Trino, entendem logo que a especificidade dela é o amor mútuo.

Chiara Lubich, em O Amor Mútuo, Florence Gillet, Editora Cidade São Paulo, 2013, p. 63/4.

- 7) Meditando sobre Maria e perguntando-se sobre onde ela teria encontrado força nos momentos tão difíceis que teve de enfrentar, Chiara vê que estava no Espírito Santo todo o seu sustento.

Maria e o Espírito Santo

Quando o barquinho da vida faz água e a tempestade o ameaça, pronunciamos um nome que aflora os lábios de quem sofre, até mesmo seu derradeiro suspiro: mãe. Nem sempre denota a mãe terrena; aliás, para a pessoa um pouco familiarizada com as coisas eternas, significa Maria. Isso é tão real que, frequentemente, “mãe” é o grito dos corações de Deus, nos momentos de provação. “Mãe!”

Eis aqui o segundo milagre do amor, depois da Redenção: um Deus encarnado e uma Mãe para todos. Nela, toda a esperança para o cristão. Muitas vezes, nos é espontâneo perguntar: como fez Maria para viver na terra sem poder chamar uma mãe, a Mãe, nas longas agonias de seu coração traspassado? E a inserção direta de seu espírito com Deus mostra o esplendor único, a grandeza, a singularidade daquela que “é elevada mais do que criatura”. Deus – sem dúvida – do mesmo modo que é para nós, e bem mais, foi o consolo do seu coração.

Será que ela não amava alguém que lhe representasse mais especificamente a identificação com o amor, aquilo que ela mesmo, Maria, representava para nós? Imagino que algo parecido e mais, infinitamente mais, do que encontramos em Maria, tenha ela encontrado - em sua labuta terrena a serviço do Pai, ocupando-se do Filho -, como repouso e refrigério, força e audácia, capacidade de viver, quando outras mortes a teriam esmagado, Naquele que sustentou a Igreja em sua época e em todas as épocas; o Espírito Santo. O Espírito Santo, este Deus desconhecido, que, em nossa prestação de contas final, perceberemos, com infinito pesar, não termos suficientemente amado, e venerado, e agradecido.

Ele,
a alma do Corpo Místico de Cristo,
a firmeza dos mártires de todos os tempos,
a fluência das águas vivas de todo sábio,
a luz dos enviados de Deus,
a certeza dos papas,
o mestre dos bispos,
o amigo dos ministros,
o perfume das virgens.
Ele conviveu com a Imaculada
encontrando as suas delicias em plasmar,
escondido,
a Flor das flores,
e Maria,
Nele e por Ele,
Elevou o anseio traduzido pelo coração humano
Com o doce termo “mãe”
à altura mesma de Deus.

Chiara Lubich, Ideal e Luz, Editora Brasiliense e Editora Cidade Nova, São Paulo, 2003, p.191/2.

As novidades do Espírito

Diante da Porta Santa, apenas alguns dias antes do início do grande Jubileu, ressoam nos nossos corações as palavras de João Paulo II: "A Igreja não pode preparar-se para a passagem bimilenária de outro modo que não seja no Espírito Santo. Aquilo que 'na plenitude

dos tempos' se realizou por obra do Espírito Santo, ou seja, o nascimento de Jesus, só por sua obra pode emergir agora da memória da Igreja".¹

Nestes dias, portanto, será importante para nós redescobrir o Espírito Santo. É a Pessoa divina que diz amor, que promete unidade, que garante novidade. E tudo isso nós gostaríamos de pedir e obter do Espírito Santo diante da Porta Santa que está se abrindo: amor e novidade; novidade, principalmente. O homem, cada homem, precisa das novidades do Espírito Santo. Necessita delas para descobrir Deus em ação no mundo: Deus que conduz a sua vida pessoal, a vida da comunidade que o rodeia, do povo a que pertence, da história da qual faz parte. Para apaixonar-se novamente por Deus, cada homem precisa de novidades, das suas novidades, e, desse novo amor, extrair a força para construir com ele um novo mundo, aquele sonhado pelo Menino Jesus.

E o Espírito Santo pode realizar isso, recolocando em primeiro lugar a ordem nos corações dos homens com aquele amor que os elevará às alturas para as quais eles são destinados como filhos de Deus. Mas ele também trará a ordem a tudo o que lhes diz respeito, aos muitos âmbitos em que os vê presentes: nas suas famílias, no seu agir, nas mais variadas esferas da sociedade.

Chiara Lubich. Texto extraído do sítio "web" do Centro Chiara Lubich

Homilia do papa Francisco sobre o Espírito Santo ²

O tempo Pascal que, com alegria estamos vivendo, guiado pela liturgia da Igreja, é por excelência o tempo do Espírito Santo dado “sem medida” (cf. Jo 3:34) por Jesus crucificado e ressuscitado. Este tempo de graça termina com a festa de Pentecostes, quando a Igreja revive o derramamento do Espírito Santo sobre Maria e os Apóstolos reunidos em oração no Cenáculo.

Mas quem é o Espírito Santo? No Credo professamos com fé: “Creio no Espírito Santo, que é Senhor e nos dá a vida.” A primeira verdade a qual aderimos no Credo é que o Espírito Santo é Kyrios, Senhor. Isto significa que Ele é verdadeiramente Deus, como são o Pai e o Filho, objeto, de nossa parte, do mesmo ato de adoração e glorificação que elevamos ao Pai e ao Filho. O Espírito Santo, de fato, é a terceira Pessoa da Santíssima Trindade, é o grande dom do Cristo ressuscitado que abre as nossas mentes e nossos corações à fé em Jesus como Filho enviado pelo Pai, que nos leva à amizade, à comunhão com Deus.

Mas eu quero focar no fato de que o Espírito Santo é a fonte inesgotável da vida de Deus em nós. O homem de todos os tempos e todos os lugares deseja uma vida plena e bela, justa e boa, uma vida que não seja ameaçada pela morte, mas que possa amadurecer e crescer até sua plenitude. O homem é como um viajante que, atravessando os desertos da vida, tem sede de água viva, abundante e fresca, capaz de saciar seu profundo desejo de luz, de amor, de beleza e paz. Todos nós sentimos esse desejo! E Jesus nos dá essa água viva, o Espírito Santo que procede do Pai e que Jesus derrama em nossos corações. “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”, Jesus nos diz (Jo 10,10).

Jesus promete à samaritana uma “água viva”, com abundância e para sempre a todos aqueles que O reconhecem como o Filho enviado pelo Pai para nos salvar (cf. Jo 4, 5-26; 3:17). Jesus veio para nos dar esta “água viva” que é o Espírito Santo, para que a nossa vida seja guiada por Deus, animada por Ele, alimentada por Ele. Quando dizemos que o cristão é um homem espiritual, queremos dizer exatamente isso: o cristão é alguém que pensa e age segundo

Deus, segundo o Espírito Santo. Mas me pergunto: e nós, pensamos segundo Deus? Agimos de acordo com Deus ou nos deixamos guiar por tantas outras coisas que não Deus? Cada um de nós deve responder a isto no profundo de seu coração.

Neste ponto, podemos nos perguntar: por que esta água pode saciar plenamente a nossa sede? Sabemos que a água é essencial para a vida; sem água morremos, ela sacia, lava, torna fecunda a terra. Na carta aos Romanos encontramos esta expressão: “o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (5:5). Água viva, o Espírito Santo, dom do Ressuscitado que habita em nós, nos purifica, nos ilumina, nos renova, nos transforma para que nos tornemos participantes da própria vida de Deus, que é Amor. Por isso, o apóstolo Paulo afirma que a vida do cristão é animada pelo Espírito e seus frutos, que são “amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio” (Gl 5:22-23). O Espírito Santo nos introduz à vida divina como “filhos no Filho Unigênito”.

Em outro trecho da carta aos Romanos, que já mencionamos outras vezes, São Paulo resume tudo nestas palavras: “Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus, esses são filhos de Deus. E vós... recebestes o Espírito que nos torna filhos adotivos, pelo qual clamamos: ‘Abba, Pai’!. O mesmo Espírito, em união com o nosso espírito, comprova que somos filhos de Deus e, se filhos, também herdeiros, herdeiros de Deus e coerdeiros de Cristo, se sofremos com Ele, para que também sejamos glorificados com Ele” (8, 14-17).

Este é o dom precioso que o Espírito Santo coloca em nossos corações: a própria vida de Deus, vida de verdadeiros filhos, uma relação de confiança, liberdade, confiança no amor e na misericórdia de Deus, que tem como efeito também um novo olhar ao outro, próximo ou distante, cada vez mais visto como irmão e irmã em Jesus, a ser respeitado e amado.

O Espírito Santo nos ensina a olhar com os olhos de Cristo, a viver a vida como Ele viveu, a entender a vida como Ele entendeu. É por isso que a água viva, que é Espírito Santo, sacia a nossa vida, porque nos diz que somos amados por Deus como filhos, que podemos amar Deus como filhos e que por sua graça podemos viver como filhos de Deus, como Jesus. E nós, escutamos o Espírito Santo? O que podemos dizer em relação ao Espírito? Dizem: Deus te ama. Dizem

isso a nós. Deus te ama. Nós realmente amamos Deus e os outros como Jesus?

Deixemo-nos guiar pelo Espírito Santo, que Ele nos fale ao coração e nos diga isto: que Deus é amor, que Deus nos espera, que Deus é Pai, que nos ama como um verdadeiro Pai, nos ama verdadeiramente e isso somente o Espírito Santo nos diz ao coração. Sintamos o Espírito Santo, escutamos o Espírito Santo e vamos em frente pelo caminho do amor, da misericórdia e perdão.

Catequeses do papa Francisco sobre os dons do Espírito Santo

A dom da Sabedoria

Hoje damos início a um ciclo de. Vós sabeis que o Espírito Santo constitui a alma, a linfa vital da Igreja e de cada cristão: é o Amor de Deus que faz do nosso coração a sua morada e entra em comunhão com cada um de nós. O Espírito Santo está sempre conosco, em nós, no nosso coração.

O próprio Espírito é "o dom de Deus" por excelência (cf. Jo 4, 10), um presente de Deus e, por sua vez, transmite vários dons a quantos o acolhem. A Igreja identifica sete, número que simbolicamente significa plenitude, totalidade; são aqueles que aprendemos quando nos preparamos para receber o sacramento da Confirmação e que invocamos na antiga prece da chamada "Sequência ao Espírito Santo". Os dons do Espírito Santo são os seguintes: sabedoria, entendimento, conselho, fortaleza, ciência, piedade e temor de Deus.

Portanto o primeiro dom do Espírito Santo, de acordo com este elenco, é a sabedoria. Mas não se trata simplesmente da sabedoria humana, que é fruto do conhecimento e da experiência. Na Bíblia narra-se que, no momento da sua coroação como rei de Israel, Salomão tinha pedido o dom da sapiência (cf. 1 Rs 3, 9). E a sapiência consiste precisamente nisto: é a graça de poder ver tudo com os olhos de Deus. É simplesmente isto: ver o mundo, as situações, as conjunturas e os problemas, tudo, com os olhos de Deus. Nisto consiste a sabedoria. Às vezes nós vemos a realidade segundo o nosso prazer, ou em conformidade com a situação do nosso coração, com amor ou com ódio, com inveja... Não, este não é o olhar de Deus. A sabedoria é aquilo que o Espírito Santo realiza em nós, a fim de vermos todas as realidades com os olhos de Deus. Este é o dom da sabedoria.

E obviamente ele deriva da intimidade com Deus, da relação íntima que temos com Deus, da nossa relação de filhos com o Pai. E quando mantemos esta relação, o Espírito Santo concede-nos o dom da

sabedoria. Quando estamos em comunhão com o Senhor, é como se o Espírito Santo transfigurasse o nosso coração, levando-o a sentir toda a sua veemência e predileção.

Assim, o Espírito Santo torna o cristão "sábio". Mas isto não no sentido que ele tem uma resposta para cada coisa, que sabe tudo, mas no sentido que "sabe" de Deus, sabe como Deus age, distingue quando algo é de Deus e quando não o é; tem aquela sabedoria que Deus infunde nos nossos corações. O coração do homem sábio, neste sentido, tem o gosto e o sabor de Deus. E como é importante que nas nossas comunidades haja cristãos assim! Neles tudo fala de Deus, tornando-se um sinal bonito e vivo da Sua presença e do Seu amor. É algo que não podemos improvisar, que não conseguimos alcançar sozinhos: é um dom que Deus concede àqueles que se tornam dóceis ao Espírito Santo. O Espírito Santo está dentro de nós, no nosso coração; podemos ouvi-lo, podemos escutá-lo. Se prestarmos ouvidos ao Espírito, Ele ensinar-nos-á o caminho da sabedoria, inculcar-nos-á a sabedoria, que consiste em ver com os olhos de Deus, ouvir com os ouvidos de Deus, amar com o Coração de Deus, julgar com o juízo de Deus. Esta é a sabedoria que nos confere o Espírito Santo, e todos nós podemos tê-la. Só devemos pedi-la ao Espírito Santo.

Pensai numa mãe, em casa com os seus filhos; quando um deles faz algo, o segundo pensa noutra travessura e a pobre mãe vai de um lado para o outro, com os problemas das crianças. E quando as mães se cansam e repreendem os filhos, qual é a sabedoria? Ralhar com os filhos — pergunto-vos — é sabedoria? O que dizeis: é sabedoria ou não? Não! Ao contrário, quando a mãe pega no seu filho e o repreende docilmente, dizendo-lhe: "Não faças isto, por este motivo...", explicando-lhe com muita paciência, isto é sabedoria de Deus? Sim! É quanto nos dá o Espírito Santo na vida! Além disso, por exemplo no matrimónio, os dois cônjuges — o esposo e a esposa — brigam e depois não se olham no rosto, ou quando se olham fazem-no de cara torta: isto é sabedoria de Deus? Não! Ao contrário, quando dizem: "Bem, passou a tempestade, façamos as pazes", e retomam o caminho em frente, em paz: isto é sabedoria? [o povo: sim!]. Eis no que consiste o dom da sabedoria! Que haja em casa, com as crianças e com todos nós!

E isto não se aprende: trata-se de um dom do Espírito Santo. Por isso, devemos pedir ao Senhor que nos conceda o Espírito Santo e

nos confira a dádiva da sabedoria, daquela sapiência de Deus que nos ensina a ver com os olhos de Deus, a sentir com o Coração de Deus e a falar com as palavras de Deus. E assim, com esta sabedoria, vamos em frente, construamos a família, edifiquemos a Igreja santificando-nos a todos. Hoje peçamos a graça da sabedoria. E peçamo-la a Nossa Senhora, que é a Sede da sabedoria, deste dom: que Ela nos conceda esta graça (9 /04/2014)

O dom do Entendimento

Depois de ter meditado sobre a sabedoria, como primeiro dos sete dons do Espírito Santo, gostaria hoje de chamar a atenção para o segundo dom, ou seja, o entendimento. Aqui, não se trata da inteligência humana, da capacidade intelectual de que podemos ser mais ou menos dotados. Ao contrário, é uma graça que só o Espírito Santo pode infundir e que suscita no cristão a capacidade de ir além do aspecto externo da realidade e perscrutar as profundidades do pensamento de Deus e do seu desígnio de salvação.

Dirigindo-se à comunidade de Corinto, o apóstolo Paulo descreve bem os efeitos deste dom — ou seja, como age em nós o dom do entendimento — e Paulo diz o seguinte: "Coisas que os olhos não viram, nem os ouvidos ouviram, nem o coração humano imaginou, tais são os bens que Deus preparou para aqueles que o amam. Todavia, Deus no-los revelou pelo seu Espírito" (1 Cor 2, 9-10). Obviamente, isto não significa que o cristão pode compreender tudo e ter um conhecimento completo dos desígnios de Deus: tudo isto permanece à espera de se manifestar em toda a sua limpidez, quando nos encontrarmos na presença de Deus e formos verdadeiramente um só com Ele. No entanto, como sugere a própria palavra, a inteligência permite "intus legere", ou seja, "ler dentro": esta dádiva faz-nos compreender a realidade como o próprio Deus a entende, isto é, com a inteligência de Deus. Porque podemos compreender uma situação com a inteligência humana, com prudência, e isto é um bem. Contudo, compreender uma situação em profundidade, como Deus a entende, é o efeito deste dom. E Jesus quis enviar-nos o Espírito Santo para que também nós tenhamos este dom, para que todos nós consigamos entender a realidade como Deus a compreende, com a inteligência de Deus. Trata-se de um bonito presente que o Senhor concedeu a todos nós. É o dom com que o Espírito Santo nos introduz na intimidade com Deus, tornando-nos partícipes do

desígnio de amor que Ele tem em relação a nós.

Então, é claro que o dom do entendimento está intimamente ligado à fé. Quando o Espírito Santo habita o nosso coração e ilumina a nossa mente, faz-nos crescer dia após dia na compreensão daquilo que o Senhor disse e levou a cabo. O próprio Jesus disse aos seus discípulos: enviar-vos-ei o Espírito Santo e Ele far-vos-á entender tudo o que vos ensinei. Compreender os ensinamentos de Jesus, entender a sua Palavra, compreender o Evangelho, entender a Palavra de Deus. Podemos ler o Evangelho e entender algo, mas se lermos o Evangelho com este dom do Espírito Santo conseguiremos compreender a profundidade das palavras de Deus. Este é um grande dom, uma dádiva enorme que todos nós devemos pedir, e pedir juntos: concedei-nos, ó Senhor, o dom do entendimento!

Há um episódio do Evangelho de Lucas que explica muito bem a profundidade e a força deste dom. Depois de ter assistido à morte na Cruz e à sepultura de Jesus, dois dos seus discípulos, desiludidos e amargurados, deixam Jerusalém e voltam para o seu povoado chamado Emaús. Enquanto caminham, Jesus ressuscitado aproxima-se deles e começa a falar-lhes mas os seus olhos, velados pela tristeza e até pelo desespero, não são capazes de o reconhecer. Jesus caminha ao seu lado, mas eles sentem-se tão tristes, tão desesperados, que não o reconhecem. Contudo, quando o Senhor lhes explica as Escrituras para que compreendam que Ele devia ter sofrido e morrido para depois ressuscitar, as suas mentes abriram-se e nos seus corações voltou a acender-se a esperança (cf. Lc 24, 13-27). E é isto que nos faz o Espírito Santo: abre-nos a mente, abre-nos para nos fazer entender melhor, para nos levar a compreender melhor as disposições de Deus, as realidades humanas, as situações, tudo. O dom do entendimento é importante para a nossa vida cristã. Peça-mos ao Senhor que nos conceda a todos este dom, a fim de nos fazer compreender, como Ele mesmo entende, as situações que acontecem e para que compreendamos, sobretudo, a Palavra de Deus no Evangelho. (304/ 2014).

O dom do Conselho

Na intimidade com Deus e na escuta da sua Palavra, começamos gradualmente a abandonar a nossa lógica pessoal, ditada muitas vezes pelos nossos fechamentos, preconceitos e ambições, e apren-

demos a perguntar ao Senhor: qual é o teu desejo? Qual é a tua vontade? O que te agrada? Deste modo, amadurece em nós uma sintonia profunda, quase conatural no Espírito e podemos experimentar como são verdadeiras as palavras de Jesus apresentadas no Evangelho de Mateus: "Não vos preocupeis com o que haveis de falar nem com o que haveis de dizer; ser-vos-á inspirado o que tiverdes de dizer. Não sereis vós a falar, é o Espírito do vosso Pai que falará por vós" (10, 19-20). É o Espírito que vos aconselha, mas devemos dar espaço ao Espírito, para que possa aconselhar. E dar espaço é rezar para que Ele venha e nos ajude sempre.

Como todos os outros dons do Espírito também o conselho constitui um tesouro para toda a comunidade cristã. O Senhor não nos fala só na intimidade do coração, fala-nos sim mas não só ali, fala-nos também através da voz e do testemunho dos irmãos. É deveras um dom importante poder encontrar homens e mulheres de fé que, sobretudo nos momentos mais complicados e importantes da nossa vida, nos ajudam a iluminar o nosso coração e a reconhecer a vontade do Senhor!

Recordo-me que uma vez no santuário de Luján, estava no confessional, diante do qual havia uma fila longa. Tinha também um jovem muito moderno, com brincos, tatuagens, todas estas coisas... Veio para me dizer o que lhe acontecia. Era um problema grave, difícil. E disse-me: contei tudo à minha mãe e ela disse-me: conta isto a Nossa Senhora e Ela dir-te-á o que deves fazer. Eis uma mulher que tinha o dom do conselho. Não sabia como resolver o problema do filho, mas indicou a estrada justa: vai ter com Nossa Senhora e Ela dirá. Este é o dom do conselho. Aquela mulher humilde, simples, deu ao filho o conselho mais verdadeiro. De facto, o jovem disse-me: olhei para Nossa Senhora e sinto que devo fazer isto, isto e isto... Nem precisei de falar, já tinham falado tudo a sua mãe e o próprio jovem. Este é o dom do conselho. Vós mães tendes este dom, pedi-o para os vossos filhos, o dom de aconselhar os filhos é um dom de Deus.

Queridos amigos, o Salmo 16, que acabamos de ouvir, convida-nos a rezar com estas palavras: «Bendito o Senhor que me aconselha; durante a noite a minha consciência me adverte. Tenho sempre o Senhor diante dos meus olhos, está à minha direita e jamais vacilarei» (vv. 7-8). Que o Espírito possa infundir sempre no nosso coração esta certeza e encher-nos da sua consolação e paz! Pedi sempre o dom do conselho. (14/05/2014)

O dom da Fortaleza

Existe uma parábola, narrada por Jesus, que nos ajuda a compreender a importância deste dom. Um semeador foi semear; porém, nem toda a semente que lançava dava fruto. A parte que caiu à beira do caminho foi comida pelas aves; a que caiu em terreno pedregoso ou no meio da sarça brotou, mas foi imediatamente secada pelo sol ou sufocada pelos espinhos. Só a que caiu em boa terra germinou e deu fruto (cf. Mc 4, 3-9; Mt 13, 3-9; Lc 8, 4-8). Como o próprio Jesus explica aos discípulos, este semeador representa o Pai, que lança abundantemente a semente da sua Palavra. A semente, contudo, depara-se com a aridez do nosso coração e, mesmo quando é acolhida, corre o risco de permanecer estéril. Ao contrário, com o dom da fortaleza, o Espírito Santo liberta o terreno do nosso coração, liberta-o do torpor, das incertezas e de todos os temores que podem detê-lo, de modo que a Palavra do Senhor seja posta em prática, de forma autêntica e jubilosa. Este dom da fortaleza é uma verdadeira ajuda, dá-nos força, liberta-nos também de tantos impedimentos.

Há inclusive alguns momentos difíceis e situações extremas em que o dom da fortaleza se manifesta de forma extraordinária, exemplar. É o caso daqueles que devem enfrentar experiências particularmente difíceis e dolorosas, que transtornam a sua vida e a dos seus entes queridos. A Igreja resplandece com o testemunho de muitos irmãos e irmãs que não hesitaram em oferecer a própria vida, para permanecer fiéis ao Senhor e ao Evangelho. Também hoje não faltam cristãos que em várias partes do mundo continuam a celebrar e a testemunhar a sua fé, com profunda convicção e serenidade, e resistem mesmo quando sabem que isso pode implicar um preço mais alto. Também nós, todos nós, conhecemos pessoas que viveram situações difíceis, muitas dores. Mas, pensemos naqueles homens, naquelas mulheres, que enfrentam um vida difícil, lutam para sustentar a família, educar os filhos: fazem tudo isto porque há o espírito de fortaleza que os ajuda. Quantos homens e mulheres — nós não conhecemos os seus nomes — honram o nosso povo, honram a nossa Igreja, porque são fortes: fortes ao levar em frente a própria vida, a própria família, o seu trabalho, a sua fé. Estes nossos irmãos e irmãs são santos, santos no dia-a-dia, santos escondidos no meio de nós: têm precisamente o dom da fortaleza para cumprir o seu dever de pessoas, pais, mães, irmãos, irmãs, cidadãos. Temos muitos! Agradecemos ao Senhor por estes cristãos que têm uma santidade escondida: é o Espírito Santo que têm dentro que os leva em frente!

E far-nos-á bem pensar nestas pessoa: se eles têm tudo isto, se eles o podem fazer, por que nós não? E far-nos-á bem também pedir ao Senhor que nos dê o dom da fortaleza.

Não devemos pensar que o dom da fortaleza seja necessário só em determinadas ocasiões e situações particulares. Este dom deve constituir o fundamento do nosso ser cristãos, na ordinarydade da nossa vida quotidiana. Como disse, em todos os dias da vida quotidiana devemos ser fortes, precisamos desta fortaleza, para fazer avançar a nossa vida, a nossa família, a nossa fé. O apóstolo Paulo pronunciou uma frase que nos fará bem ouvir: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fl 4, 13). Quando enfrentamos a vida comum, quando chegam as dificuldades, recordemos isto: "Tudo posso naquele que me fortalece". O Senhor dá a força, sempre, não a faz faltar. O Senhor não nos dá prova maior da que pudemos suportar. Ele está sempre conosco. "Tudo posso naquele que me fortalece".

Queridos amigos, por vezes, podemos ser tentados a deixar-nos levar pela inércia ou pior pelo desconforto, sobretudo diante das dificuldades e das provações da vida. Nestes casos, não desanimemos, invoquemos o Espírito Santo, para que com o dom da fortaleza possa aliviar o nosso coração e comunicar nova força e entusiasmo à nossa vida e à nossa sequela de Jesus (21 de Maio de 2014).

O dom da Ciência

Hoje, gostaria de elucidar mais um dom do Espírito Santo, a dádiva da ciência. Quando se fala de ciência, o pensamento dirige-se imediatamente para a capacidade que o homem tem de conhecer cada vez melhor a realidade que o circunda e de descobrir as leis que regulam a natureza e o universo. Contudo, a ciência que deriva do Espírito Santo não se limita ao conhecimento humano: trata-se de um dom especial, que nos leva a entender, através da criação, a grandeza e o amor de Deus e a sua profunda relação com cada criatura.

Quando são iluminados pelo Espírito, os nossos olhos abrem-se à contemplação de Deus, na beleza da natureza e na grandiosidade do cosmos, levando-nos a descobrir como tudo nos fala d'Ele e do seu amor. Tudo isto suscita em nós um grandioso enlevo e um profundo sentido de gratidão! É a sensação que sentimos também quando admiramos uma obra de arte, ou qualquer maravilha que

seja fruto do engenho e da criatividade do homem: diante de tudo isto, o Espírito leva-nos a louvar o Senhor do profundo do nosso coração e a reconhecer, em tudo aquilo que temos e somos, é um dom inestimável de Deus e um sinal do seu amor infinito por nós.

No primeiro capítulo do Génesis, precisamente no início da Bíblia inteira, põe-se em evidência que Deus se compraz com a sua criação, sublinhando reiteradamente a beleza e a bondade de tudo. No final de cada dia está escrito: "Deus viu que isso era bom" (1, 12.18.21.25): se Deus vê que a criação é boa, é bela, também nós devemos assumir esta atitude e ver que a criação é boa e bela. Eis o dom da ciência, que nos faz ver esta beleza; portanto, louvemos a Deus, dando-lhe graças por nos ter concedido tanta beleza! E quando Deus terminou de criar o homem, não disse "viu que isso era bom", mas disse que era «muito bom» (v. 31). Aos olhos de Deus, nós somos a realidade mais bela, maior, mais boa da criação: até os anjos estão abaixo de nós, nós somos mais do que os anjos, como ouvimos no livro dos Salmos. O Senhor ama-nos! Devemos dar-lhe graças por isto. O dom da ciência põe-nos em profunda sintonia com o Criador, levando-nos a participar na limpidez do seu olhar e do seu juízo. E é nesta perspectiva que nós conseguimos encontrar no homem e na mulher o ápice da criação, como cumprimento de um desígnio de amor que está gravado em cada um de nós e que nos faz reconhecer como irmãos e irmãs.

Tudo isto é motivo de serenidade e de paz, e faz do cristão uma testemunha jubilosa de Deus, no sulco de São Francisco de Assis e de muitos santos que souberam louvar e cantar o seu amor através da contemplação da criação. Mas ao mesmo tempo, o dom da ciência ajuda-nos a não cair nalgumas atitudes excessivas ou erradas. A primeira é constituída pelo risco de nos considerarmos senhores da criação. A criação não é uma propriedade, que podemos manipular a nosso bel-prazer; nem muito menos uma propriedade que pertence só a alguns, a poucos: a criação é um dom, uma dádiva maravilhosa que Deus nos concedeu, para a cuidarmos e utilizarmos em benefício de todos, sempre com grande respeito e gratidão. A segunda atitude errada é representada pela tentação de nos limitarmos às criaturas, como se elas pudessem oferecer a resposta a todas as nossas expectativas. Com o dom da ciência, o Espírito ajuda-nos a não cair neste erro.

Mas gostaria de voltar a meditar sobre o primeiro caminho errado: manipular a criação, em vez de a preservar. Devemos conservar a

criação, porque é uma dádiva que o Senhor nos concedeu, um dom que Deus nos ofereceu; nós somos guardas da criação. Quando exploramos a criação, destruímos o sinal do amor de Deus. Destruir a criação significa dizer ao Senhor: "Não me agrada". E isto não é bom: eis o pecado!

A preservação da criação é precisamente a conservação do dom de Deus; e significa dizer a Deus: "Obrigado, eu sou o guardião da criação, mas para a fazer prosperar, e não para destruir a tua dádiva!". Esta deve ser a nossa atitude em relação à criação: preservá-la, pois se aniquilarmos a criação, será ela que nos destruirá! Não esqueçais isto! Certa vez eu estava no campo e ouvi o dito de uma pessoa simples, que gostava muito de flores e que as preservava. Ela disse-me: "Devemos conservar estas belezas que Deus nos concedeu; a criação é para nós, a fim de beneficiarmos dela; não a devemos explorar, mas conservar, porque Deus perdoa sempre; nós, homens, perdoamos algumas vezes, mas a criação nunca perdoa, e se tu não a preservares, ela destruir-te-á!".

Isto nos leve a pensar e a pedir ao Espírito Santo a dádiva da ciência, para compreender bem que a criação é o dom mais bonito de Deus. Ele fez muitas coisas boas para a melhor coisa, que é a pessoa humana (04/06 2014.)

O dom da Piedade

Hoje desejamos meditar sobre um dom do Espírito Santo que muitas vezes é mal entendido ou considerado de modo superficial mas, ao contrário, refere-se ao cerne da nossa identidade e da nossa vida cristã: trata-se do dom da piedade.

É necessário esclarecer imediatamente que este dom não se identifica com a compaixão por alguém, a piedade pelo próximo, mas indica a nossa pertença a Deus e o nosso vínculo profundo com Ele, um elo que dá sentido a toda a nossa vida e que nos mantém firmes, em comunhão com Ele, até nos momentos mais difíceis e atormentados.

Este vínculo com o Senhor não deve ser entendido como um dever ou imposição. É uma ligação que vem de dentro. Trata-se de uma relação vivida com o coração: é a nossa amizade com Deus que nos foi concedida por Jesus, uma amizade que transforma a nossa vida

e nos enche de entusiasmo e alegria. Por isso, o dom da piedade suscita em nós, antes de tudo, a gratidão e o louvor. Com efeito, este é o motivo e o sentido mais autêntico do nosso culto e da nossa adoração. Quando o Espírito Santo nos faz sentir a presença do Senhor e todo o seu amor por nós, aquece o nosso coração e leva-nos quase naturalmente à oração e à celebração. Portanto, piedade é sinónimo de espírito religioso genuíno, de confiança filial em Deus e da capacidade de lhe rezar com amor e simplicidade, que é própria das pessoas humildes de coração.

Se o dom da piedade nos faz crescer na relação e na comunhão com Deus, levando-nos a viver como seus filhos, ao mesmo tempo ajuda-nos a derramar este amor também sobre os outros e a reconhecê-los como irmãos. Então, sim, seremos impelidos por sentimentos de piedade — não de pietismo! — pelos que estão ao nosso lado e por quantos encontramos todos os dias. Por que razão digo não de pietismo? Porque alguns pensam que ter piedade significa fechar os olhos, fazer cara de santinho, disfarçar-se de santo. Em piemontês nós dizemos: ser "mugna quacia" ("fingido"). Não é esta a dádiva da piedade. O dom da piedade significa ser verdadeiramente capaz de se alegrar com quantos estão alegres, de chorar com quem chora, de estar próximo daquele que está sozinho ou angustiado, de corrigir quantos erram, de consolar quem está aflito, de acolher e socorrer aquele que está em necessidade. Há uma relação muito estreita entre o dom da piedade e mansidão. A dádiva da piedade, que recebemos do Espírito Santo, torna-nos mansos, tranquilos, pacientes e em paz com Deus, pondo-nos ao serviço do próximo com mansidão.

Caros amigos, na Carta aos Romanos o apóstolo Paulo afirma: "Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Porquanto, não recebestes um espírito de escravidão para viverdes ainda no temor, mas recebestes o espírito de adopção pelo qual clamamos: 'Aba! Pai!'" (Rm 8, 14-15). Peçamos ao Senhor que a dádiva do seu Espírito possa vencer o nosso temor, as nossas incertezas e até o nosso espírito irrequieto, impaciente, e possa tornar-nos testemunhas jubilosas de Deus e do seu amor, adorando o Senhor na verdade e também no serviço ao próximo com mansidão e com o sorriso que o Espírito Santo sempre nos proporciona na alegria. Que o Espírito Santo nos conceda a todos este dom da piedade.

O Temor de Deus

O dom do temor de Deus, do qual hoje falamos, conclui a série dos sete dons do Espírito Santo. Não significa ter medo de Deus: sabemos que Deus é Pai e nos ama, quer a nossa salvação e nos perdoa sempre; por isso, não há motivo para ter medo dele! Ao contrário, o temor de Deus é o dom do Espírito que nos recorda como somos pequenos diante de Deus e do seu amor, e que o nosso bem está no nosso abandono com humildade, respeito e confiança nas suas mãos. Este é o temor de Deus: o abandono à bondade do nosso Pai, que nos ama imensamente.

Quando o Espírito Santo faz a sua morada no nosso coração, infunde-nos consolação e paz, levando-nos a sentir-nos como somos, isto é pequeninos, com aquela atitude — tão recomendada por Jesus no Evangelho — de quem põe todas as suas preocupações e expectativas em Deus, sentindo-se abraçado e sustentado pelo seu calor e pela sua salvaguarda, precisamente como uma criança com o seu pai! É isto que faz o Espírito Santo nos nossos corações: leva-nos a sentir-nos como crianças no colo do nosso pai. Então, neste sentido compreendemos bem que o temor de Deus assume em nós a forma da docilidade, do reconhecimento e do louvor, enchendo de esperança o nosso coração. Com efeito, muitas vezes não conseguimos entender o desígnio de Deus e damos-nos conta de que não somos capazes de assegurar sozinhos a nossa felicidade e a vida eterna. Mas é precisamente na experiência dos nossos limites e da nossa pobreza que o Espírito nos conforta e nos leva a sentir que a única coisa importante é deixar-nos conduzir por Jesus para os braços do seu Pai.

Eis por que motivo temos tanta necessidade deste dom do Espírito Santo. O temor de Deus faz-nos ter consciência de que tudo é graça e que a nossa verdadeira força consiste unicamente em seguir o Senhor Jesus e em deixar que o Pai possa derramar sobre nós a sua bondade e misericórdia. Abramos o coração, para receber a bondade e a misericórdia de Deus. É isto que faz o Espírito Santo mediante o dom do temor de Deus: abre os corações. Mantenhamos o coração aberto para deixar entrar o perdão, a misericórdia, a bondade e os afagos do Pai, porque nós somos filhos infinitamente amados.

Quando estamos cheios do temor de Deus, então somos levados a

seguir o Senhor com humildade, docilidade e obediência. Mas isto não com atitude resignada e passiva, até lamentosa, mas com a admiração e a alegria de um filho que se reconhece servido e amado pelo Pai. Portanto, o temor de Deus não faz de nós cristãos tímidos e remissivos, mas gera em nós coragem e força! É uma dádiva que faz de nós cristãos convictos e entusiastas, que não permanecem submetidos ao Senhor por medo, mas porque se sentem comovidos e conquistados pelo seu amor! Ser conquistado pelo amor de Deus! Isto é bom! Deixemo-nos conquistar por este amor de pai, que nos ama muito, que nos ama com todo o seu coração.

Mas estejamos atentos, pois a dádiva de Deus, o dom do temor de Deus constitui também um "alarme" diante da obstinação do pecado. Quando uma pessoa vive no mal, quando blasfema contra Deus, quando explora o próximo, quando tiraniza contra ele, quando vive só para o dinheiro, a vaidade, o poder ou o orgulho, então o santo temor de Deus alerta-nos: atenção! Com todo este poder, com todo este dinheiro, com todo o teu orgulho, com toda a tua vaidade não serás feliz! Ninguém consegue levar consigo para o além o dinheiro, o poder, a vaidade ou o orgulho. Nada! Só podemos levar o amor que Deus Pai nos concede, as carícias de Deus, aceites e recebidas por nós com amor. E podemos levar aquilo que fizemos pelo próximo. Estejamos atentos a não pôr a esperança no dinheiro, no orgulho, no poder e na vaidade, pois tudo isto não nos pode prometer nada de bom! Por exemplo, penso nas pessoas que têm responsabilidades sobre os outros e se deixam corromper; pensais que uma pessoa corrupta será feliz no além? Não, todo o fruto do seu suborno corrompeu o seu coração e será difícil alcançar o Senhor. Penso em quantos vivem do tráfico de pessoas e do trabalho escravo; pensais que quantos traficam pessoas, que exploram o próximo com o trabalho escravo têm o amor de Deus no seu coração? Não, não têm temor de Deus e não são felizes. Não o são! Penso naqueles que fabricam armas para fomentar as guerras; mas que profissão é esta! Estou convicto de que se agora eu vos dirigir a pergunta: quantos de vós sois fabricantes de armas? Nenhum, ninguém! Estes fabricantes de armas não vêm para ouvir a Palavra de Deus! Eles fabricam a morte, são mercantes de morte, fazem da morte mercadoria. Que o temor de Deus os leve a compreender que um dia tudo acaba e que deverão prestar contas a Deus.

Caros amigos, o Salmo 34 leva-nos a rezar assim: "Quando um

pobre invoca o Senhor, Ele atende-o e liberta-o de todas as suas angústias. O anjo do Senhor assenta os seus arraiais em redor dos que O temem e os salva" (vv. 7-8). Peçamos ao Senhor a graça de unir a nossa voz à dos pobres, para acolher o dom do temor de Deus e poder reconhecer-nos, juntamente com eles, revestidos de misericórdia e de amor a Deus, que é o nosso Pai, o nosso pai. (11/06/2014).



